



Universidade do Algarve

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Escola Superior de Educação

O Futuro da Carreira Docente: Representações de Docentes em Final de Carreira

(ANEXOS)

**Mestrado em Supervisão – Especialização em 1º Ciclo do
Ensino Básico**

Paula Cristina Rodrigues Duarte Marquês Costa

**Faro
2007**

Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Escola Superior de Educação

O Futuro da Carreira Docente: Representações de Docentes em Final de Carreira

(ANEXOS)

**Mestrado em Supervisão – Especialização em 1º Ciclo do
Ensino Básico**

Orientador: Professor Doutor José Alberto Mendonça Gonçalves

Paula Cristina Rodrigues Duarte Marquês Costa

Faro
2007

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	Guião da Entrevista	3
ANEXO 2	Protocolo e Tratamento da Entrevista 1.....	6
	2 A – Protocolo da entrevista 1	7
	2 B – Primeiro tratamento da entrevista 1	24
	2 C – Pré-categorização da entrevista 1	34
	2 D – Categorização da entrevista 1	48
ANEXO 3	Protocolo e Tratamento da Entrevista 2	66
	3 A – Protocolo da entrevista 2	67
	3 B – Primeiro tratamento da entrevista 2	84
	3 C – Pré-categorização da entrevista 2	94
	3 D – Categorização da entrevista 2	108
ANEXO 4	Análise de Conteúdo (Quadro Geral de Comparação de Dados)	128
ANEXO 5	Questionário	135

ANEXO 1

GUIÃO DA ENTREVISTA

Guião da Entrevista

Tema: Representações dos docentes em final de carreira acerca do futuro da carreira docente.

Objectivo geral:

- Perspectivar o futuro da carreira docente, de acordo com as representações de professores em fim de carreira.

Designação dos Blocos	Objectivos específicos	Formulário de perguntas	Observação
<p style="text-align: center;">A</p> <p>■ Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado</p>	<p>► Legitimar a entrevista.</p> <p>► Motivar o entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado dos objectivos do trabalho de investigação; • Informar o entrevistado da finalidade da entrevista; • Solicitar o seu contributo indispensável à realização do trabalho de investigação; • Garantir-lhe todo o apoio possível, numa base de cooperação, no decorrer da entrevista; • Garantir o anonimato e a confidencialidade da informação; • Solicitar autorização para gravar a entrevista. 	<p>Tempo médio: 5 a 10 m</p>
<p style="text-align: center;">B</p> <p>■ Exigências da Carreira Docente a curto e médio prazo.</p>	<p>► Identificar possíveis exigências da Carreira Docente a curto e médio prazo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Inquirir o entrevistado sobre quais as possíveis exigências da Carreira Docente a curto e médio prazo, em termos de: <ul style="list-style-type: none"> - formação contínua; - aspectos pedagógicos; - aspectos relacionais; - avaliação. 	<p>Tempo médio: 10 m</p>

<p>C</p> <p>■ Formas de adaptação às mudanças na Carreira Docente.</p>	<p>► Conhecer formas dos docentes se adaptarem às mudanças na Carreira Docente.</p>	<p>● Inquirir acerca de possíveis formas dos docentes se adaptarem às mudanças que se perspectivam, a nível de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - formação contínua; - campo pedagógico; - campo relacional; - avaliação. 	<p>Tempo médio: 20 m</p>
<p>D</p> <p>■ Competências para a docência.</p>	<p>► Identificar as competências exigidas aos docentes.</p>	<p>● Inquirir o entrevistado sobre possíveis competências exigidas aos docentes para transporem os desafios que se avizinham, a nível:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pessoal; - interpessoal; - técnico; - metodológico; - didáctico; - relacional. 	<p>Tempo médio: 20 m</p>
<p>E</p> <p>■ Estratégias de apoio à classe docente.</p>	<p>► Conhecer estratégias de apoio à classe docente, para fazer face às mudanças identificadas.</p>	<p>● Inquirir sobre estratégias de apoio aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas, designadamente quanto ao (à):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento/apoio; - Colaboração/cooperação; - Intercâmbio de experiências e conhecimentos; 	<p>Tempo médio: 20 m</p>
<p>F</p> <p>■ Formação Inicial de professores.</p>	<p>► Conhecer estratégias de acção para a Formação Inicial de Professores, com vista a proporcionar-lhes um desenvolvimento</p>	<p>● Inquirir sobre possíveis estratégias de acção para a Formação Inicial de Professores, numa perspectiva de os preparar profissionalmente, a nível de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento/apoio; - experiência prática; - competência técnico-didáctica; 	<p>Tempo médio: 20 m</p>

	profissional sustentado na flexibilidade.	<ul style="list-style-type: none">- construção de conhecimentos;- autoconfiança;- dinamismo;- capacidade crítica;- capacidade de análise;- capacidade de reflexão.	
--	---	---	--

ANEXO 2

PROTOCOLO E TRATAMENTO DA ENTREVISTA 1

PROTOCOLO DA ENTREVISTA 1

Or: De acordo com a sua vasta experiência em termos de Carreira Docente, quais são as possíveis exigências que pensa que se podem colocar aos professores em termos de Formação Contínua?

Ent: Ora, em primeiro lugar devo dizer o que penso sobre a Formação Contínua que temos neste momento. Ela deve estar sempre presente no percurso profissional de qualquer actor educativo e que devem ser accionados mecanismos por forma a que todos os docentes sejam contemplados com essa formação. No momento actual, contudo, discordo do modo como ela se pratica e a forma como nos é imposta.

Or: Acha que devia haver mudanças nesse sentido?

Ent: Acho. Actualmente... a forma motivadora que impele o docente a frequentar as acções é o facto de ser obrigado a apresentar créditos, para poder progredir. Portanto, esse facto logo à partida corta todo o valor intrínseco de uma boa formação, porque nos é imposta, não é genuína, não é criativa, não é a que nós necessitamos. É aquela que para nós é mais fácil praticar... para obter os créditos e subir de escalão.

Or: E em relação ao aspecto pedagógico, quais são as exigências que considera que os professores irão ter que enfrentar no futuro?

Ent: Ainda no contexto da Formação que temos penso que, no aspecto pedagógico, também a acção educativa deverá actualizar os docentes através de documentos que nem sempre temos à mão e que nos devem chegar para estarmos a par de tudo... sobre assuntos que não tratamos todos os dias. Ela deverá proporcionar uma troca de experiências, troca de saberes, relatos de vivências diversificadas do quotidiano, abordagens de situações diferentes. Melhor, ela deveria proporcionar a todos os docentes que pudessem falar de mundos diferentes. O que nesta formação actual não é possível.

Or: É uma lacuna...

Ent: É uma lacuna. Portanto, eu penso que talvez fosse melhor como, por exemplo, claro que há muitas saídas, nem todas são boas e não vão agradar nem a gregos nem a troianos, mas por

exemplo, todos os períodos nós temos três dias para avaliações, bastava termos disponível um dia, a nível nacional, todas as pessoas iam para a sua Escola, não tinham que se deslocar, não tinham que mudar a rotina das suas famílias e do seu dia-a-dia, e aí iria um formador às Escolas e fariamos uma formação que seria abrangente e que ninguém ficaria de fora... De acordo com as necessidades de cada Escola. Aí cada Escola por exemplo tinha, há uma necessidade premente na Matemática... Eu sei que agora nas Provas Aferidas foram escolhidas Escolas, e a nossa foi uma delas... onde atrás, há uns anos atrás houve uma... baixa nota a Matemática. Portanto, seria altura óptima para a Escola reflectir, ver a necessidade que tinha e então, uma vez por período, apanhariam os docentes todos... e far-se-ia essa formação, com a reflexão de todos e arranjaríamos estratégias para aquela necessidade real...

Or: Apoiando os professores mesmo em termos pedagógicos, directamente na sua acção na sala de aula...

Ent: Exactamente.

Or: No que respeita a aspectos relacionais, como é que acha que o professor deve estar preparado para enfrentar as mudanças em termos relacionais?

Ent: Bem, eu devo parecer o velho do Restelo mas realmente esta formação que temos a mim não me satisfaz e também acho aqui o feed-back negativo. Porque... e porquê? O dia-a-dia do professor não se insere numa acção de formação que seja por aí inovadora. Insere-se numa formação onde queira aprofundar certas matérias. Ele inscreve-se numa acção que, por vezes são assuntos que ele já conhece muito bem, porquê? Porque depois tem que apresentar o produto final e se souber, facilita-lhe o trabalho. Depois escolhe uma acção de formação que tem um calendário mais sugestivo, para perder menos tempo e depois sabe que tem que apresentar um produto final. Ora esse produto final, muitas vezes, faz com que essa relação que devia haver, genuína e franca, entre os professores, não exista. Há é hipocrisia porque nos dias de hoje estamos numa sociedade muito, muito competitiva e todas querem ser estrelas ao mesmo tempo.

Or: Considera então que a base de harmonia se situa numa relação mais próxima entre os professores?

Ent: Exactamente. Onde o interesse seja a realidade Escola. Porque há uns anos atrás, e eu posso dizer isto bem porque eu tirei o meu curso em 74/75 e faço... o antes e o agora... Na altura as acções de formação chamavam-se reciclagens. Nós íamos para ali, tratávamos os assuntos, relacionávamo-nos linda, lindamente, gostávamos do que fazíamos, no fim fazíamos convívios, convívios tão bons, tão bons, ali aprendíamos tanto, que a nossa tentação era ir de futuro logo para a sala para pormos na sala o que tínhamos aprendido ali. Agora não sucede isso. Agora nós estamos ali, ajude-me aqui, ajude-me ali... e às vezes isso não serve, não é?

Or: Parte então do princípio que uma boa conjugação de esforços entre professores, irá trazer benefícios para a sala de aula, para os alunos?

Ent: Exacto. Exactamente... É mesmo o que nós queremos. Nós queremos ensinar as crianças a partilhar, nós pomos os nossos alunos, eu pelo menos a minha estratégia é pôr um aluno mais fraco perto de um que seja melhor e digo-lhe mesmo, olha tu és guardião daquele, tu és parceiro, explico-lhes o que é trabalhar em parceria, ajudo a resolver o problema um do outro. É o que nós queremos transmitir, mas depois vamos para a formação e isso não sucede.

Or: No que respeita à avaliação, o que é que considera que se irá impor aos docentes no futuro?

Ent: Eu acho que... aaa... por muito, e agora vou usar um termo um bocadinho... na berra [rindo], por muito rasca que seja uma acção de formação, por muito rasca, ela diz-nos sempre qualquer coisa. Basta estarmos atentos, basta conhecermos melhor o alvo e a postura deste ou daquele, ela diz-nos sempre qualquer coisa. Temos que estar atentos e interessados... Por isso eu acho que é melhor termos as acções de formação que temos do que não termos nenhuma.

Or: Acha que as Acções de Formação podem contribuir para a avaliação que o Ministério da Educação faz de cada professor?

Ent: No momento actual não. Porque eu já estive em Acções de Formação em que o produto final que por vezes as pessoas apresentavam não era delas. Isso não diz ao Ministério a qualidade dos professores, porque é muito giro, quer dizer, e daí lá está, daí na Acção de Formação todas e a maior parte das pessoas se debater por trabalho em grupo. Porque quando o trabalho é individual, aí já pia mais fino. Porque quando é em grupo... é diferente... A pessoa pronto, elas arranjam... hoje em dia há muita maneira, há a Internet, há os nossos

filhos que alguns que já são formados e outros que já são doutorados e que dão um apoio, dão assim, olha faz assim. Portanto ela não é genuína, e como não é genuína eu penso que o Ministério não, neste momento, ele não pode fazer nenhum feed-back dos professores que tem.

Or: Na sua opinião, como se deverá processar a avaliação dos professores de forma a evidenciar a sua qualidade? Para que o Ministério saiba, na realidade, os professores que tem?

Ent: Eu acho que, para isso, teria que haver uma volta muito grande, muito grande, muito grande, muito grande. E essa volta, eu penso que ela só vai existir daqui a uns anos e ela tem que começar na ESE. Ela tem que começar na ESE na Formação dos professores. Só com remodelações de fundo [ênfatisando] é que poderá um dia o Ministério saber aquilo que tem. Porque assim é difícil, é muito difícil. E para isso terá que estar mais próximo dos professores, arranjar uma forma de contactar directamente com o trabalho dos professores... Infelizmente o que é que sucede hoje em dia, hoje em dia sucede assim: estamos numa Escola, são mais os pais que nos avaliam, que nos conhecem, que nos dão valor do que propriamente os nossos superiores. E isso sucede quando estamos numa Escola e há aquelas listas e eu quero a minha filha na professora tal, aí eu quero a minha filha, e eu sou contra isso, embora deva dizer e a colega sabe que o meu nome tem sido sempre pretendido, e eu sou contra isso. Eu entendo que todas as professoras se devem esforçar por todas elas serem escolhidas. Mas o Ministério não, não dá... não tem noção. Terá que vir ao terreno para ter a noção da qualidade dos professores que tem, para os avaliar.

Or: Em relação aos professores em início de Carreira, como acha que se conseguirão adaptar às mudanças que se avizinham em termos de Formação Contínua?

Ent: Bem, eu como já estou no final da Carreira, não estou muito bem dentro do assunto do que se especula para aí em relação às mudanças que se prevêm, mas... pelo que se perspectiva, eu penso que elas não estão a ser muito bem aceites. E porquê? Porque continua na mesma a questão dos créditos e agora ainda agrava mais um bocadinho. O que até aqui devia ser feito a nível do nosso Centro de Formação local, perto do nosso núcleo, eu acho que elas agora passam a ser a nível distrital, o que vai implicar a uma chefe de família, uma mãe ou um pai, vai impor situações difíceis para os professores, como a deslocação, o aspecto monetário, isso tudo. [Pausa] Isso não acho muito bem...

Or: Acha, portanto, que deveria continuar a ser a nível local...

Ent: Mal por mal, mal por mal... Eu penso é que a nível de Escola seria melhor, não é? E lá está, e focar os interesses relacionados, nessa dita Escola. Às vezes nós também nos acomodamos um bocadinho, as leis vêm cá para fora e pronto, agarramo-nos a elas e vamos... Às vezes também não lutamos muito bem por aquilo que queremos, por comodismo, porque não temos tempo, aceitamos com facilidade... o que não é bom.

Or: No campo pedagógico, como se poderão preparar para a mudança?

Ent: Eu penso que, no ponto de vista pedagógico, a mudança apenas trará benefício para alguns docentes, uma vez que se diz que, também dizem que haverá, de futuro, agora, um tipo de selecção dumas turmas e que essa formação será feita em Escolas, por exemplo, tipo de oficinas, oficina da Matemática, oficina de... aaa... Língua Portuguesa, marginalizando as artes, como sempre, e isso tudo. Eu penso que isso também não é bom porque, lá está, isso vai obedecer a uma inscrição, essa inscrição vai ser aprovada, lógico, à partida nem todos vão beneficiar disso. Logo aí há uma selecção prévia de quem terá acesso. [pausa] Depois, também há outra coisa que também me diz que não será assim muito bom, porquê? Porque essas oficinas serão em Escolas onde os próprios formadores, eles próprios é que vão impor a Escola que lhes interessa. Se um formador viver em Faro, ele não vai por certo fazer um Work Shop aqui em Portimão. Lá está aí mais uma exclusão. Eu dá-me até ideia que, pelo que dizem que vão fechar as ESES, que isto é uma maneira de dar a volta ao texto. Dá-me ideia que é uma maneira de pôr esses professores, pronto lá está,... a fazer qualquer coisa. O que no meu entender... não está bem.

Or: Quanto ao campo relacional, quais as adaptações que os professores têm que fazer para fazer face a estas mudanças?

Ent: Ora lá está, lá está... No aspecto relacional é assim: se na minha sala, se na minha Escola ainda há suponhamos 23 turmas, se a minha não for seleccionada para ser uma oficina de Matemática, eu, que me considero uma pessoa progressista, que gosto, que não sei quê, claro que a minha relação perante aquelas que foram seleccionadas não vai ser boa, não é? Porque por muito altruísta que eu seja, por muita vontade que eu tenha... uma pessoa fica assim um bocadinho triste, não é? E sente-se excluída. Por outro lado, há outras pessoas que não são tão bem formadas, mas que isso lhes dá um certo pavoneamento e que se julgam mais

que os outros, quer dizer, há uma desigualdade tremenda, não... Eu penso que não é aquilo que se pretende, mas que antes agudiza a parte negativa que temos vindo a falar ali atrás.

Or: Poderá também depois estender-se à relação entre os alunos?

Ent: Claro, claro, claro, pois claro... porque a minha turma é a melhor, porque imagina que até temos um professor que vem de fora, porque estamos a aprender técnicas diferentes, porque não sei quê, porque não sei quê. Ora se essa tal formação fosse feita por período, uma vez por período, esse professor, essa estratégia nova que vai dar a essa turma, dá-la-ia aos professores todos...

Or: E todos beneficiariam...

Ent: Exactamente!

Or: Em relação à avaliação, de que estratégias o professor se pode munir face às mudanças?

Ent: Bom, em relação à avaliação eu penso que os formadores, eles ao fazerem isto dizem que têm apenas o intuito de observar o desempenho do professor na sala de aula normal, ver como é que ele resolve uma certa situação, vamos imaginar que é Matemática, como é que resolve uma certa situação problemática e no fim do professor a resolver com os seus alunos, ele diz: você podia resolver assim. É o que eles dizem. Ora, sendo assim, eu penso que isto é brincar ao gato e ao rato, porque nós, toda a gente sabe que ao estarmos a fazer um problema de Matemática na própria sala de aulas, a professora tem uma certa estratégia e muitas vezes acaba por não segui-la... porque quando diz ao miúdo: vá diz lá a cantiga do problema, a avó comprou uma dúzia de ovos, não sei quê, não sei quê, não sei quê... então como é que tu agora achas? Partiram dois, ficaram mais ou menos? Ai eu acho... agora diz tu a cantiga do problema e ela diz. Então reúnem esses dois e podem avaliar muitas estratégias. Portanto eu acho que essa justificação do formador ir dar novas estratégias a mim não me diz nada. É porque eu sou um bocado céptica... [rindo] No entanto eles têm que sustentabilizar, têm que dar sustentabilidade ao projecto deles. E só, e só vai quem quer, não é? Eu penso que estes professores, ao virem portanto, com esta função, com este projecto, eles no fundo estão até, quanto a mim, a minimizar o papel das ESES. A ESE é que devia, cada fornada de professores que sai de lá, vir de lá de tal maneira preparada no terreno, com essas situações

todas bem preparadas, com um dinamismo tal, quer dizer, dinamismo que terá que ser proporcionado pelo formador, de modo a que eles o encontrem e consigam geri-lo. Continuo a dizer, a formação ao longo da Carreira é salutar, mas condeno a acção formativa que tenha como forma de avaliação dos docentes. Pergunto, não será estas oficinas, não serão, melhor dizendo, um camuflar de uma avaliação dos docentes, de alguns docentes? Posso fazer esta pergunta, não posso?

Or: Pode, pode colocá-la e devidamente, pois estamos em altura de mudanças...

Ent: Exactamente. Todos nós somos avaliados no curso que fizemos no Magistério. Se hoje em dia os professores saem das ESES inaptos, esse é um assunto que deve ser reflectivo ao nível governamental e proposto às ESES.

Or: Acha que essa avaliação inicial é suficiente, que não faz sentido depois, ao longo da Carreira, irmos sofrendo avaliações sucessivas?

Ent: Concordo mais com um acompanhamento, ao longo da Carreira, talvez sob a forma de Reciclagens, onde uma pessoa vai para ali, eu lembro-me tão bem, vai para ali, cada uma diz a sua experiência, diz assim: eu fiz assim, eu fiz assim, partilhámos experiências e depois eu fiz assim e também deu resultado, agora vou fazer assim. E que é tudo muito genuíno, muito mais saudável...

Or: Sem o peso da avaliação exterior...

Ent: Exactamente.

Or: Quais as competências que considera, então, que o docente deve revelar a nível pessoal?

Ent: Ora bem... a nível pessoal eu penso que... é fundamental e essencial a pessoa partir do perfil do professor. [pausa] E a sustentabilidade deste perfil deve partir do momento em que o futuro professor se candidata à ESE... e quando é admitido na mesma. É mais que sabido que nem todos podemos ser médicos... ginastas... cantores líricos, etc, etc, etc... Mesmo assim, temos vindo a assistir ao facto de que todos servem para serem professores [em tom irónico]. Não é? Hoje em dia até olha eu vou para a ESE porque é menos tempo e chego lá e tenho... um professor de História: ai eu vou dar aulas, qualquer um: ai eu vou dar aulas, e isso não

pode ser. Temos que seguir os nossos congéneres países da Europa, como a Inglaterra, por exemplo, onde se faz um estudo empenhado e onde se dá muito valor, muito valor ao ser professor. Dão muito valor ao senhor professor, de tal maneira que a pessoa tira o curso de professor, a licenciatura do curso de professor e, antes de ser professor remunerado, ele vai para a comunidade e vai trabalhar gratuitamente para aí adquirir experiências e depois isso é posto no seu Currículo... e é por isso que temos lá bons professores.

Or: Nesse caso o que fala mais alto é a vocação da pessoa...

Ent: Exactamente, exactamente... Portanto, é isso que eu penso. Aqui algo está errado, no nosso sistema. No mínimo este candidato deve ter o quê? Este candidato à ESE deve ter no mínimo o quê? Cultura geral, apresentar-se com um aspecto cuidado, ter uma postura correcta na forma como se apresenta e como se relaciona, não ser portador de vícios vistos a olho nú, porque alguns infelizmente não os podemos ver, e ter atitudes e gestos que sirvam de exemplo em qualquer sociedade, em qualquer cultura, não é? Eu lembro-me que quando concorri ao Magistério, eu era novita, eu apresentei-me de soquetes e fui chamada ao gabinete e disseram-me, com dezassete anos, a senhora como futura professora não pode já usar soquetes, tem que usar meias de vidro. E eu comecei a usar meias de vidro. [sorrindo] E eu comecei a usar meias de vidro...

Or: Conta tudo, a postura...

Ent: E porquê? Porque nós vamos ser o espelho, o reflexo, nós vamos projectar nas crianças o que elas vão ser amanhã! Portanto há que investir muito nisso.

Or: No que respeita à dimensão interpessoal, ao relacionamento com os outros?

Ent: Lá está, lá está, deve relacionar-se bem. Uma pessoa que vai responder ao formulário da ESE e que mostre pela resposta que é agressivo, que é embirrento, que é conflituoso ou que proteste por tudo e por nada, ele até pode dar as suas sugestões, até sendo sugestões válidas, vê-se que esse candidato é um candidato a ter em conta. Agora, a maneira como ele o vai fazer é que tem que haver uma triagem. As pessoas, hoje em dia as pessoas não querem chamar as coisas pelos nomes, mas tem de ser. Relacionar-se bem com todos, não criar conflitos... se na presença dos colegas houver conflitos saber gerir, geri-los a contento de todos, deve se relacionar de igual modo, independentemente da cultura de cada um, da raça,

da cor e da proveniência de quem seja, portanto, ter uma ampla bagagem em termos de relacionamento com os outros, educação... tudo aquilo que temos de transmitir aos alunos.

Or: Em termos técnicos, metodológicos e didáticos, quais as competências que considera que o professor deve evidenciar?

Ent: Ora lá está, muitas pessoas vão para a ESE de ânimo leve, aí eu vou para lá e passo aquilo a correr e a saltar, e não é assim. Todo o professor que quer ser bom professor, e é para isso que ele deve ir para lá, deve fazer os possíveis e os impossíveis para estar seguro e conhecedor das matérias a tratar. Deve reflectir bem sobre o que vão fazer e procurar resolver todas as dúvidas que possam aparecer. Caso, em qualquer momento no seu desempenho, no seu desempenho surjam dúvidas, eu acho que ele nunca deve, nunca deve arriscar apostando numa incerteza. É a coisa pior que há é eu não saber como é que é isto mas irmos apostar. Eu acho que neste caso o professor deve ser humilde, deve pedir ajuda, lá está a tal interrelação, deve procurar esclarecer-se. Casos há, e isto sucede por vezes nas turmas de quarto ano, nós professores estamos na turma, tratamos tantos assuntos, às vezes, olha vamos lá ler hoje uma notícia que veio no jornal, vamos ler a notícia e aparece ali uma coisa qualquer e um miúdo pergunta: ó professora mas eu não sei... Olha eu não sei bem isso, ora vamos lá ver como é que é, então amanhã, vamos para casa, vamos todos ver isso muito bem, uns falam com a família, eu vou tentar saber, e no dia a seguir temos o problema resolvido, com a achega dum, a achega doutro e pesquisamos. A família ajudou, fizemos o nosso resumo e, portanto, todos esclarecemos as dúvidas. Mas lá está, o professor teve a umbridade de dizer: olhem meus queridos aqui tou como vocês, tenho que me ir esclarecer. É isso que é muito importante. No aspecto metodológico e didático, nestes pontos também deve o professor procurar estratégias que satisfaçam todos os seus alunos. E isto porque deve ter sempre em conta o capital cultural de cada um, porque nas turmas de hoje aparece-nos o ciganito, aparece-nos o negrito, aparece-nos a filha da juíza, aparece-nos o filho do presidente e nós não podemos estar ali com salamaleques para uns e tratar... é tudo igual. Temos é que ter em conta o capital cultural de cada um. E dentro da possibilidade de cada um, interagir com eles de modo a que todos se sintam úteis, não é?

Or: E sintam que podem contribuir de qualquer forma no desenrolar de todas as situações...

Ent: Claro, porque isso tem que ser feito com uma lisura fantástica, porque eles são, as crianças são, sentem isso muito na pele. Ele deve ter presente sempre, lá está o mosaico multicultural com que nos deparamos e inserir nele a proveniência dos alunos e ter em conta este aspecto, para poder trabalhar os conteúdos servindo-se das vivências de todos eles. E assim partilharem e trocarem todas as suas experiências.

Or: **Esse aspecto já se encontra ligado com a dimensão relacional do acto educativo, para a qual o professor deve estar preparado...**

Ent: Exactamente, exactamente... exactamente. Eu no ano passado, e vou dar aqui um exemplo, no Natal eu tinha uma turma com cinco países diferentes. E então, tive que falar no Natal, não é? Pus cada um a falar do seu Natal. Quando fizemos a exposição oral dos trabalhos ficámos a saber o que se fazia no Natal da Ucrânia, o que se fazia no Brasil, o que se fazia na Guiné Bissau, o que se fazia em Portugal e o que se fazia numa outra menina que eu tinha que era cigana. Eu aprendi, eu aprendi que no Natal havia as sopas ciganas e etc... e foi interessante. No aspecto relacional, lá está, se tudo isto que estamos a falar, se tudo correr sobre rodas, se todos se sentirem gente, se todas as crianças se sentirem gente... o aspecto relacional é fantástico. O professor tenta valorizar todas as origens, os alunos sentem-se valorizados, empenham-se mais, é fomentada a solidariedade, pronto...

Or: **E as relações com os encarregados de educação saem também fortalecidas...**

Ent: Exactamente! E porquê? Porque o professor deve ser o motor de arranque para que o triângulo Escola, comunidade e família, centrado no aluno, ele deve ser o motor de arranque para que isto funcione bem... funcione bem. E se assim não for, ele não funciona bem e não funcionando bem há atritos, há isto, há aquilo, não há diálogo e depois também há insucesso escolar. O professor gerindo bem esse conceito do triângulo escolar, tira desse triângulo todas as mais valias para que o seu desempenho tenha sucesso. E os alunos ficam bem. Porquê? Porque o mais importante que há na Escola, uma das coisas mais importantes é o professor valorizar os afectos. Nós podemos vir de nossa casa com muitos problemas, eles têm de... eles têm que ficar mesmo em casa. Dentro da sala temos que valorizar os afectos de cada um, e... uma aula dada com afectos, com humor também, na hora certa, resulta fantasticamente.

Or: Em relação agora às estratégias que poderão ser desenvolvidas para apoiar o professor, para o fazer sentir bem, face às mudanças que se têm verificado e que vão continuar a operar-se?

Ent: Eu penso que estas estratégias têm que ser estratégias, para já a nível governamental. E porquê? [pausa] Acho que investir numa estratégia, que há muito tempo tem vindo a ser descurada, pois a falta da mesma está implícita no sucesso da nossa Escola e que é: o professor neste momento não está credibilizado. Temos que credibilizar a figura do professor do Ensino Básico, dar sustentabilidade ao ascendente do professor... na própria sociedade, não é só no trabalho, é na própria sociedade. Dar-lhe... e para quê? Para que ele se imponha perante os alunos e a sua classe. Esta credibilização deverá começar pelo próprio local de trabalho. Compete às Comissões Executivas, quando procuradas pelas famílias, fazer-lhes compreender que certos facilitismos não têm razão de ser. Por exemplo,... às vezes aparece lá na secretaria uma mãe: ai eu venho cá porque quero que o meu filho fique na primeira fila. Vai lá a B e diz: ai eu quero o portão aberto sempre que eu possa para vir apertar os sapatos ao meu filho, etc, etc. Isto não pode ser! As pessoas têm que ter consciência dos limites e das regras. E não têm. E muitas vezes o erro também não vem só das famílias, muitas vezes o erro vem é das Instituições, porque há uns anos atrás as nossas Escolas foram gradeadas, foram munidas de portões, os portões foram munidos de... de fechos electrónicos, precisamente para que as mães e os pais não entrem, porque muitas vezes eles entram só para fazer asneira. E daí se vê o que tem havido de muitas pessoas a baterem em professores. Ora, se o próprio estabelecimento de ensino tem lá esses portões, tem lá esses fechos e não os usa, também não sei para quê. [pausa] Depois é assim... muitas vezes esses pais vão aos directores do edificio e o que é que sucede, em vez de os esclarecerem que não pode ser assim, que a professora se tem o filho dela na segunda fila é porque haverá um aluno que ainda ouve menos ou que vê menos, que não tá ali por acaso, que a professora fez tudo ponderado. Às vezes, porque não digo que seja em todo o lado, mas às vezes, ainda se bate nas costas dos pais dos alunos. E isso não pode ser... isso não pode ser. Vai descridibilizar o professor perante a turma, perante a sociedade e... o professor não pode ser chinelo... como é que se diz? Pé para qualquer chinelo! É ou não é?

Or: Acha, portanto, que deve mesmo haver um acompanhamento, um apoio, uma revalorização do professor?

Ent: Sem dúvida! E o que eu tou a dizer... se virmos bem, se quisermos ver bem, até tem um fundamento. Hoje em dia as nossas Escolas estão a ser assoladas por muitos países de Leste, não é? Países de Leste, agora estão a vir os meninos da China, e se nós formos... eu, nos últimos quatro anos, as mães mais educadas, as mães que vinham a qualquer pedido meu, mais interessadas, as mães que todos os dias viam as pastas dos filhos, as mães que se preocupavam: aí a professora pediu... então se ela pediu, é porque ela vai precisar... São essas mães! E porquê? Porque no país delas eles valorizam muito a instituição Escola, e portanto é muito importante para eles os filhos terem um curso. E como tal o professor, como veiculo desse curso, são muito bem vistos. E, a par disso, o que é que se vê hoje, que esses alunos de Leste, são os melhores alunos que nós temos na turma.

Or: Tratar-se-á de uma questão cultural?

Ent: Exactamente, uma questão cultural. E porquê? Porque o ascendente do professor foi beliscado. Mas, sempre que há qualquer coisa que elas notam que os filhos sofreram isto ou aquilo elas não se calam. Elas vêm, mas com educação, ó senhora professora sucedeu assim, assim, a senhora diga-me lá como é que foi. Ah, foi assim, foi assim, foi assim... E uma pessoa dialoga, resolve tudo. Com as nossas mães não é assim. Abrem a maçaneta da porta: ó professora, pa, pa, pa, pa, pa, pa... Uma pessoa tem que dizer: olhe, por favor, dê um passo para trás, diga bom dia e pergunte se pode entrar. É assim que às vezes temos que fazer. E é isso que temos que mudar nas mentalidades do português, porque senão não vamos a lado nenhum.

Or: Em termos de cooperação e colaboração dentro da classe docente, com os pais e alunos, quais as estratégias de apoio que se deveriam desenvolver?

Ent: Eu acho que o melhor apoio seria, se calhar, haver a possibilidade... mas em relação aos pais ou em relação às turmas??...

Or: Em relação às turmas, aos pais... Em relação à cooperação e colaboração entre todos os envolvidos na acção educativa.

Ent: Pois... na colaboração e apoio... claro que a colaboração da família, quando salutar, é sempre benéfica. E... a verdade seja dita, nos últimos tempos tem havido esse esforço. As Escolas, quer a nível dos corpos sociais, aos nossos superiores, quer ao nível dos professores,

tem havido esse apelo, mas nem sempre às vezes resulta bem. Pois, lá está, ainda há famílias que pensam que ajudar é interferir no território do outro e muitas vezes a ajuda consiste numa fiscalização. Deixa-me lá ver, como é que a professora trata a minha filha, se fez assim, se fez assado, se deu um a esta se fez um àquela, se expôs o trabalho da minha filha e se não expôs o daquela. Isso não pode ser assim. Acho, no entanto, que... [pausa] pronto, que tem que ser, aí tem que ser o professor a saber conversar bem com os pais, dizer qual é o papel deles, que é importante todos os dias verificarem as pastas dos filhos, o que fizeram, o que não fizeram, saber também ajudar, sobretudo ensiná-los a ser responsáveis. Sem interferir com o trabalho do professor... Há uma dúvida qualquer que não percebem, olha filho a mãe aqui não percebe, vamos deixar isto para amanhã e amanhã falamos com a tua professora.

Or: Considera que se se notar, fora da Escola, que existe uma colaboração plena entre os docentes da mesma Escola, que será mais facilitada essa cooperação, essa colaboração com a família?

Ent: Sem dúvida... sem dúvida, porque os interesses passam a ser os mesmos de todos. Que é o sucesso daquela criança, a integração dela e a formação dela como cidadão. E então, toda essa colaboração da família, Escola, professor, comunidade, quanto melhor for a articulação entre esses elementos todos, melhor para o aluno.

Or: Que estratégias se poderão desenvolver para que se verifique um intercâmbio de experiências e vivências entre os docentes?

Ent: Nesse aspecto também tem havido a nível das Câmaras, a nível até de outras localidades, que não sejam mesmo do nosso concelho, têm sido proporcionados intercâmbios com concursos, experiências, passeios escolares,... tem havido por parte das Câmaras cedências de locais para poder haver produção de espectáculos, ginástica, festas de final de ano... põem as piscinas à nossa disposição... Eu penso que neste aspecto as Câmaras estão a articular bem e pena é que certas Escolas também não aproveitem às vezes, porque muitas vezes queixamo-nos que não temos, mas às vezes também temos e também não aproveitamos. E aí também a verdade terá que ser dita, não é? Mas esse intercâmbio, sobretudo aqui na Escola onde eu estou, tou cá há oito anos e tem havido, tem havido situações giras, concursos, e que as pessoas têm aderido com sucesso até.

Or: Será também benéfico que o professor esteja disposto a integrar esse intercâmbio?

Ent: Eu acho que sim, eu acho que sim, exactamente! Eu acho que se temos essas regalias que as devemos aproveitar.

Or: Todos os aspectos que temos mencionado até agora, pressupõem que o professor possua competências que lhe permitam enfrentar as contrariedades que se lhe colocam, que as tenha desenvolvido, que alguém as tenha “espevitado”. O que é que acha que deveria mudar ou que se deveria manter na Formação Inicial de professores, para que o professor esteja seguro daquilo que está a fazer, daquilo que vai enfrentar, que tenha armas para enfrentar o que por aí vem?

Ent: Pois, lá está. Aí temos que dar a tal volta muito grande, de 360 graus... Eu às vezes costumo pensar, eu dou comigo assim a pensar: olha agora que fiz 55 anos, que tenho 32 anos de serviço, agora é que tava apta para ensinar bem. E claro que o eu pensar assim não foi o que eu trouxe do Magistério. Foi o acumular de experiências, de situações que eu fui fazendo, que fui melhorando partindo das asneiras que ia fazendo, mas hoje em dia acho que há todo o interesse em que o professor venha com as melhores bases para o terreno, e para isso penso que a Formação Inicial deve proporcionar um desenvolvimento sustentado na flexibilidade, que será necessária... que será necessária através duma remodelação das ESES.

Or: A que níveis?

Ent: As ESES devem ter professores especializados. Que me desculpem, quem me ouvir, eu não quero ofender ninguém, mas essa coisa dos jeitosos, em 2006, já não tá assim muito bem. [pausa] E especializados em áreas específicas. Não tem cabimento nenhum ter um professor a dar Didáctica A, que é formado, por exemplo, em Geografia! Eu já... já me sucedeu isso. [pausa] Portanto isso é o que sucede hoje em dia. Devemos apostar em professores credenciados e com provas dadas. [dando ênfase] Toda a teoria, um dos pontos importantes é este, toda a teoria devia ser acompanhada de situações práticas. Portanto, os alunos iam lá para a ESE, inscrevem-se, faz-se uma triagem, se servem se não servem, porque nem todos são obrigados a servir... Temos que se ver se eles são interessados, se estão interessados, se é aquilo que eles querem seguir. Depois, Lêem os livros, fazem aquela pesquisa bibliográfica, falam do Decrolier, da Maria Montsória e de tantos outros, isto lembrando os que havia no meu tempo, porque agora há outros muito mais recentes... Temos que ir à teoria, mas vir de lá só com a teoria não dá! Mais importante que a teoria é a vivência do terreno! É importante que o professor, o futuro professor saiba a teoria, por exemplo, ele vai e aprende:

Ent: Exactamente, exactamente... é isso mesmo. E isso não é muito difícil. Bastava o professor, devidamente credenciado, ir às Escolas da zona fazer ali uma pré-selecção do mosaico multicultural que nós temos hoje, não é? Aperceber-se dos problemas familiares, disto e daquilo, porque muitas vezes aparecem-nos as colegas novas à Escola: aí tenho assim e assim, aí agora como é que faço, aí... Porque, quer dizer, sofrem mais eles, os professores, do que sofreriam se soubessem resolver o assunto, não é?

Ent: É isso... Eles sabem muito bem o que é que quer dizer o termo globalização, [pausa] mas vivem uma situação relacionada com ela e são capazes de não saber gerir. Porquê? E lá está, se os professores forem devidamente credenciados preparam as aulas práticas de modo a contemplar todos estes cenários. O que irá proporcionar aos professores conhecimentos teóricos e práticos e, sobretudo, ir rever-se na sociedade que temos. O professor sabe que vai para a Escola e que é aquilo que vai encontrar. Já sabe aquilo que vai encontrar. Pronto, é isso. [pausa] Tem que haver estratégias para resolver no terreno e, escusado será dizer, que só um professor devidamente credenciado poderá proporcionar essas situações... fundamentá-las... e, portanto, usar de critérios de articulação com a comunidade envolvente. Muitas vezes chegam os professores às Escolas e nós dizemos assim: olhe ó colega, este problema, por exemplo, quer fazer uma visita à ETAR, olhe vai assim, pede ajuda à comunidade, faz a articulação, ela às vezes vê-se grega, não é? Assim ela já sabia que tinha que comunicar com A, com B, com C, com tempo de antecedência... porque já tinha passado por isso. Já tinha

vivido essa experiência. Depois desta experiência prática, claro que ressurgirão outras competências técnico-didáticas. Cada aluno é um caso e se a solução de cada caso surgir, a técnica e a didáctica vai melhorar conforme aquilo que nós precisamos. E aplica-se a didáctica e a técnica que o problema exige.

Or: O facto de já terem passado por experiências práticas variadas durante o curso também poderá fazer com que o futuro professor venha mais confiante?

Ent: Claro! Claro! Mais confiante, a maneira que ele actuar perante... o que é que eu vou fazer com isto? Ao preparar o seu plano, o plano diário da sala, olha é assim: se este tem este problema assim, eu não posso fazer o que faço com aquele, tenho que fazer assim, vou fazer assim, vou experimentar e tal... Porque já tem conhecimentos, porque se não os trouxer, ele no seu plano vai fazer o tal ensino homogéneo, teórico que é para pôr no lixo, não é? Pronto, é assim. Penso eu,... se calhar só tou a dizer asneiras... [rindo]

Or: Como é que se poderá desenvolver nos futuros professores a capacidade crítica, reflexiva, analítica?

Ent: Para já é assim, eles terão sobretudo que ser responsáveis pela construção do conhecimento deles, o conhecimento deles. Cabe então ao futuro professor ter consciência do papel que o espera, não é? Porque também é muito desagradável chegar a uma sala de aula, por exemplo, e querer ensinar a numeração romana e não se lembrar, por exemplo, como é que se escreve sete mil. Isso também é uma coisa... não é? Eles, penso que os professores devem, portanto, interiorizar muito bem que a função deles é uma função muito, muito, muito importante e, como tal, devem valorizar todos os aspectos dessa profissão. Também será muito importante para eles... quando estão lá no estágio, eu por exemplo eu quando estagiei calhou-me um terceiro ano, eu penso que se agora estagiarem no primeiro, no segundo, no terceiro e no quarto, e porquê? Porque o tipo de vivências, o tipo de conhecimentos, o tipo de maneiras de resolver as questões são totalmente diferentes nestes quatro anos. E precisamente para ainda criar... para acabar com aquela ideia que a Escola é só para ler e contar, não é? A Escola é para aprender a crescer! E, portanto, o primeiro ano ensina o alfabeto e começa a ler, no segundo ano começa a começar a resolver uns problemazitos, no terceiro ano há problemas relacionais e no quarto já há problemas maiores de investigação em que eles se preparam para ir para o ciclo. Portanto, eles também deviam aí, também seria importante eles... eles...

Or: [completando] Praticarem nos anos todos...

Ent: Exactamente. Terem a prática o mais diversificada possível. Exactamente. E isso vai-lhes dar o quê? Vai fazer com que eles saiam de lá mais auto-confiantes. [pausa] Porque quantos deles há que dizem assim: aí olhe eu estagiei no primeiro ano, aí eu estou ansiosa para que me calhe um primeiro ano, aí se me calha um quarto ano, não é? Portanto, vêm de lá auto-confiantes e... e isso tudo. Penso que também devem ser dinâmicos e... claro que há pessoas mais dinâmicas do que outras, o que não impede que aquelas que não o sejam, que não o possam vir a ser. Mas lá está, esse dinamismo também compete ao formador da ESE criar estratégias para que ele seja obrigado a desenvolver esse dinamismo. Criar-lhe situações em que ele seja obrigado a mexer-se, em que ele seja obrigado... olhe que você... vamos lá ver... Ele tem que, lá está, o futuro professor tem de gerir o seu dinamismo. Só é possível se o formador contemplar todas as situações nas suas programações. [pausa] Crítica... depois de tanto que tamos para aqui a falar... tão importante que é esta formação... se o professor não tiver a sua auto-crítica... nunca faz nada. O professor tantas vezes está a dar a sua aula e às vezes essa crítica é quase simultânea, faz uma pergunta e tá logo ali: é pá, aqui olha... bem vamos lá para a frente e não sei quê, e não sei quê, mas depois chega ao intervalo e vai logo dizer assim: isso tudo não se pode fazer assim. Vai fazer de outra maneira e logo ali fez a sua auto-crítica. Analisou o que fez, reflectiu sobre a sua acção e criticou-a mudando a sua atitude, que vai depois, no final da semana, vai juntar isto tudo, ela vai ver o que fez de bem, o que saiu muito bem, o que saiu menos bem mas que poderá sair melhor, porque criticou, porque reflectiu, e depois na sua reflexão vai escrever e vai dizer assim: olhe... de futuro penso que será melhor assim.

Or: Então acha que esse tipo de exercício reflexivo também deve ser desenvolvido na Formação Inicial?

Ent: Exactamente... exactamente... é isso mesmo. E depois, no final do seu estágio terá que haver um tempo próprio calendarizado para eles fazerem a sua crítica, apontar a crítica, estratégias para verificar o que tava bem, estratégias para realçar o que fez de bem e continuar a fazer e depois fazer a sua reflexão. E, sobretudo, um professor, esteja ele no início ou esteja ele no final de Carreira, que é o meu caso, deve ter sempre esta máxima em mente: [pausa] O professor não deve pensar que sabe tudo... nunca! Todos os dias aprende coisas novas... e são elas que o ajudam a levar o seu barco a porto seguro!

1º Tratamento da Entrevista 1

[*Acerca das possíveis exigências da Carreira docente em termos de formação contínua*] (...) Ela [formação contínua] deve estar sempre presente no percurso profissional de qualquer actor educativo e que devem ser accionados mecanismos por forma a que todos os docentes sejam contemplados com essa formação. No momento actual, contudo, discordo do modo como ela se pratica e a forma como nos é imposta. (...) Actualmente... a forma motivadora que impele o docente a frequentar as acções é o facto de ser obrigado a apresentar créditos, para poder progredir. (...) esse facto logo à partida corta todo o valor intrínseco de uma boa formação, porque nos é imposta, não é genuína, não é criativa, não é a que nós necessitamos. É aquela que para nós é mais fácil praticar... para obter os créditos e subir de escalão. (...)

[*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos pedagógicos*] (...) Ainda no contexto da Formação que temos penso que, no aspecto pedagógico, também a acção educativa deverá actualizar os docentes através de documentos que nem sempre temos à mão e que nos devem chegar para estarmos a par de tudo... sobre assuntos que não tratamos todos os dias. Ela deverá proporcionar uma troca de experiências, troca de saberes, relatos de vivências diversificadas do quotidiano, abordagens de situações diferentes. (...) ela deveria proporcionar a todos os docentes que pudessem falar de mundos diferentes. O que nesta formação actual não é possível. (...) bastava termos disponível um dia, a nível nacional, todas as pessoas iam para a sua Escola, não tinham que se deslocar, não tinham que mudar a rotina das suas famílias e do seu dia-a-dia, e aí iria um formador às Escolas e fariamos uma formação que seria abrangente e que ninguém ficaria de fora... De acordo com as necessidades de cada Escola... (...) seria altura óptima para a Escola reflectir, ver a necessidade que tinha e, uma vez por período, apanhariam os docentes todos... e far-se-ia essa formação, com a reflexão de todos e arranjaríamos estratégias para aquela necessidade real... (...)

[*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos relacionais*] (...) ... eu devo parecer o velho do Restelo mas realmente esta formação que temos a mim não me satisfaz e também acho aqui o feed-back negativo... O dia-a-dia do professor não se insere numa acção de formação que seja por aí inovadora. Insere-se numa formação

onde queira aprofundar certas matérias. Ele inscreve-se numa acção que, por vezes são assuntos que ele já conhece muito bem (...) Porque depois tem que apresentar o produto final e se souber, facilita-lhe o trabalho. Depois escolhe uma acção de formação que tem um calendário mais sugestivo, para perder menos tempo e depois sabe que tem que apresentar um produto final. Ora esse produto final, muitas vezes, faz com que essa relação que devia haver, genuína e franca, entre os professores, não exista. Há é hipocrisia porque nos dias de hoje estamos numa sociedade muito, muito competitiva e todas querem ser estrelas ao mesmo tempo. (...) Onde o interesse seja a realidade Escola. Porque há uns anos atrás... Na altura as acções de formação chamavam-se reciclagens. Nós íamos para ali, tratávamos os assuntos, relacionávamo-nos linda, lindamente, gostávamos do que fazíamos, no fim fazíamos convívios, convívios tão bons, tão bons, ali aprendíamos tanto, que a nossa tentação era ir de futuro logo para a sala para pormos na sala o que tínhamos aprendido ali. Agora não sucede isso. Agora nós estamos ali, ajude-me aqui, ajude-me ali... e às vezes isso não serve... (...) Exacto. Exactamente... É mesmo o que nós queremos [boa conjugação de esforços entre professores]. Nós queremos ensinar as crianças a partilhar... (...) É o que nós queremos transmitir, mas depois vamos para a formação e isso não sucede. (...)

[*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos de avaliação*] (...) Eu acho que... por muito... por muito rasca que seja uma acção de formação, por muito rasca, ela diz-nos sempre qualquer coisa. Basta estarmos atentos, basta conhecermos melhor o alvo e a postura deste ou daquele, ela diz-nos sempre qualquer coisa. Temos que estar atentos e interessados... Por isso eu acho que é melhor termos as acções de formação que temos do que não termos nenhuma. (...) No momento actual não. Porque eu já estive em Acções de Formação em que o produto final que por vezes as pessoas apresentavam não era delas. Isso não diz ao Ministério a qualidade dos professores... (...) Portanto ela não é genuína, e como não é genuína eu penso que o Ministério não, neste momento, ele não pode fazer nenhum feed-back dos professores que tem. (...) Eu acho que, para isso, teria que haver uma volta muito grande, muito grande, muito grande, muito grande. E essa volta, eu penso que ela só vai existir daqui a uns anos e ela tem que começar na ESE. Ela tem que começar na ESE na Formação dos professores. Só com remodelações de fundo [ênfatisando] é que poderá um dia o Ministério saber aquilo que tem. Porque assim é difícil, é muito difícil. E para isso terá que estar mais

próximo dos professores, arranjar uma forma de contactar directamente com o trabalho dos professores... Infelizmente... hoje em dia sucede assim: estamos numa Escola, são mais os pais que nos avaliam, que nos conhecem, que nos dão valor do que propriamente os nossos superiores... (...) Mas o Ministério... não tem noção. Terá que vir ao terreno para ter a noção da qualidade dos professores que tem, para os avaliar. (...)

[*Acerca das possíveis exigências aos professores em início de Carreira Docente em termos de formação contínua*] (...) ...eu como já estou no final da Carreira, não estou muito bem dentro do assunto do que se especula para aí em relação às mudanças que se prevêem, mas... pelo que se perspectiva, eu penso que elas não estão a ser muito bem aceites. (...) Porque continua na mesma a questão dos créditos e agora ainda agrava mais um bocadinho. O que até aqui devia ser feito a nível do nosso Centro de Formação local, perto do nosso núcleo, eu acho que elas agora passam a ser a nível distrital, o que vai implicar a uma chefe de família, uma mãe ou um pai, vai impor situações difíceis para os professores, como a deslocação, o aspecto monetário, isso tudo. [Pausa] Isso não acho muito bem... (...) Eu penso é que a nível de Escola seria melhor (...) ...e focar os interesses relacionados, nessa dita Escola. Às vezes nós também nos acomodamos um bocadinho, as leis vêm cá para fora e pronto, agarramo-nos a elas e vamos... Às vezes também não lutamos muito bem por aquilo que queremos, por comodismo, porque não temos tempo, aceitamos com facilidade... o que não é bom. (...)

[*Acerca das possíveis exigências aos professores em início de Carreira Docente em termos pedagógicos*] (...) Eu penso que, no ponto de vista pedagógico, a mudança apenas trará benefício para alguns docentes... essa formação será feita em Escolas, por exemplo, tipo de oficinas, oficina da Matemática, oficina de... Língua Portuguesa, marginalizando as artes, como sempre... Eu penso que isso também não é bom porque... isso vai obedecer a uma inscrição, essa inscrição vai ser aprovada, lógico, à partida nem todos vão beneficiar disso. Logo aí há uma selecção prévia de quem terá acesso. [pausa] Depois, também há outra coisa que também me diz que não será assim muito bom... Porque essas oficinas serão em Escolas onde os próprios formadores, eles próprios é que vão impor a Escola que lhes interessa. Se um formador viver em XXX, ele não vai por certo fazer um Work Shop aqui em XXXX. (...)

[*Acerca das possíveis exigências aos professores em início de Carreira Docente em termos relacionais*] (...) No aspecto relacional (...) se a minha turma não for seleccionada para ser uma oficina de Matemática, eu, que me considero uma pessoa progressista... claro que a minha relação perante aquelas que foram seleccionadas não vai ser boa... (...) uma pessoa fica assim um bocadinho triste... E sente-se excluída. (...) Eu penso que não é aquilo que se pretende, mas que antes agudiza a parte negativa que temos vindo a falar ali atrás. (...)

[*Acerca das possíveis exigências aos professores em início de Carreira Docente em termos de avaliação*] (...) ... em relação à avaliação eu penso que os formadores, eles ao fazerem isto dizem que têm apenas o intuito de observar o desempenho do professor na sala de aula normal, ver como é que ele resolve uma certa situação... (...) Portanto eu acho que essa justificação do formador ir dar novas estratégias a mim não me diz nada. É porque eu sou um bocado céptica... [rindo] No entanto eles (...) têm que dar sustentabilidade ao projecto deles. (...) Eu penso que estes professores, ao virem portanto, com esta função, com este projecto, eles no fundo estão até, quanto a mim, a minimizar o papel das ESES. A ESE é que devia, cada fornada de professores que sai de lá, vir de lá de tal maneira preparada no terreno, com essas situações todas bem preparadas, com um dinamismo tal, quer dizer, dinamismo que terá que ser proporcionado pelo formador, de modo a que eles o encontrem e consigam geri-lo. Continuo a dizer, a formação ao longo da Carreira é salutar, mas condeno a acção formativa que tenha como forma de avaliação dos docentes. Pergunto, não será estas oficinas (...) um camuflar de uma avaliação dos docentes, de alguns docentes? (...) Todos nós somos avaliados no curso que fizemos no Magistério. Se hoje em dia os professores saem das ESES inaptos, esse é um assunto que deve ser reflectivo ao nível governamental e proposto às ESES. (...) Concorro mais com um acompanhamento, ao longo da Carreira, talvez sob a forma de Reciclagens... eu lembro-me tão (...) partilhámos experiências e depois eu fiz assim e também deu resultado, agora vou fazer assim. E que é tudo muito genuíno, muito mais saudável... (...) Exactamente [sem peso da avaliação exterior]. (...)

[*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível pessoal*] (...) ... a nível pessoal eu penso que... é fundamental e essencial a pessoa

partir do perfil do professor. E a sustentabilidade deste perfil deve partir do momento em que o futuro professor se candidata à ESE... e quando é admitido na mesma. É mais que sabido que nem todos podemos ser médicos... ginastas... cantores líricos, etc, etc, etc... Mesmo assim, temos vindo a assistir ao facto de que todos servem para serem professores... Temos que seguir os nossos congéneres países da Europa, como a Inglaterra, por exemplo, onde se faz um estudo empenhado e onde se dá muito valor, muito valor ao ser professor. Dão muito valor ao senhor professor, de tal maneira que a pessoa tira o curso de professor, a licenciatura do curso de professor e, antes de ser professor remunerado, ele vai para a comunidade e vai trabalhar gratuitamente para aí adquirir experiências e depois isso é posto no seu Currículo... e é por isso que temos lá bons professores. (...) Exactamente, exactamente... [importância da vocação] (...) Aqui algo está errado, no nosso sistema. No mínimo este candidato deve ter o quê? (...) Cultura geral, apresentar-se com um aspecto cuidado, ter uma postura correcta na forma como se apresenta e como se relaciona, não ser portador de vícios vistos a olho nú, porque alguns infelizmente não os podemos ver, e ter atitudes e gestos que sirvam de exemplo em qualquer sociedade, em qualquer cultura... Eu lembro-me que quando concorri ao Magistério, eu era novita, eu apresentei-me de soquetes e fui chamada ao gabinete e disseram-me, com dezassete anos, a senhora como futura professora não pode já usar soquetes, tem que usar meias de vidro. E eu comecei a usar meias de vidro. (...) Porque nós vamos ser o espelho, o reflexo, nós vamos projectar nas crianças o que elas vão ser amanhã! Portanto há que investir muito nisso. (...)

[*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível inter pessoal*] (...) Lá está, lá está, deve relacionar-se bem. Uma pessoa que vai responder ao formulário da ESE e que mostre pela resposta que é agressivo, que é embirrento, que é conflituoso ou que proteste por tudo e por nada, ele até pode dar as suas sugestões, até sendo sugestões válidas, vê-se que esse candidato é um candidato a ter em conta. Agora, a maneira como ele o vai fazer é que tem que haver uma triagem. (...) Relacionar-se bem com todos, não criar conflitos... se na presença dos colegas houver conflitos saber gerir, geri-los a contento de todos, deve-se relacionar de igual modo, independentemente da cultura de cada um, da raça, da cor e da proveniência de quem seja (...) ter uma ampla bagagem em termos de relacionamento com os outros, educação... tudo aquilo que temos de transmitir aos alunos. (...)

[*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível técnico, metodológico e didáctico*] (...) Todo o professor que quer ser bom professor, e é para isso que ele deve ir para lá, deve fazer os possíveis e os impossíveis para estar seguro e conhecedor das matérias a tratar. Deve reflectir bem sobre o que vão fazer e procurar resolver todas as dúvidas que possam aparecer. (...) em qualquer momento... no seu desempenho surjam dúvidas (...) o professor deve ser humilde, deve pedir ajuda, lá está a tal inter-relação, deve procurar esclarecer-se. (...) ... o professor teve a umbridade de dizer: olhem meus queridos aqui tou como vocês, tenho que me ir esclarecer. É isso que é muito importante. No aspecto metodológico e didáctico, nestes pontos também deve o professor procurar estratégias que satisfaçam todos os seus alunos. E isto porque deve ter sempre em conta o capital cultural de cada um... (...) é tudo igual. (...) E dentro da possibilidade de cada um, interagir com eles de modo a que todos se sintam úteis... (...) Claro, porque isso tem que ser feito com uma lisura fantástica, porque... as crianças... sentem isso muito na pele. Ele deve ter presente sempre, lá está o mosaico multicultural com que nos deparamos e inserir nele a proveniência dos alunos e ter em conta este aspecto, para poder trabalhar os conteúdos servindo-se das vivências de todos eles. E assim partilharem e trocarem todas as suas experiências. (...)

[*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível relacional*] (...) No aspecto relacional... se tudo isto que estamos a falar, se tudo correr sobre rodas, se todos se sentirem gente, se todas as crianças se sentirem gente... o aspecto relacional é fantástico. O professor tenta valorizar todas as origens, os alunos sentem-se valorizados, empenham-se mais, é fomentada a solidariedade... (...) [fortalecimento da relação com os encarregados de educação] Porque o professor deve ser o motor de arranque para que o triângulo Escola, comunidade e família, centrado no aluno... funcione bem. E se assim não for, ele não funciona bem... não funcionando bem há atritos, há isto, há aquilo, não há diálogo e depois também há insucesso escolar. O professor gerindo bem esse conceito do triângulo escolar, tira desse triângulo todas as mais valias para que o seu desempenho tenha sucesso. (...) Porque o mais importante que há na Escola, uma das coisas mais importantes é o professor valorizar os afectos. (...) Dentro da sala temos que valorizar os afectos de cada um, e... uma aula dada com afectos, com humor também, na hora certa, resulta fantasticamente. (...)

[*Acerca das estratégias de apoio e acompanhamento aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas*] (...) Eu penso que estas estratégias têm que ser estratégias, para já a nível governamental. (...) Acho que investir numa estratégia, que há muito tempo tem vindo a ser descurada (...)... o professor neste momento não está credibilizado. Temos que credibilizar a figura do professor do Ensino Básico, dar sustentabilidade ao ascendente do professor... na própria sociedade, não é só no trabalho, é na própria sociedade. (...) Para que ele se imponha perante os alunos e a sua classe. Esta credibilização deverá começar pelo próprio local de trabalho. Compete às Comissões Executivas, quando procuradas pelas famílias, fazer-lhes compreender que certos facilitismos não têm razão de ser... As pessoas têm que ter consciência dos limites e das regras. E não têm. E muitas vezes o erro também não vem só das famílias, muitas vezes o erro vem é das Instituições... E daí se vê o que tem havido de muitas pessoas a baterem em professores. (...) Às vezes, porque não digo que seja em todo o lado, mas às vezes, ainda se bate nas costas dos pais dos alunos. E isso não pode ser... isso não pode ser. Vai descridibilizar o professor perante a turma, perante a sociedade e... o professor não pode ser chinelo... como é que se diz? Pé para qualquer chinelo! (...) Porque o ascendente do professor foi beliscado. (...) E é isso que temos que mudar nas mentalidades do português, porque senão não vamos a lado nenhum. (...)

[*Acerca das estratégias de apoio aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas, quanto à colaboração/ cooperação*] (...) ... claro que a colaboração da família, quando salutar, é sempre benéfica. E... a verdade seja dita, nos últimos tempos tem havido esse esforço. As Escolas, quer a nível dos corpos sociais, aos nossos superiores, quer ao nível dos professores, tem havido esse apelo, mas nem sempre às vezes resulta bem. Pois, lá está, ainda há famílias que pensam que ajudar é interferir no território do outro e muitas vezes a ajuda consiste numa fiscalização. (...) Acho... que tem que ser, aí tem que ser o professor a saber conversar bem com os pais, dizer qual é o papel deles... também ajudar, sobretudo ensiná-los a ser responsáveis. Sem interferir com o trabalho do professor... (...) ... porque os interesses passam a ser os mesmos de todos. Que é o sucesso daquela criança, a integração dela e a formação dela como cidadão. E então, toda essa colaboração da família, Escola, professor,

comunidade, quanto melhor for a articulação entre esses elementos todos, melhor para o aluno. (...)

[Acerca das mudanças a operar na Formação Inicial de Professores, para preparar profissionalmente o professor] (...) Aí temos que dar a tal volta muito grande, de 360 graus... Eu às vezes costumo pensar, eu dou comigo assim a pensar: olha agora que fiz 55 anos, que tenho 32 anos de serviço, agora é que tava apta para ensinar bem. E claro que o eu pensar assim não foi o que eu trouxe do Magistério. Foi o acumular de experiências, de situações que eu fui fazendo, que fui melhorando partindo das asneiras que ia fazendo, mas hoje em dia acho que há todo o interesse em que o professor venha com as melhores bases para o terreno, e para isso penso que a Formação Inicial deve proporcionar um desenvolvimento sustentado na flexibilidade, que será necessária... através duma remodelação das ESES. (...) As ESES devem ter professores especializados. (...) E especializados em áreas específicas. (...) Devemos apostar em professores credenciados e com provas dadas. Toda a teoria, um dos pontos importantes é este, toda a teoria devia ser acompanhada de situações práticas. Portanto, os alunos iam lá para a ESE, inscrevem-se, faz-se uma triagem, se servem se não servem, porque nem todos são obrigados a servir... Temos que se ver se eles são interessados, se estão interessados, se é aquilo que eles querem seguir. (...) Temos que ir à teoria, mas vir de lá só com a teoria não dá! Mais importante que a teoria é a vivência do terreno! É importante que o professor, o futuro professor saiba a teoria, por exemplo, ele vai e aprende: diferenciação pedagógica é isto! (...) Ele sabe isso tudo muito bem, mas depois vem de lá para cá e não a sabe pôr no terreno. Ou melhor, encontra uma turma, onde ele tem que aplicar a diferenciação pedagógica, onde ele tem que aplicar a noção de resiliência e... passa-lhe por cima. Fica na teoria. (...) ...se eles tiverem... uma classe ali... se essa classe for preparada por um professor especializado na área, ele, ao fazer a sua programação, mediante um cenário de crianças que ele também escolheria para o efeito, ele na sua programação iria contemplar situações diversas para os professores, que os professores fossem obrigados a gerir. (...) Exactamente, exactamente... é isso mesmo [existência de Prática Pedagógica durante todo o curso]. E isso não é muito difícil. Bastava o professor, devidamente credenciado, ir às Escolas da zona fazer ali uma pré-selecção do mosaico multicultural que nós temos hoje... (...) Eles sabem muito bem o que é que quer dizer o termo globalização, mas vivem uma

situação relacionada com ela e são capazes de não saber gerir... (...) se os professores forem devidamente credenciados preparam as aulas práticas de modo a contemplar todos estes cenários. O que irá proporcionar aos professores conhecimentos teóricos e práticos e, sobretudo, ir rever-se na sociedade que temos. O professor sabe que vai para a Escola e que é aquilo que vai encontrar. Já sabe aquilo que vai encontrar. (...) Tem que haver estratégias para resolver no terreno e, escusado será dizer, que só um professor devidamente credenciado poderá proporcionar essas situações... fundamentá-las... e, portanto, usar de critérios de articulação com a comunidade envolvente. Muitas vezes chegam os professores às Escolas e nós dizemos assim: olhe ó colega, este problema, por exemplo, quer fazer uma visita à ETAR, olhe vai assim, pede ajuda à comunidade, faz a articulação, ela às vezes vê-se grega, não é? Assim ela já sabia que tinha que comunicar com A, com B, com C, com tempo de antecedência... porque já tinha passado por isso. Já tinha vivido essa experiência. Depois desta experiência prática, claro que ressurgirão outras competências técnico-didáticas. Cada aluno é um caso e se a solução de cada caso surgir, a técnica e a didáctica vai melhorar conforme aquilo que nós precisamos. E aplica-se a didáctica e a técnica que o problema exige. (...) Porque já tem conhecimentos, porque se não os trouxer, ele no seu plano vai fazer o tal ensino homogéneo, teórico que é para pôr no lixo... (...)

[*Sobre estratégias de desenvolvimento da capacidade crítica, reflexiva e analítica nos futuros professores*] (...) ...eles terão sobretudo que ser responsáveis pela construção do conhecimento deles, o conhecimento deles. Cabe então ao futuro professor ter consciência do papel que o espera... (...) ...penso que os professores devem, portanto, interiorizar muito bem que a função deles é uma função muito, muito, muito importante e, como tal, devem valorizar todos os aspectos dessa profissão. Também será muito importante para eles... estagiarem no primeiro, no segundo, no terceiro e no quarto... Porque o tipo de vivências, o tipo de conhecimentos, o tipo de maneiras de resolver as questões são totalmente diferentes nestes quatro anos. E precisamente para ainda criar... para acabar com aquela ideia que a Escola é só para ler e contar... A Escola é para aprender a crescer! (...) Terem a prática o mais diversificada possível. Exactamente. E isso vai-lhes dar o quê? Vai fazer com que eles saiam de lá mais auto-confiantes... Penso que também devem ser dinâmicos e... claro que há pessoas mais dinâmicas do que outras, o que não impede que aquelas que não o sejam, que não o possam vir a ser.

(...) ...esse dinamismo também compete ao formador da ESE criar estratégias para que ele seja obrigado a desenvolver esse dinamismo. Criar-lhe situações em que ele seja obrigado a mexer-se... (...) o futuro professor tem de gerir o seu dinamismo. Só é possível se o formador contemplar todas as situações nas suas programações. Crítica ... tão importante que é esta formação... se o professor não tiver a sua auto-crítica... nunca faz nada. O professor tantas vezes está a dar a sua aula e às vezes essa crítica é quase simultânea... (...) Vai fazer de outra maneira e logo ali fez a sua auto-crítica. Analisou o que fez, reflectiu sobre a sua acção e criticou-a mudando a sua atitude... (...) Exactamente... exactamente... é isso mesmo, os professores devem fazer exercícios reflexivos na formação inicial. E depois, no final do seu estágio terá que haver um tempo próprio calendarizado para eles fazerem a sua crítica, apontar a crítica, estratégias para verificar o que tava bem, estratégias para realçar o que fez de bem e continuar a fazer e depois fazer a sua reflexão. E, sobretudo, um professor, esteja ele no início ou esteja ele no final de Carreira, que é o meu caso, deve ter sempre esta máxima em mente: O professor não deve pensar que sabe tudo... nunca! Todos os dias aprende coisas novas... e são elas que o ajudam a levar o seu barco a porto seguro! (...)

Pré-categorização da Entrevista 1
--

Unidades de Sentido

1. [*Acerca das possíveis exigências da Carreira docente em termos de formação contínua*] (...) Ela [formação contínua] deve estar sempre presente no percurso profissional de qualquer actor educativo... (...)
2. (...) devem ser accionados mecanismos por forma a que todos os docentes sejam contemplados com essa formação. (...)
3. (...) No momento actual, contudo, discordo do modo como ela se pratica (...)
4. (...) e a forma como nos é imposta [formação contínua]. (...)
5. (...) Actualmente... a forma motivadora que impele o docente a frequentar as acções é o facto de ser obrigado a apresentar créditos, para poder progredir. (...)
6. (...) esse facto [obrigatoriedade de apresentação de créditos] logo à partida corta todo o valor intrínseco de uma boa formação, porque nos é imposta (...)
7. (...) não é genuína [formação contínua] (...)
8. (...) não é criativa [formação contínua] (...)
9. (...) não é a que nós necessitamos [formação contínua]. (...)
10. (...) É aquela que para nós é mais fácil praticar... para obter os créditos e subir de escalão. (...)
11. [*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos pedagógicos*] (...) Ainda no contexto da Formação que temos penso que, no aspecto pedagógico, também a acção educativa deverá actualizar os docentes através de documentos que nem sempre temos à mão e que nos devem chegar para estarmos a par de tudo... sobre assuntos que não tratamos todos os dias. (...)
12. (...) Ela deverá proporcionar uma troca de experiências (...)
13. (...) [a formação contínua deverá proporcionar] troca de saberes (...)
14. (...) [a formação contínua deverá proporcionar] relatos de vivências diversificadas do quotidiano, abordagens de situações diferentes. (...)
15. (...) ela deveria proporcionar a todos os docentes que pudessem falar de mundos diferentes. (...)
16. (...) O que nesta formação actual não é possível [troca de experiências]. (...)
17. (...) bastava termos disponível um dia, a nível nacional, todas as pessoas iam para a sua Escola, não tinham que se deslocar, não tinham que mudar a rotina das suas

- famílias e do seu dia-a-dia, e aí iria um formador às Escolas e fariamos uma formação que seria abrangente e que ninguém ficaria de fora... (...)
18. (...) [formação contínua] De acordo com as necessidades de cada Escola... (...)
19. (...) seria altura óptima para a Escola reflectir (...)
20. (...) ver a necessidade que tinha ... (...)
21. (...) uma vez por período, apanhariam os docentes todos... e far-se-ia essa formação (...)
22. (...) com a reflexão de todos e arranjaríamos estratégias para aquela necessidade real... (...)
23. [*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos relacionais*] (...) ... eu devo parecer o velho do Restelo mas realmente esta formação que temos a mim não me satisfaz e também acho aqui o feed-back negativo... (...)
24. (...) O dia-a-dia do professor não se insere numa acção de formação que seja por aí inovadora. (...)
25. (...) Insere-se numa formação onde queira aprofundar certas matérias. (...)
26. (...) Ele inscreve-se numa acção que, por vezes são assuntos que ele já conhece muito bem... Porque depois tem que apresentar o produto final e se souber, facilita-lhe o trabalho. (...)
27. (...) Depois escolhe uma acção de formação que tem um calendário mais sugestivo, para perder menos tempo (...)
28. (...) ...e depois sabe que tem que apresentar um produto final. Ora esse produto final, muitas vezes, faz com que essa relação que devia haver, genuína e franca, entre os professores, não exista. (...)
29. (...) Há é hipocrisia porque nos dias de hoje estamos numa sociedade muito, muito competitiva e todas querem ser estrelas ao mesmo tempo. (...)
30. (...) Onde o interesse [da formação] seja a realidade Escola. (...)
31. (...) Porque há uns anos atrás... Na altura as acções de formação chamavam-se reciclagens. Nós íamos para ali, tratávamos os assuntos, relacionávamo-nos linda, lindamente, gostávamos do que fazíamos, no fim fazíamos convívios, convívios tão bons, tão bons, ali aprendíamos tanto, que a nossa tentação era ir de futuro logo para a sala para pormos na sala o que tínhamos aprendido ali. (...)
-

32. (...) Agora não sucede isso [desenvolvimento profissional e relacional na formação]. (...)
33. (...) Agora nós estamos ali, ajude-me aqui, ajude-me ali... e às vezes isso não serve... (...)
34. (...) Exacto. Exactamente... É mesmo o que nós queremos [boa conjugação de esforços entre professores]. (...)
35. (...) Nós queremos ensinar as crianças a partilhar... (...) É o que nós queremos transmitir, mas depois vamos para a formação e isso não sucede. (...)
36. [*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos de avaliação*] (...) Eu acho que... por muito... por muito rasca que seja uma acção de formação, por muito rasca, ela diz-nos sempre qualquer coisa. (...)
37. (...) Basta estarmos atentos, basta conhecermos melhor o alvo e a postura deste ou daquele, ela diz-nos sempre qualquer coisa. (...)
38. (...) Temos que estar atentos e interessados... (...)
39. (...) Por isso eu acho que é melhor termos as acções de formação que temos do que não termos nenhuma. (...)
40. (...) No momento actual não [contribuição da formação para a avaliação do docente]. (...)
41. (...) Porque eu já estive em Acções de Formação em que o produto final que por vezes as pessoas apresentavam não era delas. Isso não diz ao Ministério a qualidade dos professores... (...)
42. (...) Portanto ela não é genuína, e como não é genuína eu penso que o Ministério não, neste momento, ele não pode fazer nenhum feed-back dos professores que tem. (...)
43. (...) Eu acho que, para isso, teria que haver uma volta muito grande, muito grande, muito grande, muito grande. E essa volta, eu penso que ela só vai existir daqui a uns anos (...)
44. (...) Ela [mudança] tem que começar na ESE na Formação dos professores. (...)
45. (...) Só com remodelações de fundo [ênfatizando] é que poderá um dia o Ministério saber aquilo que tem. Porque assim é difícil, é muito difícil. (...)
-

46. (...) E para isso [para o ministério saber os professores que tem] terá que estar mais próximo dos professores, arranjar uma forma de contactar directamente com o trabalho dos professores... (...)
47. (...) Infelizmente... hoje em dia sucede assim: estamos numa Escola, são mais os pais que nos avaliam, que nos conhecem, que nos dão valor do que propriamente os nossos superiores... (...)
48. (...) Mas o Ministério... não tem noção. (...)
49. (...) Terá que vir ao terreno para ter a noção da qualidade dos professores que tem, para os avaliar. (...)
50. [*Acerca das formas de adaptação dos docentes em início de Carreira Docente em termos de formação contínua*] (...) ...eu como já estou no final da Carreira, não estou muito bem dentro do assunto do que se especula para aí em relação às mudanças que se prevêem, mas... pelo que se perspectiva, eu penso que elas não estão a ser muito bem aceites. (...)
51. (...) Porque continua na mesma a questão dos créditos (...)
52. (...) e agora ainda agrava mais um bocadinho. O que até aqui devia ser feito a nível do nosso Centro de Formação local, perto do nosso núcleo, eu acho que elas agora passam a ser a nível distrital, o que vai implicar a uma chefe de família, uma mãe ou um pai, vai impor situações difíceis para os professores, como a deslocação, o aspecto monetário, isso tudo. (...)
53. (...) [Formação a nível distrital] Isso não acho muito bem... (...)
54. (...) Eu penso é que a nível de Escola seria melhor... (...)
55. (...) e focar os interesses relacionados, nessa dita Escola. (...)
56. (...) Às vezes nós também nos acomodamos um bocadinho, as leis vêm cá para fora e pronto, agarramo-nos a elas e vamos... (...)
57. (...) Às vezes também não lutamos muito bem por aquilo que queremos, por comodismo, porque não temos tempo, aceitamos com facilidade... o que não é bom. (...)
58. [*Acerca das formas de adaptação dos docentes em início de Carreira Docente em termos pedagógicos*] (...) Eu penso que, no ponto de vista pedagógico, a mudança apenas trará benefício para alguns docentes... (...)
-

59. (...) essa formação [pedagógica] será feita em Escolas... tipo de oficinas, oficina da Matemática, oficina de... Língua Portuguesa, marginalizando as artes, como sempre... (...)
60. (...) Eu penso que isso [futura formação] também não é bom porque... isso vai obedecer a uma inscrição, essa inscrição vai ser aprovada, lógico, à partida nem todos vão beneficiar disso. (...)
61. (...) Logo aí [inscrição] há uma selecção prévia de quem terá acesso. (...)
62. (...) também há outra coisa que também me diz que não será assim muito bom... Porque essas oficinas serão em Escolas onde os próprios formadores, eles próprios é que vão impor a Escola que lhes interessa. (...)
63. (...) Se um formador viver em XXX, ele não vai por certo fazer um Work Shop aqui em XXXX. Lá está aí mais uma exclusão. (...)
64. [*Acerca das formas de adaptação dos docentes em início de Carreira Docente em termos relacionais*] (...) No aspecto relacional (...) se a minha turma não for seleccionada para ser uma oficina de Matemática, eu, que me considero uma pessoa progressista (...) claro que a minha relação perante aquelas que foram seleccionadas não vai ser boa... (...)
65. (...) uma pessoa fica assim um bocadinho triste [por não ser seleccionada]... (...)
66. (...) E sente-se excluída [da formação]. (...)
67. (...) Eu penso que não é aquilo que se pretende [exclusão], mas que antes agudiza a parte negativa que temos vindo a falar ali atrás. (...)
68. [*Acerca das formas de adaptação dos docentes em início de Carreira Docente em termos de avaliação*] (...) ... em relação à avaliação eu penso que os formadores, eles ao fazerem isto dizem que têm apenas o intuito de observar o desempenho do professor na sala de aula normal, ver como é que ele resolve uma certa situação... (...)
69. (...) Portanto eu acho que essa justificação do formador ir dar novas estratégias a mim não me diz nada. É porque eu sou um bocado céptica... [rindo] No entanto eles (...) têm que dar sustentabilidade ao projecto deles. (...)
70. (...) Eu penso que estes professores, ao virem portanto, com esta função, com este projecto, eles no fundo estão até, quanto a mim, a minimizar o papel das ESES. (...)
-

71. (...) A ESE é que devia, cada fornada de professores que sai de lá, vir de lá de tal maneira preparada no terreno, com essas situações todas bem preparadas (...)
72. (...) com um dinamismo tal, quer dizer, dinamismo que terá que ser proporcionado pelo formador, de modo a que eles [futuros professores] o encontrem e consigam geri-lo. (...)
73. (...) Continuo a dizer, a formação ao longo da Carreira é salutar... (...)
74. (...) mas condeno a acção formativa que tenha como forma de avaliação dos docentes. (...)
75. (...) Pergunto, não será estas oficinas (...) um camuflar de uma avaliação dos docentes, de alguns docentes? (...)
76. (...) Todos nós somos avaliados no curso que fizemos no Magistério. (...)
77. (...) Se hoje em dia os professores saem das ESES inaptos (...)
78. (...) esse é um assunto [inaptidão dos professores que saem das ESES] que deve ser reflectido ao nível governamental e proposto às ESES. (...)
79. (...) Concorro mais com um acompanhamento, ao longo da Carreira, talvez sob a forma de Reciclagens (...)
80. (...) ... eu lembro-me tão bem (...) partilhámos experiências e depois eu fiz assim e também deu resultado, agora vou fazer assim. E que é tudo muito genuíno, muito mais saudável... (...)
81. (...) Exactamente [formação sem o peso da avaliação exterior]. (...)
82. [*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível pessoal*] (...) ... a nível pessoal eu penso que... é fundamental e essencial a pessoa partir do perfil do professor (...)
83. (...) E a sustentabilidade deste perfil deve partir do momento em que o futuro professor se candidata à ESE... e quando é admitido na mesma. (...)
84. (...) É mais que sabido que nem todos podemos ser médicos... ginastas... cantores líricos, etc, etc, etc... Mesmo assim, temos vindo a assistir ao facto de que todos servem para serem professores... (...)
85. (...) Temos que seguir os nossos congéneres países da Europa, como a Inglaterra, por exemplo, onde se faz um estudo empenhado e onde se dá muito valor, muito valor ao ser professor. (...)
-

86. (...) Dão muito valor ao senhor professor, de tal maneira que a pessoa tira o curso de professor, a licenciatura do curso de professor e, antes de ser professor remunerado, ele vai para a comunidade e vai trabalhar gratuitamente para aí adquirir experiências e depois isso é posto no seu Currículo... e é por isso que temos lá bons professores. (...)
87. (...) Exactamente, exactamente... [importância da vocação] (...)
88. (...) Aqui algo está errado, no nosso sistema. No mínimo este candidato deve ter o quê? (...) Cultura geral... (...)
89. (...) apresentar-se com um aspecto cuidado, ter uma postura correcta na forma como se apresenta e como se relaciona... (...)
90. (...) não ser portador de vícios vistos a olho nú, porque alguns infelizmente não os podemos ver... (...)
91. (...) e ter atitudes e gestos que sirvam de exemplo em qualquer sociedade, em qualquer cultura... (...)
92. (...) Eu lembro-me que quando concorri ao Magistério, eu era novita, eu apresentei-me de soquetes e fui chamada ao gabinete e disseram-me, com dezassete anos, a senhora como futura professora não pode já usar soquetes, tem que usar meias de vidro. E eu comecei a usar meias de vidro (...)
93. (...) Porque nós vamos ser o espelho, o reflexo, nós vamos projectar nas crianças o que elas vão ser amanhã! Portanto há que investir muito nisso.(...)
94. [*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível interpessoal*] (...) Lá está, lá está, deve relacionar-se bem [o professor]. (...)
95. (...) Uma pessoa que vai responder ao formulário da ESE e que mostre pela resposta que é agressivo, que é embirrento, que é conflituoso ou que proteste por tudo e por nada, ele até pode dar as suas sugestões, até sendo sugestões válidas, vê-se que esse candidato é um candidato a ter em conta. (...)
96. (...) Agora, a maneira como ele o vai fazer é que tem que haver uma triagem. (...)
97. (...) Relacionar-se bem com todos, não criar conflitos... (...)
98. (...) se na presença dos colegas houver conflitos saber gerir, geri-los a contento de todos (...)
-

99. (...) deve-se relacionar de igual modo, independentemente da cultura de cada um, da raça, da cor e da proveniência de quem seja (...)
100. (...) ter uma ampla bagagem em termos de relacionamento com os outros (...)
101. (...) [Ter] educação... tudo aquilo que temos de transmitir aos alunos. (...)
102. [*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível técnico, metodológico e didáctico*] (...) Todo o professor que quer ser bom professor, e é para isso que ele deve ir para lá, deve fazer os possíveis e os impossíveis para estar seguro e conhecedor das matérias a tratar. (...)
103. (...) Deve reflectir bem sobre o que vão fazer e procurar resolver todas as dúvidas que possam aparecer. (...)
104. (...) [Se] em qualquer momento no seu desempenho (...) surjam dúvidas, (...) o professor deve ser humilde, deve pedir ajuda, lá está a tal interrelação, deve procurar esclarecer-se (...)
105. (...) o professor teve a umbridade de dizer: olhem meus queridos aqui tou como vocês, tenho que me ir esclarecer. É isso que é muito importante. (...)
106. (...) No aspecto metodológico e didáctico, nestes pontos também deve o professor procurar estratégias que satisfaçam todos os seus alunos. E isto porque deve ter sempre em conta o capital cultural de cada um... (...) é tudo igual. (...)
107. (...) E dentro da possibilidade de cada um, interagir com eles de modo a que todos se sintam úteis... Claro, porque isso tem que ser feito com uma lisura fantástica, porque... as crianças... sentem isso muito na pele. (...)
108. (...) Ele deve ter presente sempre, lá está o mosaico multicultural com que nos deparamos e inserir nele a proveniência dos alunos e ter em conta este aspecto, para poder trabalhar os conteúdos servindo-se das vivências de todos eles. E assim partilharem e trocarem todas as suas experiências. (...)
109. [*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível relacional*] (...) No aspecto relacional... se tudo isto que estamos a falar, se tudo correr sobre rodas, se todos se sentirem gente, se todas as crianças se sentirem gente... o aspecto relacional é fantástico. (...)
110. (...) O professor tenta valorizar todas as origens, os alunos sentem-se valorizados, empenham-se mais (...)
111. (...) é fomentada a solidariedade... (...)
-

112. (...) [Fortalecimento da relação com os encarregados de educação] Porque o professor deve ser o motor de arranque para que o triângulo Escola, comunidade e família, centrado no aluno, (...) funcione bem... (...)
113. (...) E se assim não for, ele [triângulo Escola, Comunidade, Família] não funciona bem (...)
114. (...) não funcionando bem [triângulo Escola, Comunidade, Família] há atritos, há isto, há aquilo, não há diálogo e depois também há insucesso escolar. (...)
115. (...) O professor gerindo bem esse conceito do triângulo escolar, tira desse triângulo todas as mais valias para que o seu desempenho tenha sucesso. (...)
116. (...) Porque o mais importante que há na Escola, uma das coisas mais importantes é o professor valorizar os afectos. (...)
117. (...) Dentro da sala temos que valorizar os afectos de cada um, e... uma aula dada com afectos, com humor também, na hora certa, resulta fantasticamente. (...)
118. [*Acerca das estratégias de apoio e acompanhamento aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas*] (...) Eu penso que estas estratégias têm que ser estratégias, para já a nível governamental. (...)
119. (...) Acho que investir numa estratégia, que há muito tempo tem vindo a ser descurada (...) o professor neste momento não está credibilizado. (...)
120. (...) Temos que credibilizar a figura do professor do Ensino Básico (...)
121. (...) dar sustentabilidade ao ascendente do professor... na própria sociedade, não é só no trabalho, é na própria sociedade. (...)
122. (...) Para que ele se imponha perante os alunos e a sua classe. (...)
123. (...) Esta credibilização deverá começar pelo próprio local de trabalho. (...)
124. (...) Compete às Comissões Executivas, quando procuradas pelas famílias, fazer-lhes compreender que certos facilitismos não têm razão de ser... (...)
125. (...) As pessoas têm que ter consciência dos limites e das regras. E não têm. (...)
126. (...) E muitas vezes o erro também não vem só das famílias, muitas vezes o erro vem é das Instituições... E daí se vê o que tem havido de muitas pessoas a baterem em professores. (...)
127. (...) Às vezes, porque não digo que seja em todo o lado, mas às vezes, ainda se bate nas costas dos pais dos alunos. E isso não pode ser... isso não pode ser. Vai
-

- descredibilizar o professor perante a turma, perante a sociedade e... o professor não pode ser chinelo... como é que se diz? Pé para qualquer chinelo! (...)
128. (...) Porque o ascendente do professor foi beliscado. (...)
129. (...) E é isso que temos que mudar nas mentalidades do português, porque senão não vamos a lado nenhum. (...)
130. [*Acerca das estratégias de apoio aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas, quanto à colaboração/ cooperação*] (...) claro que a colaboração da família, quando salutar, é sempre benéfica. (...)
131. (...) E... a verdade seja dita, nos últimos tempos tem havido esse esforço. As Escolas, quer a nível dos corpos sociais, aos nossos superiores, quer ao nível dos professores, tem havido esse apelo (...)
132. (...) mas nem sempre às vezes resulta bem [colaboração da família]. (...)
133. (...) Pois, lá está, ainda há famílias que pensam que ajudar é interferir no território do outro e muitas vezes a ajuda consiste numa fiscalização. (...)
134. (...) Acho... que tem que ser, aí tem que ser o professor a saber conversar bem com os pais, dizer qual é o papel deles... (...)
135. (...) também ajudar, sobretudo ensiná-los a ser responsáveis [os pais]. Sem interferir com o trabalho do professor... (...)
136. (...) porque os interesses passam a ser os mesmos de todos. Que é o sucesso daquela criança, a integração dela e a formação dela como cidadão. (...)
137. (...) E então, toda essa colaboração da família, Escola, professor, comunidade, quanto melhor for a articulação entre esses elementos todos, melhor para o aluno. (...)
138. [*Acerca das mudanças a operar na Formação Inicial de Professores, para preparar profissionalmente o professor*] (...) Aí temos que dar a tal volta muito grande, de 360 graus... (...)
139. (...) Eu às vezes costumo pensar, eu dou comigo assim a pensar: olha agora que fiz 55 anos, que tenho 32 anos de serviço, agora é que tava apta para ensinar bem. (...)
140. (...) E claro que o eu pensar assim não foi o que eu trouxe do Magistério. Foi o acumular de experiências, de situações que eu fui fazendo, que fui melhorando partindo das asneiras que ia fazendo... (...)
-

141. (...) ...mas hoje em dia acho que há todo o interesse em que o professor venha com as melhores bases para o terreno (...)
142. (...) e para isso penso que a Formação Inicial deve proporcionar um desenvolvimento sustentado na flexibilidade, que será necessária... através duma remodelação das ESES. (...)
143. (...) As ESES devem ter professores especializados. (...)
144. (...) E especializados em áreas específicas (...)
145. (...) Devemos apostar em professores credenciados e com provas dadas (...)
146. (...) Toda a teoria, um dos pontos importantes é este, toda a teoria devia ser acompanhada de situações práticas. (...)
147. (...) Portanto, os alunos iam lá para a ESE, inscrevem-se, faz-se uma triagem, se servem se não servem, porque nem todos são obrigados a servir... (...)
148. (...) Temos que ver se eles são interessados, se estão interessados, se é aquilo que eles querem seguir. (...)
149. (...) Temos que ir à teoria, mas vir de lá só com a teoria não dá! (...)
150. (...) Mais importante que a teoria é a vivência do terreno! (...)
151. (...) É importante que o professor, o futuro professor saiba a teoria, por exemplo, ele vai e aprende: diferenciação pedagógica é isto! (...)
152. (...) Ele sabe isso tudo muito bem, mas depois vem de lá para cá e não a sabe pôr no terreno. Ou melhor, encontra uma turma, onde ele tem que aplicar a diferenciação pedagógica, onde ele tem que aplicar a noção de resiliência e... passa-lhe por cima. Fica na teoria. (...)
153. (...) se eles tiverem... uma classe ali... se essa classe for preparada por um professor especializado na área, ele, ao fazer a sua programação, mediante um cenário de crianças que ele também escolheria para o efeito, ele na sua programação iria contemplar situações diversas para os professores, que os professores fossem obrigados a gerir. (...)
154. (...) Exactamente, exactamente... é isso mesmo [existência de Prática Pedagógica durante todo o curso]. E isso não é muito difícil. Bastava o professor, devidamente credenciado, ir às Escolas da zona fazer ali uma pré-selecção do mosaico multicultural que nós temos hoje (...)

155. (...) Eles sabem muito bem o que é que quer dizer o termo globalização, [pausa] mas vivem uma situação relacionada com ela e são capazes de não saber gerir... (...)
156. (...) se os professores forem devidamente credenciados preparam as aulas práticas de modo a contemplar todos estes cenários. O que irá proporcionar aos professores conhecimentos teóricos e práticos e, sobretudo, ir rever-se na sociedade que temos. (...)
157. (...) O professor sabe que vai para a Escola e que é aquilo que vai encontrar. Já sabe aquilo que vai encontrar. (...)
158. (...) Tem que haver estratégias para resolver no terreno e, escusado será dizer, que só um professor devidamente credenciado poderá proporcionar essas situações... fundamentá-las... e, portanto, usar de critérios de articulação com a comunidade envolvente. (...)
159. (...) Muitas vezes chegam os professores às Escolas e nós dizemos assim: olhe ó colega, este problema, por exemplo, quer fazer uma visita à ETAR, olhe vai assim, pede ajuda à comunidade, faz a articulação, ela às vezes vê-se grega, não é? Assim ela já sabia que tinha que comunicar com A, com B, com C, com tempo de antecedência... porque já tinha passado por isso. Já tinha vivido essa experiência. (...)
160. (...) Depois desta experiência prática, claro que ressurgirão outras competências técnico-didáticas. (...)
161. (...) Cada aluno é um caso e se a solução de cada caso surgir, a técnica e a didáctica vai melhorar conforme aquilo que nós precisamos. E aplica-se a didáctica e a técnica que o problema exige. (...)
162. (...) Porque já tem conhecimentos, porque se não os trouxer, ele no seu plano vai fazer o tal ensino homogéneo, teórico que é para pôr no lixo (...)
163. [*Sobre estratégias de desenvolvimento da capacidade crítica, reflexiva e analítica nos futuros professores*] (...) eles terão sobretudo que ser responsáveis pela construção do conhecimento deles, o conhecimento deles. (...)
164. (...) Cabe então ao futuro professor ter consciência do papel que o espera (...)
165. (...) penso que os professores devem, portanto, interiorizar muito bem que a função deles é uma função muito, muito, muito importante (...)
-

166. (...) e, como tal, devem valorizar todos os aspectos dessa profissão. (...)
167. (...) Também será muito importante para eles... estagiarem no primeiro, no segundo, no terceiro e no quarto...(…)
168. (...) Porque o tipo de vivências, o tipo de conhecimentos, o tipo de maneiras de resolver as questões são totalmente diferentes nestes quatro anos. (...)
169. (...) E precisamente para ainda criar... para acabar com aquela ideia que a Escola é só para ler e contar... A Escola é para aprender a crescer! (...)
170. (...) Terem a prática o mais diversificada possível. Exactamente. E isso vai-lhes dar o quê? Vai fazer com que eles saiam de lá mais auto-confiantes. Portanto, vêm de lá auto-confiantes... (...)
171. (...) Penso que também devem ser dinâmicos e... claro que há pessoas mais dinâmicas do que outras, o que não impede que aquelas que não o sejam, que não o possam vir a ser. (...)
172. (...) esse dinamismo também compete ao formador da ESE criar estratégias para que ele seja obrigado a desenvolver esse dinamismo. Criar-lhe situações em que ele seja obrigado a mexer-se... (...)
173. (...) o futuro professor tem de gerir o seu dinamismo. (...)
174. (...) Só é possível [desenvolvimento do dinamismo] se o formador contemplar todas as situações nas suas programações.(…)
175. (...) Crítica ... tão importante que é esta formação... se o professor não tiver a sua auto-crítica... nunca faz nada. (...)
176. (...) O professor tantas vezes está a dar a sua aula e às vezes essa crítica é quase simultânea... (...) Vai fazer de outra maneira e logo ali fez a sua auto-crítica. (...)
177. (...) Analisou o que fez, reflectiu sobre a sua acção e criticou-a mudando a sua atitude (...)
178. (...) Exactamente... exactamente... é isso mesmo, os professores devem fazer exercícios reflexivos na formação inicial. (...)
179. (...) E depois, no final do seu estágio terá que haver um tempo próprio calendarizado para eles fazerem a sua crítica, apontar a crítica (...)
180. (...) estratégias para verificar o que tava bem, estratégias para realçar o que fez de bem e continuar a fazer (...)
181. (...) e depois fazer a sua reflexão. (...)
-

182. (...) E, sobretudo, um professor, esteja ele no início ou esteja ele no final de Carreira, que é o meu caso, deve ter sempre esta máxima em mente: O professor não deve pensar que sabe tudo... nunca! (...)
183. (...) Todos os dias aprende coisas novas... e são elas que o ajudam a levar o seu barco a porto seguro! (...)

Categorização das Unidades de Sentido
Entrevista 1

1. EXIGÊNCIAS DA CARREIRA DOCENTE

1.1 A CURTO E MÉDIO PRAZO

1.1.1 FORMAÇÃO CONTÍNUA

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Ela [formação contínua] deve estar sempre presente no percurso profissional de qualquer actor educativo... (...) **(1)**
- (...) devem ser accionados mecanismos por forma a que todos os docentes sejam contemplados com essa formação. (...) **(2)**
- (...) Ainda no contexto da Formação que temos penso que, no aspecto pedagógico, também a acção educativa deverá actualizar os docentes através de documentos que nem sempre temos à mão e que nos devem chegar para estarmos a par de tudo... sobre assuntos que não tratamos todos os dias. (...) **(11)**
- (...) Ela deverá proporcionar uma troca de experiências (...) **(12)**
- (...) [a formação contínua deverá proporcionar] troca de saberes (...) **(13)**
- (...) [a formação contínua deverá proporcionar] relatos de vivências diversificadas do quotidiano, abordagens de situações diferentes. (...) **(14)**
- (...) ela deveria proporcionar a todos os docentes que pudessem falar de mundos diferentes. (...) **(15)**
- (...) bastava termos disponível um dia, a nível nacional, todas as pessoas iam para a sua Escola, não tinham que se deslocar, não tinham que mudar a rotina das suas famílias e do seu dia-a-dia, e aí iria um formador às Escolas e faríamos uma formação que seria abrangente e que ninguém ficaria de fora... (...) **(17)**
- (...) [formação contínua] De acordo com as necessidades de cada Escola... (...) **(18)**
- (...) Insere-se numa formação onde queira aprofundar certas matérias. (...) **(25)**
- (...) Onde o interesse [da formação] seja a realidade Escola. (...) **(30)**

- (...) Porque há uns anos atrás... Na altura as acções de formação chamavam-se reciclagens. Nós íamos para ali, tratávamos os assuntos, relacionávamos-nos linda, lindamente, gostávamos do que fazíamos, no fim fazíamos convívios, convívios tão bons, tão bons, ali aprendíamos tanto, que a nossa tentação era ir de futuro logo para a sala para pormos na sala o que tínhamos aprendido ali. (...) (31)
- (...) Eu acho que... por muito... por muito rasca que seja uma acção de formação, por muito rasca, ela diz-nos sempre qualquer coisa. (...) (36)
- (...) Basta estarmos atentos, basta conhecermos melhor o alvo e a postura deste ou daquele, ela diz-nos sempre qualquer coisa. (...) (37)
- (...) Temos que estar atentos e interessados... (...) (38)
- (...) Por isso eu acho que é melhor termos as acções de formação que temos do que não termos nenhuma. (...) (39)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) No momento actual, contudo, discordo do modo como ela se pratica (...) (3)
- (...) e a forma como nos é imposta [a formação contínua]. (...) (4)
- (...) Actualmente... a forma motivadora que impele o docente a frequentar as acções é o facto de ser obrigado a apresentar créditos, para poder progredir. (...) (5)
- (...) esse facto [obrigatoriedade de apresentação de créditos] logo à partida corta todo o valor intrínseco de uma boa formação, porque nos é imposta (...) (6)
- (...) não é genuína [formação contínua] (...) (7)
- (...) não é criativa [formação contínua] (...) (8)
- (...) não é a que nós necessitamos [formação contínua]. (...) (9)
- (...) É aquela que para nós é mais fácil praticar... para obter os créditos e subir de escalão. (...) (10)
- O que nesta formação actual não é possível [troca de experiências]. (...) (16)

- (...) eu devo parecer o velho do Restelo mas realmente esta formação que temos a mim não me satisfaz e também acho aqui o feed-back negativo... (...) (23)
- (...) O dia-a-dia do professor não se insere numa acção de formação que seja por aí inovadora. (...) (24)
- (...) Ele inscreve-se numa acção que, por vezes são assuntos que ele já conhece muito bem... Porque depois tem que apresentar o produto final e se souber, facilita-lhe o trabalho. (...) (26)
- (...) Depois escolhe uma acção de formação que tem um calendário mais sugestivo, para perder menos tempo (...) (27)
- (...) Agora não sucede isso [desenvolvimento profissional e relacional na formação]. (...) (32)
- (...) Agora nós estamos ali, ajude-me aqui, ajude-me ali... e às vezes isso não serve... (...) (33)
- (...) Nós queremos ensinar as crianças a partilhar... (...) É o que queremos transmitir, mas depois vamos para a formação e isso não sucede. (...) (35)

1.1.2 ASPECTOS PEDAGÓGICOS

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) seria altura óptima para a Escola reflectir (...) (19)
- (...) ver a necessidade que tinha... (...) (20)
- (...) uma vez por período, apanhariam os docentes todos... e far-se-ia essa formação (...) (21)
- (...) com a reflexão de todos e arranjaríamos estratégias para aquela necessidade real... (...) (22)

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*

1.1.3 ASPECTOS RELACIONAIS

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Exacto. Exactamente... É mesmo o que nós queremos [boa conjugação de esforços entre professores]. (...) (34)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) e depois sabe que tem que apresentar um produto final. Ora esse produto final, muitas vezes, faz com que essa relação que devia haver, genuína e franca, entre os professores, não exista. (...) (28)
- (...) Há é hipocrisia porque nos dias de hoje estamos numa sociedade muito, muito competitiva e todas querem ser estrelas ao mesmo tempo. (...) (29)

1.1.4 AVALIAÇÃO

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) E para isso [o Ministério saber os professores que tem] terá que estar mais próximo dos professores, arranjar uma forma de contactar directamente com o trabalho dos professores... (...) (46)
- Terá que vir ao terreno [o Ministério da Educação] para ter a noção da qualidade dos professores que tem, para os avaliar. (...) (49)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) No momento actual não [contribuição da formação para a avaliação do docente]. (...) (40)
- (...) Porque eu já estive em Acções de Formação em que o produto final que por vezes as pessoas apresentavam não era delas. Isso não diz ao Ministério a qualidade dos professores... (...) (41)
- (...) Portanto ela não é genuína, e como não é genuína eu penso que o Ministério não, neste momento, ele não pode fazer nenhum feed-back dos professores que tem. (...) (42)
- (...) Eu acho que, para isso, teria que haver uma volta muito grande, muito grande, muito grande, muito grande. E essa volta, eu penso que ela só vai existir daqui a uns anos (...) (43)

- (...) Só com remodelações de fundo é que poderá um dia o Ministério saber aquilo que tem. Porque assim é difícil, é muito difícil. (...) (45)
- (...) Infelizmente... hoje em dia sucede assim: estamos numa Escola, são mais os pais que nos avaliam, que nos conhecem, que nos dão valor do que propriamente os nossos superiores... (...) (47)
- (...) Mas o Ministério... não tem noção. (48)
- (...) Às vezes nós também nos acomodamos um bocadinho, as leis vêm cá para fora e pronto, agarramo-nos a elas e vamos... (...) (56)
- (...) Às vezes também não lutamos muito bem por aquilo que queremos, por comodismo, porque não temos tempo, aceitamos com facilidade... o que não é bom. (...) (57)

2. MUDANÇAS NA CARREIRA DOCENTE.

2.1. ADAPTAÇÕES ÀS MUDANÇAS NA CARREIRA DOCENTE

2.1.1. FORMAÇÃO CONTÍNUA

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Eu penso é que [a formação contínua] a nível de Escola seria melhor (...) (54)
- (...) em relação à avaliação eu penso que os formadores, eles ao fazerem isto dizem que têm apenas o intuito de observar o desempenho do professor na sala de aula normal, ver como é que ele resolve uma certa situação... (...) (68)
- (...) Continuo a dizer, a formação ao longo da Carreira é salutar... (...) (73)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) eu como já estou no final da Carreira, não estou muito bem dentro do assunto do que se especula para aí em relação às mudanças que se prevêem, mas... pelo que se perspectiva, eu penso que elas não estão a ser muito bem aceites. (...) (50)
- (...) Porque continua na mesma a questão dos créditos (...) (51)

- (...) e agora ainda agrava mais um bocadinho. O que até aqui devia ser feito a nível do nosso Centro de Formação local, perto do nosso núcleo, eu acho que elas agora passam a ser a nível distrital, o que vai implicar a uma chefe de família, uma mãe ou um pai, vai impor situações difíceis para os professores, como a deslocação, o aspecto monetário, isso tudo. (...) (52)
- (...) [formação a nível distrital] Isso não acho muito bem... (...) (53)
- (...) essa formação [pedagógica] será feita em Escolas... tipo de oficinas, oficina da Matemática, oficina de... Língua Portuguesa, marginalizando as artes, como sempre... (...) (59)
- (...) Eu penso que isso [futura formação] também não é bom porque... isso vai obedecer a uma inscrição, essa inscrição vai ser aprovada, lógico, à partida nem todos vão beneficiar disso. (...) (60)
- (...) Logo aí [inscrição] há uma selecção prévia de quem terá acesso. (...) (61)
- (...) também há outra coisa que também me diz que não será assim muito bom... Porque essas oficinas serão em Escolas onde os próprios formadores, eles próprios é que vão impor a Escola que lhes interessa. (...) (62)
- (...) Se um formador viver em XXX, ele não vai por certo fazer um Work Shop aqui em XXXX. Lá está aí mais uma exclusão. (...) (63)
- (...) Portanto eu acho que essa justificação do formador ir dar novas estratégias a mim não me diz nada. É porque eu sou um bocado céptica... No entanto eles têm que dar sustentabilidade ao projecto deles. (...) (69)
- (...) Eu penso que estes professores, ao virem portanto, com esta função, com este projecto, eles no fundo estão até, quanto a mim, a minimizar o papel das ESES. (...) (70)

2.1.2 CAMPO PEDAGÓGICO

ASPECTOS POSITIVOS

- *Não verificados*

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) Eu penso que, no ponto de vista pedagógico, a mudança apenas trará benefício para alguns docentes... (...) (58)

2.1.3. CAMPO RELACIONAL

ASPECTOS POSITIVOS

- *Não verificados*

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) No aspecto relacional (...) se na minha turma não for seleccionada para ser uma oficina de Matemática, eu, que me considero uma pessoa progressista (...) claro que a minha relação perante aquelas que foram seleccionadas não vai ser boa (...) (64)
- (...) uma pessoa fica assim um bocadinho triste [por não ser seleccionada]... (...) (65)
- (...) E sente-se excluída [da formação]. (...) (66)
- (...) Eu penso que não é aquilo que se pretende [exclusão], mas que antes agudiza a parte negativa que temos vindo a falar ali atrás. (...) (67)

2.1.4. AVALIAÇÃO

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Todos nós somos avaliados no curso que fizemos no Magistério. (...) (76)
- (...) Concordo mais com um acompanhamento, ao longo da Carreira, talvez sob a forma de Reciclagens (...) (79)
- (...) eu lembro-me tão bem (...) partilhámos experiências e depois eu fiz assim e também deu resultado, agora vou fazer assim. E que é tudo muito genuíno, muito mais saudável... (...) (80)
- (...) Exactamente [formação sem o peso da avaliação exterior]. (...) (81)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) mas condeno a acção formativa que tenha como forma de avaliação dos docentes. (...) (74)
- (...) Pergunto, não será estas oficinas [Workshops] (...) um camuflar de uma avaliação dos docentes, de alguns docentes? (...) (75)

3. COMPETÊNCIAS PARA A DOCÊNCIA

3.1. COMPETÊNCIAS EXIGIDAS AOS DOCENTES.

3.1.1. PESSOAIS

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) a nível pessoal eu penso que... é fundamental e essencial a pessoa partir do perfil do professor (...) (82)
- (...) E a sustentabilidade deste perfil deve partir do momento em que o futuro professor se candidata à ESE... e quando é admitido na mesma. (...) (83)
- (...) Exactamente, exactamente... [importância da vocação] (...) (87)
- (...) Aqui algo está errado, no nosso sistema. No mínimo este candidato deve ter o quê? (...) Cultura geral (...) (88)
- (...) apresentar-se com um aspecto cuidado, ter uma postura correcta na forma como se apresenta e como se relaciona (...) (89)
- (...) não ser portador de vícios vistos a olho nú, porque alguns infelizmente não os podemos ver... (...) (90)
- (...) e ter atitudes e gestos que sirvam de exemplo em qualquer sociedade, em qualquer cultura... (...) (91)
- (...) Eu lembro-me que quando concorri ao Magistério, eu era novita, eu apresentei-me de soquetes e fui chamada ao gabinete e disseram-me, com dezassete anos, a senhora como futura professora não pode já usar soquetes, tem que usar meias de vidro. E eu comecei a usar meias de vidro (...) (92)

- (...) Porque nós vamos ser o espelho, o reflexo, nós vamos projectar nas crianças o que elas vão ser amanhã! Portanto há que investir muito nisso. (...) **(93)**
- (...) Portanto, os alunos iam lá para a ESE, inscrevem-se, faz-se uma triagem, se servem se não servem, porque nem todos são obrigados a servir... (...) **(147)**
- (...) Temos que se ver se eles são interessados, se estão interessados, se é aquilo que eles querem seguir. (...) **(148)**
- (...) penso que os professores devem, portanto, interiorizar muito bem que a função deles é uma função muito, muito, muito importante (...) **(165)**
- (...) e, como tal, devem valorizar todos os aspectos dessa profissão. (...) **(166)**
- (...) E precisamente para ainda criar... para acabar com aquela ideia que a Escola é só para ler e contar... A Escola é para aprender a crescer! (...) **(169)**

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) É mais que sabido que nem todos podemos ser médicos... ginastas... cantores líricos, etc, etc, etc... Mesmo assim, temos vindo a assistir ao facto de que todos servem para serem professores... (...) **(84)**
- (...) Temos que seguir os nossos congéneres países da Europa, como a Inglaterra, por exemplo, onde se faz um estudo empenhado e onde se dá muito valor, muito valor ao ser professor. (...) **(85)**
- (...) Dão muito valor ao senhor professor, de tal maneira que a pessoa tira o curso de professor, a licenciatura do curso de professor e, antes de ser professor remunerado, ele vai para a comunidade e vai trabalhar gratuitamente para aí adquirir experiências e depois isso é posto no seu Currículo... e é por isso que temos lá bons professores. (...) **(86)**

3.1.2. INTERPESSOAIS

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Lá está, lá está, deve relacionar-se bem [o professor]. (...) **(94)**

- (...) Uma pessoa que vai responder ao formulário da ESE e que mostre pela resposta que é agressivo, que é embirrento, que é conflituoso ou que proteste por tudo e por nada, ele até pode dar as suas sugestões, até sendo sugestões válidas, vê-se que esse candidato é um candidato a ter em conta. (...) (95)
- (...) Agora, a maneira como ele o vai fazer é que tem que haver uma triagem. (...) (96)
- (...) Relacionar-se bem com todos, não criar conflitos... (...) (97)
- (...) se na presença dos colegas houver conflitos saber gerir, geri-los a contento de todos (...) (98)
- (...) deve-se relacionar de igual modo, independentemente da cultura de cada um, da raça, da cor e da proveniência de quem seja (...) (99)
- (...) ter uma ampla bagagem em termos de relacionamento com os outros (...) (100)
- (...) [Ter] educação... tudo aquilo que temos de transmitir aos alunos. (...) (101)
- (...) E dentro da possibilidade de cada um, interagir com eles de modo a que todos se sintam úteis... Claro, porque isso tem que ser feito com uma lisura fantástica, porque... as crianças... sentem isso muito na pele. (...) (107)
- (...) No aspecto relacional... se tudo isto que estamos a falar, se tudo correr sobre rodas, se todos se sentirem gente, se todas as crianças se sentirem gente... o aspecto relacional é fantástico. (...) (109)
- (...) O professor tenta valorizar todas as origens, os alunos sentem-se valorizados, empenham-se mais (...) (110)
- (...) é fomentada a solidariedade... (...) (111)
- (...) [Fortalecimento da relação com os encarregados de educação] Porque o professor deve ser o motor de arranque para que o triângulo Escola, comunidade e família, centrado no aluno, (...) funcione bem... (...) (112)
- (...) O professor gerindo bem esse conceito do triângulo escolar, tira desse triângulo todas as mais valias para que o seu desempenho tenha sucesso. (...) (115)
- (...) Porque o mais importante que há na Escola, uma das coisas mais importantes é o professor valorizar os afectos. (...) (116)

- (...) Dentro da sala temos que valorizar os afectos de cada um, e... uma aula dada com afectos, com humor também, na hora certa, resulta fantasticamente. (...) (117)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) E se assim não for, ele [triângulo escola, comunidade e família] não funciona bem (...) (113)
- (...) não funcionando bem [triângulo escola, comunidade e família] há atritos, há isto, há aquilo, não há diálogo e depois também há insucesso escolar. (...) (114)

3.1.3. TÉCNICAS, METODOLOGIAS E DIDÁCTICAS

- (...) Todo o professor que quer ser bom professor, e é para isso que ele deve ir para lá, deve fazer os possíveis e os impossíveis para estar seguro e conhecedor das matérias a tratar. (...) (102)
- (...) Deve reflectir bem sobre o que vão fazer e procurar resolver todas as dúvidas que possam aparecer. (...) (103)
- (...) [Se] em qualquer momento no seu desempenho (...) surjam dúvidas (...) o professor deve ser humilde, deve pedir ajuda, lá está a tal interrelação, deve procurar esclarecer-se (...) (104)
- (...) o professor teve a umbridade de dizer: olhem meus queridos aqui tou como vocês, tenho que me ir esclarecer. É isso que é muito importante. (...) (105)
- (...) No aspecto metodológico e didáctico, nestes pontos também deve o professor procurar estratégias que satisfaçam todos os seus alunos. E isto porque deve ter sempre em conta o capital cultural de cada um... (...) é tudo igual. (...) (106)
- (...) Ele deve ter presente sempre, lá está o mosaico multicultural com que nos deparamos e inserir nele a proveniência dos alunos e ter em conta este

aspecto, para poder trabalhar os conteúdos servindo-se das vivências de todos eles. E assim partilharem e trocarem todas as suas experiências. (...) (108)

4. APOIO À CLASSE DOCENTE.

4.1. ESTRATÉGIAS DE APOIO À CLASSE DOCENTE, FACE ÀS MUDANÇAS IDENTIFICADAS

4.1.1. ACOMPANHAMENTO/ APOIO ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Eu penso que estas estratégias têm que ser estratégias, para já a nível governamental. (...) (118)
- (...) Acho que investir numa estratégia, que há muito tempo tem vindo a ser descurada, (...) o professor neste momento não está credibilizado. (...) (119)
- (...) Temos que credibilizar a figura do professor do Ensino Básico (...) (120)
- (...) dar sustentabilidade ao ascendente do professor... na própria sociedade, não é só no trabalho, é na própria sociedade. (...) (121)
- (...) Para que ele se imponha perante os alunos e a sua classe. (...) (122)
- (...) Esta credibilização deverá começar pelo próprio local de trabalho. (...) (123)
- (...) Compete às Comissões Executivas, quando procuradas pelas famílias, fazer-lhes compreender que certos facilitismos não têm razão de ser... (...) (124)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) As pessoas têm que ter consciência dos limites e das regras. E não têm. (...) (125)
- (...) E muitas vezes o erro também não vem só das famílias, muitas vezes o erro vem é das Instituições... E daí se vê o que tem havido de muitas pessoas a baterem em professores. (...) (126)
- (...) Às vezes, porque não digo que seja em todo o lado, mas às vezes, ainda se bate nas costas dos pais dos alunos. E isso não pode ser... isso não pode

ser. Vai descredibilizar o professor perante a turma, perante a sociedade e... o professor não pode ser chinelo... como é que se diz? Pé para qualquer chinelo! (...) (127)

- (...) Porque o ascendente do professor foi beliscado. (...) (128)
- (...) E é isso que temos que mudar nas mentalidades do português, porque senão não vamos a lado nenhum. (...) (129)

4.1.2. COLABORAÇÃO/ COOPERAÇÃO ASPECTOS POSITIVOS

- (...) claro que a colaboração da família, quando salutar, é sempre benéfica. (...) (130)
- (...) E... a verdade seja dita, nos últimos tempos tem havido esse esforço [de colaboração das famílias]. As Escolas, quer a nível dos corpos sociais, aos nossos superiores, quer ao nível dos professores, tem havido esse apelo (...) (131)
- (...) Acho... que tem que ser, aí tem que ser o professor a saber conversar bem com os pais, dizer qual é o papel deles... (...) (134)
- (...) também ajudar, sobretudo ensiná-los a ser responsáveis [os pais]. Sem interferir com o trabalho do professor... (...) (135)
- (...) porque os interesses passam a ser os mesmos de todos. Que é o sucesso daquela criança, a integração dela e a formação dela como cidadão. (...) (136)
- (...) E então, toda essa colaboração da família, Escola, professor, comunidade, quanto melhor for a articulação entre esses elementos todos, melhor para o aluno. (...) (137)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) mas nem sempre às vezes resulta bem [colaboração da família]. (...) (132)

- (...) Pois, lá está, ainda há famílias que pensam que ajudar é interferir no território do outro e muitas vezes a ajuda consiste numa fiscalização. (...) (133)

5. FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES.

5.1. ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

5.1.1. ACOMPANHAMENTO/ APOIO

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Ela [mudança] tem que começar na ESE na Formação dos professores. (...) (44)
- (...) A ESE é que devia, cada fornada de professores que sai de lá, vir de lá de tal maneira preparada no terreno, com essas situações todas bem preparadas (...) (71)
- (...) com um dinamismo tal, quer dizer, dinamismo que terá que ser proporcionado pelo formador, de modo a que eles [futuros professores] o encontrem e consigam geri-lo. (...) (72)
- (...) esse é um assunto [inaptidão dos professores que saem das ESES] que deve ser reflectivo ao nível governamental e proposto às ESES. (...) (78)
- (...) Aí temos que dar a tal volta muito grande, de 360 graus... (...) (138)
- (...) mas hoje em dia acho que há todo o interesse em que o professor venha com as melhores bases para o terreno (...) (141)
- (...) e para isso penso que a Formação Inicial deve proporcionar um desenvolvimento sustentado na flexibilidade, que será necessária... através duma remodelação das ESES. (...) (142)
- (...) As ESES devem ter professores especializados. (...) (143)
- (...) E especializados em áreas específicas (...) (144)
- (...) Devemos apostar em professores credenciados e com provas dadas (...) (145)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) Se hoje em dia os professores saem das ESES inaptos (...) (77)

- (...) Eu às vezes costumo pensar, eu dou comigo assim a pensar: olha agora que fiz 55 anos, que tenho 32 anos de serviço, agora é que tava apta para ensinar bem. (...) **(139)**
- (...) E claro que o eu pensar assim não foi o que eu trouxe do Magistério. Foi o acumular de experiências, de situações que eu fui fazendo, que fui melhorando partindo das asneiras que ia fazendo... (...) **(140)**
- (...) Ele sabe isso tudo muito bem, mas depois vem de lá para cá e não a sabe pôr no terreno. Ou melhor, encontra uma turma, onde ele tem que aplicar a diferenciação pedagógica, onde ele tem que aplicar a noção de resiliência e... passa-lhe por cima. Fica na teoria. (...) **(152)**
- (...) Eles sabem muito bem o que é que quer dizer o termo globalização, mas vivem uma situação relacionada com ela e são capazes de não saber gerir... (...) **(155)**

5.1.2. EXPERIÊNCIA PRÁTICA ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Toda a teoria, um dos pontos importantes é este, toda a teoria devia ser acompanhada de situações práticas. (...) **(146)**
- (...) Temos que ir à teoria, mas vir de lá só com a teoria não dá! (...) **(149)**
- (...) Mais importante que a teoria é a vivência do terreno! (...) **(150)**
- (...) se eles tiverem... uma classe ali... se essa classe for preparada por um professor especializado na área, ele, ao fazer a sua programação, mediante um cenário de crianças que ele também escolheria para o efeito, ele na sua programação iria contemplar situações diversas para os professores, que os professores fossem obrigados a gerir. (...) **(153)**
- (...) Exactamente, exactamente... é isso mesmo [existência de Prática Pedagógica durante todo o curso]. E isso não é muito difícil. Bastava o professor, devidamente credenciado, ir às Escolas da zona fazer ali uma pré-selecção do mosaico multicultural que nós temos hoje (...) **(154)**
- (...) se os professores forem devidamente credenciados preparam as aulas práticas de modo a contemplar todos estes cenários. O que irá proporcionar

aos professores conhecimentos teóricos e práticos e, sobretudo, ir rever-se na sociedade que temos. (...) (156)

- (...) O professor sabe que vai para a Escola e que é aquilo que vai encontrar. Já sabe aquilo que vai encontrar. (...) (157)
- (...) Tem que haver estratégias para resolver no terreno e, escusado será dizer, que só um professor devidamente credenciado poderá proporcionar essas situações... fundamentá-las... e, portanto, usar de critérios de articulação com a comunidade envolvente. (...) (158)
- (...) Muitas vezes chegam os professores às Escolas e nós dizemos assim: olhe ó colega, este problema, por exemplo, quer fazer uma visita à ETAR, olhe vai assim, pede ajuda à comunidade, faz a articulação, ela às vezes vê-se grega, não é? Assim ela já sabia que tinha que comunicar com A, com B, com C, com tempo de antecedência... porque já tinha passado por isso. Já tinha vivido essa experiência. (...) (159)
- (...) Também será muito importante para eles... estagiarem no primeiro, no segundo, no terceiro e no quarto (...) (167)
- (...) Porque o tipo de vivências, o tipo de conhecimentos, o tipo de maneiras de resolver as questões são totalmente diferentes nestes quatro anos. (...) (168)

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*

5.1.3. COMPETÊNCIA TÉCNICO-DIDÁCTICA

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) É importante que o professor, o futuro professor saiba a teoria, por exemplo, ele vai e aprende: diferenciação pedagógica é isto! (...) (151)
- (...) Depois desta experiência prática, claro que ressurgirão outras competências técnico-didáticas. (...) (160)

- (...) Cada aluno é um caso e se a solução de cada caso surgir, a técnica e a didáctica vai melhorar conforme aquilo que nós precisamos. E aplica-se a didáctica e a técnica que o problema exige. (...) **(161)**
- (...) Porque já tem conhecimentos, porque se não os trouxer, ele no seu plano vai fazer o tal ensino homogéneo, teórico que é para pôr no lixo (...) **(162)**

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*

5.1.4. CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

- (...) eles terão sobretudo que ser responsáveis pela construção do conhecimento deles, o conhecimento deles. (...) **(163)**
- (...) Cabe então ao futuro professor ter consciência do papel que o espera (...) **(164)**
- (...) E, sobretudo, um professor, esteja ele no início ou esteja ele no final de Carreira, que é o meu caso, deve ter sempre esta máxima em mente: O professor não deve pensar que sabe tudo... nunca! (...) **(182)**
- (...) Todos os dias aprende coisas novas... e são elas que o ajudam a levar o seu barco a porto seguro! (...) **(183)**

5.1.5. AUTOCONFIANÇA

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Terem a prática o mais diversificada possível. Exactamente. E isso vai-lhes dar o quê? Vai fazer com que eles saiam de lá mais auto-confiantes. Portanto, vêm de lá auto-confiantes... (...) **(170)**

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*
-

5.1.6. DINAMISMO

- (...) Penso que também devem ser dinâmicos e... claro que há pessoas mais dinâmicas do que outras, o que não impede que aquelas que não o sejam, que não o possam vir a ser. (...) (171)
- (...) esse dinamismo também compete ao formador da ESE criar estratégias para que ele seja obrigado a desenvolver esse dinamismo. Criar-lhe situações em que ele seja obrigado a mexer-se... (...) (172)
- (...) o futuro professor tem de gerir o seu dinamismo. (...) (173)
- (...) Só é possível [desenvolvimento do dinamismo] se o formador contemplar todas as situações nas suas programações. (...) (174)

5.1.7. CAPACIDADE CRÍTICA, ANALÍTICA E REFLEXIVA

- (...) Crítica ... tão importante que é esta formação... se o professor não tiver a sua auto-crítica... nunca faz nada. (...) (175)
- (...) O professor tantas vezes está a dar a sua aula e às vezes essa crítica é quase simultânea... (...) Vai fazer de outra maneira e logo ali fez a sua auto-crítica. (...) (176)
- (...) Analisou o que fez, reflectiu sobre a sua acção e criticou-a mudando a sua atitude (...) (177)
- (...) Exactamente... exactamente... é isso mesmo, os professores devem fazer exercícios reflexivos na formação inicial. (...) (178)
- (...) E depois, no final do seu estágio terá que haver um tempo próprio calendarizado para eles fazerem a sua crítica, apontar a crítica (...) (179)
- (...) estratégias para verificar o que tava bem, estratégias para realçar o que fez de bem e continuar a fazer (...) (180)
- (...) e depois fazer a sua reflexão. (...) (181)

ANEXO 3

PROTOCOLO E TRATAMENTO DA ENTREVISTA 2

ENTREVISTA 2

Or: O que é que pensa sobre as possíveis exigências da Carreira Docente em termos de Formação Contínua?

Ent: Formação Contínua, é assim... Neste momento, a Formação Contínua, no início quando começou a Formação Contínua, nestes moldes que existe, até era bem estruturada. Ao longo dos anos houve um certo desfasamento entre aquilo que o ensino realmente necessita e a formação que muitas vezes é proposta. Ou seja, a Formação não acompanhou a evolução e as necessidades dos docentes. Dou um exemplo muito concreto, quando a legislação... o... o... o seis de dois mil... não, o... o seis de dois mil e dois, salvo erro aaa... que quando aparece a primeira vez a proposta do Projecto Curricular de Turma, ninguém sabia como fazer o Projecto Curricular de Turma e os Centros de Formação nesse momento preciso, quando havia a necessidade, não tinham formadores com conhecimentos para poderem por em acção formações nessas áreas. A Reorganização Curricular, não havia pessoas habilitadas, portanto, o que acontece... quando iniciou a formação continua nos moldes em que existe hoje as respostas até eram pontuais às necessidades porque também não havia muitas, muitas alterações. Depois, ao longo do processo de Formação Contínua e nos últimos anos começa-se a sentir um desfasamento em relação à Formação Contínua, porque os Centros de Formação têm uma bolsa de formadores, muitas vezes essa Bolsa de formadores não abrange as áreas que os docentes têm necessidades de formação e então, a minha opinião é que é assim, muitas vezes os professores fazem formação só para ter os créditos e não fazem formação para poderem ter uma mais valia a nível de conhecimentos para melhor agirem na acção, na sua prática pedagógica.

Or: Quais acha que poderão ser as possíveis exigências à Carreira Docente nesse sentido, a curto e médio prazo?

Ent: É assim, eu acho que a formação tem que ser feita em contexto, pronto, com pessoas “expertas” nas áreas em que os docentes sentem que têm essas falhas, não é, e que têm necessidade de formação e não... a formação que os formadores propõem aos centros e que os centros propõem às Escolas... tem de vir de dentro para fora e não de fora para dentro.

Or: E relativamente às exigências que pensa que se vão colocar à Carreira Docente quanto aos aspectos pedagógicos?

Ent: É assim, a história das exigências a nível pedagógico são sempre muito relativas. Neste momento, pedagogicamente o que é exigido é papel, não era assim. O docente pode ser um excelente docente, pode não ter os papéis todos em ordem, se calhar pedagogicamente ter falhas mas se tiver os papéis todos em ordem e na sua acção não ser cem por cento real relativamente aos papéis que tem, se calhar é um excelente docente, porque a papelada é que vale. Por isso é assim, a nível pedagógico as exigências nunca são práticas, quando deveriam ser práticas. É assim, o que se faz na turma deveria ser reflexo de todo um conjunto de medidas que são uma mais valia para que haja um sucesso e um bem-estar, tanto dos alunos como do professor, o que eu não, não creio que seja assim.

Or: E a nível relacional?

Ent: É assim, eu penso que há um grande percurso a percorrer, nós neste momento estamos a atravessar uma crise social que se reflecte nos afectos, que se reflecte na parte emocional, na parte relacional, porque é assim, a relação existe num conjunto de afectos, num conjunto de negociação. Quando há uma falha conjuntural, isso reflecte-se na relação com o outro. Neste momento, eu penso que os docentes estão muito desgostosos, muitas vezes estão desmotivados e também por não terem tido, neste percurso, muitas vezes apoio, muitas vezes alguma... aaa... vamos lá... alguma reflexão, porque é assim, para nós nos relacionarmos bem também temos que reflectir sobre aquilo, a forma como agimos. Apesar de ser assim, cada um relaciona-se ou não bem com o outro também tem a ver com a sua personalidade, tem a ver com aquilo que já tem na sua essência. Não quer dizer que não possa ser educado, não possa ser trabalhado, é isso que se tem que fazer. Independentemente de pessoas num caos, numa situação caótica conseguem ter uma relação excelente com os outros, independentemente do contexto e há pessoas com contextos favoráveis que não o conseguem. Portanto isto é assim, quem está na docência tem que se saber relacionar, senão não pode estar na docência. Tem que se saber relacionar com o aluno, tem que se saber relacionar com os colegas, tem que se saber relacionar com a gestão, tem que se saber relacionar com toda a

conjuntura que o cerca porque senão não consegue trabalhar. Com os pais... também. É assim,... uma boa relação com os alunos parte duma boa relação com os pais. Se há à partida um feed-back, nós enquanto docentes não temos que ter a ideia que sabemos tudo, que nós é que temos o domínio e nós é que controlamos a situação, não. Nós estamos a servir. Nós servimos, os pais são clientes e os alunos são clientes... Nós temos que servir, como é assim, há uma dica, é assim, o cliente tem sempre razão. Mesmo que não tenha. Mesmo que nós saibamos que aquela pessoa não tem razão, nós temos que saber ouvir. E temos que saber, como bons educadores que devemos ser, devemos ter a capacidade, e aí joga um bocadinho a psicologia, de argumentarmos de maneira a não confrontarmos, mas sim a fazermos ver a pessoa que se calhar não tem a razão total, mas sem entrar em confronto. Porque é assim, o confronto com um pai é uma pedra no nosso sapato durante o tempo que nós tivermos o aluno, filho daquela pessoa com quem nós temos uma má relação. Por isso é assim, o aspecto relacional é extremamente importante apesar de haver situações em que eu compreendo e sei que é praticamente impossível, porque há pessoas que não têm sequer a capacidade de se relacionar, o professor muitas vezes não consegue também fazer milagres. Se um pai vai à partida em situação de agressão possivelmente nós também não temos muita possibilidade de nos defendermos nem de gerirmos a situação. Por isso é assim, o que eu disse é para a generalidade, é para as situações pontuais que são muito difíceis de nós conseguirmos dar a volta à situação. Eu este ano aconteceu-me uma coisa muito engraçada... não sei se posso. Logo no primeiro dia de reunião de pais, houve um pai que eu me apercebi que tinha o nariz muito arrebitado. Pronto... e senti-o muito de pé atrás, muito céptico relativamente à filha ter mudado de professora e os meus alunos fazem trabalho diário, que eles guardam no dossier, que vai sempre p'ra casa ao final do mês, pronto... não quer dizer que seja ao final do mês, por exemplo no início era ao final do mês, depois começou a ser de quinze em quinze dias, começou a ser semanalmente. Há uma recolha, tudo organizado e depois os meninos levam esse trabalho para casa. O pai no início deve ter achado aquilo estranho, as folhas da menina andarem dentro de uma capa à solta muitas vezes misturadas, porque eles não põem por ordem como é óbvio no primeiro ano. Então o senhor começou a assinar, a rubricar todas as folhinhas que a menina fazia que era para eu ver que ele via e tava a controlar o meu trabalho. Chegou o dia da avaliação, eu fui ter com ele, com um sorriso e disse: olhe sabe, estou muito sensibilizada pela sua atitude e por ver a sua preocupação com a sua filha. Porque foi o único encarregado de educação que teve a preocupação de assinar as folhinhas do trabalho que ela

faz todos os dias. Resumindo e concluindo, o senhor estava à espera que eu fosse dizer então porque é que o senhor tá a assinar as folhas? O senhor ficou com uma cara tão parva que pensou que realmente esta professora não percebeu porque é que eu tava a assinar as folhas. O senhor nunca mais rubricou mais nenhuma folha [rindo]. Uma pessoa muito simpática, muito acessível, sempre muito disponível... aaa... portanto, foi a atitude. Se eu tivesse sido... O docente tem que ter alguma humildade... temos que ser humildes! Saber ouvir, para depois também fazermos ver ao outro que pode não ter razão, não é? Nós temos que dar o primeiro passo, porque nós é que somos docentes, nós é que somos educadores da relação... não é? Muitas vezes os pais não têm essa capacidade, portanto não estão preparados para isso. Portanto, de alguma forma, em situações normais tem que partir de nós, é assim, não podemos tar à espera que parta dos pais, porque nós no fundo estamos a servir, nós temos a dar um serviço à sociedade e, como tal, também temos que ter a humildade de saber ouvir o outro e só a partir daí é que podemos ter uma atitude, se calhar, menos simpática, não é? Entre aspas, não é? Porque não deveríamos ter. Devemos ser imparciais.

Or: Relativamente às possíveis exigências que se vão impor à carreira docente quanto à avaliação?

Ent: É assim, é tudo muito discutível. Eu já li o diploma, a proposta de diploma, não li grandes pormenores, não sei... penso que aquilo não irá para a frente, exactamente como está, nos moldes em que está, haverá algumas coisas que terão que ser mudadas, que terão que ser alteradas... aaa... pronto, eu posso dizer que não tenho assim uma opinião muito bem formada sobre o que está neste momento concreto, não é? Também penso que a avaliação não pode ser feita nos moldes que tem sido até aqui... se há que... se temos que ter avaliação... se de alguma maneira é justo termos avaliação... quando pensamos em avaliação temos que pensar que todos os funcionários públicos, que todas as carreiras tem que passar a haver uma avaliação... nós não temos que ser o bode expiatório da sociedade portuguesa neste momento, que é o que está a acontecer, nós somos o parente pobre e os professores do 1º ciclo ainda são o parente mais pobre, porque são de alguma forma os que estão mais expostos... aaa... à visibilidade dos pais, à visibilidade da comunidade, porque nos expomos mais que os outros e então estamos mais sujeitos a críticas, vamos ter aqui uma situação de alguma forma delicada. Eu concordo, se a avaliação for p'ra todos, eu concordo com a avaliação, porque eu acho que se tem que distinguir de alguma forma quem trabalha, acho que é justo e quem não trabalha,

quem não tem capacidade para estar naquela profissão. Nós também temos a formar pessoas. Temos que ter também a noção que as coisas têm que mudar e têm que melhorar, não é? E como bons portugueses só muitas vezes entendemos quando somos apertados, se calhar as coisas começam a funcionar melhor. Agora, os moldes em que a avaliação vai ser feita, que está escrita naquela proposta é qualquer coisa de horroroso... é... é... é muito mau... é... eu quando li, quando estive a ler, senti-me de alguma forma humilhada, senti-me triste... e... devíamos fazer uma avaliação, porque é assim... também tenho medo que esta avaliação que tem aqueles proformes muito rígidos também não venha, não chegue a parte nenhuma, e não chegue a parte nenhuma. Nós sabemos que a nossa avaliação até aqui, toda a gente desde que cumprisse dois requisitos, que era ter os créditos e faltas não injustificadas, ou seja, se no nosso processo tivéssemos os créditos feitos e as faltas todas justificadas progredíamos na carreira. Até que ponto é que é justo? Até que ponto é que é justo pessoas que trabalharam, fizeram cursos, que investiram na Educação serem todas postas no mesmo saco. Não quer dizer que vamos penalizar, mas é assim... se calhar podíamos promover aqueles que fizeram qualquer coisa mais. Isto é tudo muito discutível, porque depois vêm os lobbys, vêm as pessoas que têm mais capacidade de argumentação e se calhar têm mais visibilidade, não quer dizer que tenham mais capacidade na prática enquanto docentes... aaa... que os outros que são muito mais calados, mas que no seu dia a dia e na sua prática docente fazem exactamente a mesma coisa ou até melhor, mas não são, não são pessoas que sejam visíveis. Isto é muito complexo e a avaliação é sempre injusta, não há uma medida certa para uma nota certa. Vamos criar injustiças, não tenho dúvida. Os moldes em que a avaliação está feita eu acho que está muito má, pronto. Acho que é muito penalizante... aaa... há uma coisa que é, nesta propostas, que é também horrenda que é a situação das licenças de parto não contar para progressão na carreira, acho que é inconstitucional, isso não pode ir p'ra frente... é impossível... ainda temos muita caminhada a fazer, eu acho que temos muito caminho a percorrer e muita coisa a fazer, muita coisa a reflectir, muita coisa a mudar e muita coisa a reestruturar, pronto. As mudanças não podem ser radicais, porque as mudanças não se fazem por decreto-lei, as mudanças fazem-se na cabeça das pessoas, as pessoas podem... a legislação pode sair cá p'ra fora e as pessoas podem ter a mesma atitude dentro da sala de aula, é por isso que não é assim que se muda. Muda-se regulando, aferindo, melhorando, formando, não se regula penalizando. O ensino não vai melhorar, vai criar muitas vezes uma situação de injustiça, de atropelos, de pessoas a ultrapassarem-se umas às outras porque

querem ter mais, de injustiças, exactamente como eu disse atrás há pessoas que têm muito mais capacidade de argumentação e de se expor e de terem visibilidade, não quer dizer que tenham mais, têm essa capacidade, mas não quer dizer que tenham as outras capacidades, não é? Para serem um bom docente. E vai criar injustiças como qualquer sistema de avaliação. Eu concordava sim com uma avaliação regulada, aferida nas escolas, por equipas que pudessem ajudar a melhorar numa primeira fase de melhoramento...

Or: [Interrompendo] Equipas internas ou externas?

Ent: Eu se calhar ia mais para as equipas externas, uma equipa multifacetada que fosse capaz de avaliar, pessoas entendidas a nível da docência e que chegassem a todos os anos, nós sabíamos o que é que tínhamos que cumprir, o que é que podíamos fazer, com formação, íamos regulando o que é que conseguimos, o que é que não conseguíamos e é assim, quem se propôs a mudar, quem se propôs a formar, quem se propôs... aa... a obter resultados no sentido, não é o resultados dos miúdos, não é todos chegarem ao final do ano e transitarem, é assim que meios é que eu utilizei para promover o sucesso? Não quer dizer que no final ele seja real, eu posso ter muitos caminhos e não chegar ao objectivo final. Os caminhos que eu propus se calhar são bons e era nesse sentido que eu penso que o nosso ensino poderia melhorar.

Or: Que possíveis formas é que acha que os docentes poderão encontrar para se adaptarem às mudanças que se prevêm a nível da Formação Contínua?

Ent: É assim, eu penso que aí não é muito difícil. Se a escola, se essa formação, se a escola propuser aquilo que os docentes necessitam e se a formação partir de dentro para fora possivelmente a formação é aquela que os docentes querem, se a pessoa está a fazer uma coisa que gosta é fácil fazê-lo bem, fazê-lo com gosto e fazê-lo com interesse é assim... depende também das pessoas que estão a dar a formação. Mas se for participada...o... docente como tem sempre uma palavra e é sempre ele também que participa na formação é mais fácil ir ao encontro das suas necessidades. De qualquer maneira parte sempre da forma como foi organizado e como, é assim... Eu penso que se a formação se forem os docentes da escola em contexto que procurem também as pessoas que têm conhecimentos naquelas áreas, pessoas que sabem que são uma mais valia e que podem dar um contributo, que podem dar um conhecimento mais válido e vão buscar essas pessoas para dar essa própria formação, que até

pode ser docentes da mesma escola ou doutra escola do conselho, que é para a gestão dos recursos ser mais fácil ... aaa... possivelmente a formação vai ter mais êxito.

Or: Então no que respeita ao aspecto pedagógico, quais as formas que os docentes terão de se adaptar?

Ent: Eu acho que isso é um processo que já vem a ser feito há uns anos atrás, pronto. Há pessoas que como têm mais dificuldade, pessoas que são mais rígidas na sua prática pedagógica, eu penso que as pessoas que são receptivas, são sensíveis, que gostam daquilo que fazem vão-se adaptando, vão-se... vão-se estruturando, vão adquirindo novos conhecimentos e vão pondo em prática esses mesmos conhecimentos. Por isso eu penso que não é, não é difícil. Para pessoas que gostam do que fazem, adaptar-se a uma nova realidade que não é uma realidade d'agora é uma realidade que vem mudando há anos, porque nós sabemos as exigências e os interesses das crianças de hoje não são os mesmos interesses de crianças de alguns anos atrás se calhar não vamos assim tão distantes se calhar há dois anos, quinze anos atrás...aa... e nós enquanto docentes temos que saber que o nosso exercício, da nossa função, é um exercício em acção, não é um exercício estático e como exercício na acção que é temos que ir enriquecendo os nossos conhecimentos e também nos formandos, no sentido de mais valia e de positivo para podermos responder às novas realidades.

Or: Em termos relacionais a forma de nos adaptarmos é agirmos de outra maneira?

Ent: Em termos relacionais é sermos reflexivos, termos capacidade de reflexão daquilo que agimos, daquilo que fazemos. É que atitudes incorrectas todos nós temos em qualquer momento da nossa profissão. Nós, todos os docentes, há dias de completo desvario, não é? Em relação aos alunos, às vezes em relação ao próprio sistema. Há dias que toleramos menos que outros, mas temos que ter a capacidade de reflectir, é assim... se calhar a minha atitude, a minha postura não tá a ser a mais correcta, se calhar a atitude do meu colega não está a ser mais correcta, mas o que é que fiz eu para ajudá-lo? Se calhar vou ter que ter uma posição, se calhar vou ter que falar com ele, se calhar vou ter que... é assim... Não esperar que sejam sempre os outros a dar o primeiro passo, tem que partir de cada um de nós dar um passo para que todos nos possamos encontrar no centro, não é?

Or: E a nível da avaliação como é que acha que os professores se devem preparar para se adaptarem aos novos modelos da avaliação?

Ent: É um contexto...é assim... Uma boa prática pedagógica, não é?... aaa...Estarmos activos e interessados e actualizados em tudo o que é feito, tudo o que é possível fazer-se...aaa... É assim, se formos modelos que vai estar previsto ou estar proposto acontecer...aaa... Penso que é capaz de não ser muito fácil, porque haverá pessoas que vão ter dificuldade, pessoas mais velhas, porque durante anos tiveram um determinado sistema e a mudança de um momento para o outro com muita novidade acaba por atrapalhar e muitas vezes também não é bom e não é bom principalmente para os alunos, porque acaba por haver uma pressão muito grande que só o professor e o aluno dentro da sala de aula é que se apercebem, mas que é fruto também de alguma insegurança do docente e algum receio de ser penalizado, tudo isto vai ser muito complexo para muitas pessoas. Haverá pessoas, que é assim vão-se adaptar, porque são aquelas pessoas que se adaptam é assim, no fundo são um bocadinho camaleões, tentam fazer o melhor possível e tentam dar o máximo não é? ...aaa... Há outras pessoas que seja o que for têm sempre dificuldade em adaptação, porque tem a ver com a sua personalidade, também são mais rígidas, não é? Eu acredito que há docentes que não vão mudar e acredito que há docentes que não se vão adaptar, mas também acredito que há outros que se calhar vão fazer um trabalho muito bom se calhar melhor, não é?

Or: Perante estas possíveis competências que vão exigir aos docentes, como é que isso se vai transpor a nível pessoal ao docente?

Ent: A nível pessoal ao docente, ou seja, em que medida é que isto vai interferir na sua vida pessoal, não é? Estas novas medidas, se calhar há muitas mudanças, vamos começar pela carga horária, se os docentes como está proposto, tiverem que estar na escola trinta e cinco horas, se calhar vai alterar a vida de muitas pessoas, porque enquanto pessoas fora da escola têm um determinado tipo de actividade estão habituados a fazer determinadas coisas que se começarem a ter esse tempo na escola vão ter que optar, vão deixar de fazer não é? ...aaa... E se calhar não vai ser muito fácil se as coisas forem bem geridas e se os docentes... E se calhar também temos que...ssee... Separar o trigo do joio e enquanto docente eu acho que não se deve misturar, apesar de que o que eu sou enquanto pessoa se reflecte no que eu sou enquanto profissional, na docência não podemos separar, porque eu lido com seres humanos, ao lidar

com seres humanos eu tou a por muito daquilo que eu sou, do que tenho na minha vida pessoal na minha vida profissional, apesar de eu ter... Eu aí defendo uma coisa que eu acho que é possível, enquanto profissionais não devemos misturar, enquanto profissionais devemos estar naquele espaço disponíveis para aquelas pessoas, não devemos trazer os nossos problemas para a escola, nem levar os nossos problemas para casa, que levamos muitas vezes, muitas vezes só falamos de escola com a nossa família, uma vez positivamente porque gostamos daquilo que fazemos e porque temos necessidade de comunicar com o outro aquilo que se passa na nossa vida profissional, outras vezes também como saturação e fatura de muitas coisas que nós não conseguimos gerir como docentes, como damos resposta à indisciplina, como é que damos resposta aos insucessos, de alguma forma os insucessos dos alunos são os nossos insucessos, apesar de muitas vezes nós não termos contribuído para aquele insucesso mas ao não conseguirmos o sucesso, [pausa] o insucesso também é nosso e a nossa profissão do lado pessoal e profissional está sempre ligado. É assim, não se consegue dissociar uma coisa da outra, agora se isto vai ter reflexos a nível pessoal dos docentes não sei, também há muitos docentes que trabalham na escola e trabalham cá fora, se calhar vão ter que... [pausa] dosear, mas isso é uma coisa que nas outras profissões, ou se calhar na maioria das profissões também não é possível, não é? É assim, tamos numa sociedade em que nos exige profissionalismo, isto é muito idêntico ao que se passou a alguns anos com os bancários. Os bancários há uns anos tinham um horário muito restrito, às três da tarde estavam na rua, ou às três e meia e de à uns anos para cá os bancários é uma profissão em que eles altamente competitiva em que eles têm de dar o melhor, portanto eles trabalham por objectivos, ou se cumpre, ou atingem, ou não, não renovam contratos e aconteceu uma coisa muito engraçada, que os docentes eram os principais doentes dos psiquiatras durante muitos anos, muitas vezes tinham dificuldade em gerir, até porque quem lida com humanos, com carne humana, não é um lidar pontual. O médico tem um doente que lida pontualmente com ele durante x tempo, durante um mês ou durante o ano, enquanto um docente lida vinte e cinco horas, vinte horas com aquelas pessoas, se for no primeiro ciclo são vinte e cinco horas directas, no pré-escolar vinte e cinco horas, se for nos outros níveis de ensino depende da disciplina, mas é assim, são muitas horas, não é?... aa... O que é que acontece... É assim, a nossa relação com aquela pessoa, com aquelas pessoas não é pontual, portanto elas começam a fazer parte da nossa vida e então há sempre uma interferência a nível pessoal, enquanto nas outras profissões se calhar isso não acontece e quando eu tava a falar dos bancários, eles... Os

psiquiatras, nós passámos a ser doentes dos psiquiatras, deixámos de ser os primeiros para ser os segundos e passaram os bancários, quando começaram a exigir perfis de competência, se calhar nós vamos passar por essa fase, porque muitas profissões já passaram e principalmente a dos bancários, porque eu assisti a ummm... Colóquio sobre o stress, dum psiquiatra e em que ele dizia que tinha um leque enorme de pessoas mas tinha deixado, tinha ultrapassado esse leque com os bancários, porque a pressão e o nível de performance que eles têm de atingir é muito elevado isso gera muitas angustias, muitos receios, muitos medos e muitaaa... muitos insucessos, nós depois vamos ter insucessos possivelmente, mais do que temos agora.

Or: E em termos interpessoal, como pensa que vamos conseguir especificar em termos de relacionamento interno de escola?

Ent: Eu penso que é capaz, não deveria piorar, mas possivelmente numa primeira fase vai piorar, vai haver competição entre as pessoas e se calhar vamos fazer exactamente aquilo que não deveríamos fazer se nós nos unirmos se calhar todos conseguem uma performance alta porquê, porque todos estamos a puxar a mesma carroça, se nos desunirmos, só alguns é que vão ter essa performance e é assim, se calhar os que têm espírito competitivo, não quer dizer que sejam os mais competentes, competitividade nem sempre é sinónimo de competência há pessoas que são muito competentes e não têm um espírito competitivo porque não foram educadas nesse sentido e têm muita dificuldade em competir com os outros é ... o competir com os outros é como se fosse uma atitude desleal, não é? E então não têm essa capacidade, porque é uma capacidade...porque ter capacidade de competência é ter capacidade de gerir conflitos e nem todas as pessoas têm essa capacidade, o que vai ser muito complicado a nível de relacionamento interpessoal. Agora é assim, se o docente for sensibilizado para ter a atitude completamente contrária... é assim... vamo-nos unir para ficarmos mais fortes e para que o resultado seja melhor para todos e se calhar é uma mais valia.

Or: E a nível técnico por exemplo, que competências considera que os professores precisam de desenvolver?

Ent: Pronto. Eu penso que é assim... É através da formação. Tudo passa através da formação. A formação não se calhar como nós a concebemos neste momento, mas a formação...aaa... Mas aquela formação em contexto, a formação reflexão, ou seja, reflectirmos sobre aquilo que não conseguimos, analisarmos o que conseguimos, o que é que resultou comigo e o que pode

resultar com o outro colega que não aplicou, porque desconhecia ou porque não teve sensibilidade para o fazer ou porque outra pessoa leu mais alguma coisa e aplicou. Para nós desenvolvermos essas competências técnicas também temos que nos unir e temos que reflectir no contexto e temos que analisar o que é feito que...é assim... No fundo é analisar, desmontar, reflectir para melhor agir.

Or: A nível metodológico e didáctico que competências considera que o professor precisa de desenvolver?

Ent: Passa pelo desenvolvimento de estratégias adequadas ao contexto, adequada aquele aluno, adequado ao espaço, adequado aos pais, adequado ao grupo de docentes... É assim...aaa... mas também passa pela formação, passa por essa reflexão e passa por... pelo... sentido das pessoas não perderem o barco. Todos os dias saem documentos, saem livros, saem textos, saem... aaa... notícias, saem... aaa... sai informação, sai informação. Se calhar nós enquanto docentes deveríamos ler, deveríamos analisar... aaa... se calhar não vamos ter tempo... se calhar nessas horas que vamos temos na escola, que não vão chegar, apesar de nós acharmos que trinta e cinco horas numa escola são muitas horas, mas se a escola estiver organizada em que o docente após a sua actividade lectiva fique na escola a preparar actividades e que não vá para casa com nada, se calhar é uma coisa boa. Porque o ir para casa carregada com malas e mochilas e trabalhos, dá um desgaste muito grande. Se calhar deixamos de levar a escola para casa, pronto fica tudo na escola, na escola há um fundo de documentação que nós consultamos, que nós podemos ler, que nós podemos reflectir, que nós podemos melhor conhecer para melhor agir.

Or: Que estratégias de apoio aos docentes, enquanto classe profissional, se devem implementar com vista a enfrentar as mudanças que se avizinham?

Ent: É assim, eu acho que neste momento há uma grande falha a nível dos apoios educativos. O ensino especial, os colegas que estão colocados este ano são mais ensino especial, portanto eles estão directamente só com as crianças que têm necessidades educativas especiais e as crianças com dificuldades de aprendizagem, por exemplo dificuldades de aprendizagem que implica uma quantidade de coisas, não estão a ser apoiadas, porque há uma redução dos professores de apoio e possivelmente no próximo ano isso irá acontecer ainda em maior número. Penso que é uma falha muito grande, porque temos a ver que isto de alguma forma é

uma politica economicista, porque é assim, se queremos realmente sucesso as coisas não passam por decretos leis, não passam por mudanças na legislação, passam sim por mudanças efectivas no cumprimento das nossas obrigações e nas respostas que a própria... aaa... comunidade e a própria comunidade educativa pode dar. Agora é assim, se nós numa sala de aula temos crianças com dificuldades, elas não têm um apoio suficiente, temos uma criança com necessidades educativas especiais que tem uma tarefa durante três horas e as outras duas fica sem tarefa, tem um professor do ensino especial que vai lá uma hora, três vezes por semana, três horas por semana... aaa... É assim, fica tudo muito àquem. O professor titular da turma, o professor do regular, responsável pela turma, com uma turma de vinte e um alunos, com uma criança com necessidades educativas especiais, mais um ou dois com dificuldades de aprendizagem, por muitas estratégias, por muito bom que seja, por muita capacidade de trabalho que possa ter, nunca consegue dar resposta, alguma coisa tem que falhar, para que as coisas tenham sucesso, para que falamos de inclusão verdadeira... aaa... temos que passar por ter efectivamente... aaa... pessoal técnico com habilitação, com disponibilidade, com trabalho prático, para que na realidade eu possa ter alguns frutos, porque se não tivermos os meios, se não tivermos ajudas, não conseguimos fazer milagres, por muito bons que sejamos e por muita vontade que tenhamos de trabalhar.

Or: Mas a nível de apoio directo ao docente, acha que é possível?

Ent: É assim, pode haver um apoio, não é? Quando falo em formação, quando falo em reflexão, quando falo em análise, em partilha, estou a falar desses apoios. O apoio... enquanto docentes, temos que deixar de ter uma perspectiva do que até agora aconteceu, que é: estamos à espera que as coisas nos caiam do céu, não. Nós somos os principais agentes da educação: os professores, os formadores, o ensino especial, terapeutas, psicólogos, assim. Mas temos todos de agir em função de... não podemos esperar sempre que as coisas nos venham bater à porta. Há coisas que nós não podemos ir buscar! É assim, temos que agir, não podemos ficar à espera, tudo parte também da nossa vontade e da nossa força e da nossa capacidade também de gestão.

Or: E a nível de cooperação e colaboração entre os docentes?

Ent: Devemos partilhar, devemos colaborar, ir crescendo enquanto profissionais uns com os outros, uns com os outros e connosco próprios. Se eu enquanto docente não me interessar,

nunca ler, nunca assistir a nada, possivelmente também não me vou... construir, não vou adquirir novos conhecimentos, não vou evoluir. Tem de partir da pessoa, a própria pessoa também, além da partilha com o outro também eu pessoalmente tenho que me ir ...aaa... tenho que ir evoluindo, tenho que ir construindo os meus conhecimentos, tenho que ir adquirindo novos conhecimentos, tenho... é assim, não posso também estar à espera que seja só o outro a me dar, eu também terei que dar alguma coisa ao outro, e para isso, para eu dar alguma coisa ao outro, tenho que investir no meu conhecimento. É por isso que a investigação é fundamental no conhecimento que eu posso construir e que pode ser ou não uma mais valia para o outro. Eu não posso dar aos outros se eu não tiver. Mas o meu conhecimento também só é válido e só tem sentido e só é de alguma forma reconhecido, entre aspas, não é que o reconhecimento se queira, só é uma mais valia se eu conseguir partilhar o meu conhecimento com os outros, porque o nosso conhecimento só vale aquilo que nós partilhamos com os outros. Mas para isso cada um também tem que se auto formar, que seja feita através da formação, que seja feita através de muitas vezes iniciativa própria de cada um. Nós somos um grupo que tem que ser dinâmico, não podemos ser estáticos e o que acontece de alguns anos a esta parte é que as pessoas tiram o curso, vão dar as suas aulinhas, não há investimento a nível profissional e isso acaba por..., porque nós sabemos que se não tivermos uma motivação, para fazermos melhor, para construirmos, porque também não vamos à procura, acabamos por entrar na rotina e as rotinas são horríveis. São más, são más para os miúdos, são más para o professor, porque é assim... há uma desmotivação e quando não temos motivação também não passamos motivação para os outros. E há outra coisa que eu ainda não referi e que considero muito importante é a capacidade de dar aos nossos alunos a capacidade de construírem o seu próprio saber. O que é que isto quer dizer? Há que arranjar formas de os alunos aos poucos se mentalizarem que têm que trabalhar sozinhos, sem o professor, dentro daquilo que eles conhecem, daquilo que eles sabem fazer, porque também é um desassossego eles tarem a fazer coisas que eles não dominam. Mas o professor deve sempre acompanhar os alunos neste trabalho. Eu, por exemplo, levo sempre trabalhos para corrigir em casa... mas devia ser nas horas que damos à Escola.

Or: Agora resta saber se são utilizadas para isso ou para outras coisas...

Ent: Essas horas terão que ser para desenvolver esse trabalho. As horas da Escola são para trabalhar, para preparar as aulas... por isso se chama componente não lectiva, não é para nos

pormos a trabalhar com crianças. Os docentes ficam na Escola, em condições, cada docente deve ter o seu computador, tem que ter a sua impressora, tem que ter o seu espaço, e só assim é que nos podem exigir. E tem que ter uma sala de professores condigna, aquecida ou arrefecida consoante a estação do ano, porque muitas Escolas não têm, para as pessoas estarem confortáveis, poderem falar, poderem fazer o seu trabalho e produzirem bons resultados.

Or: Relativamente a possíveis estratégias a desenvolver a nível da Formação Inicial de Professores, numa perspectiva de preparar então profissionalmente os docentes, a nível de acompanhamento e apoio?

Ent: Isto é assim, portanto, eu acho que neste momento, muitas Universidades já fazem o acompanhamento, nós sabemos que os docentes saem com uma formação, é mais do que uma formação. Eu acho que há um grande choque entre a Formação Inicial e depois a prática profissional. Os professores não saem preparados para a realidade que vão encontrar. São preparados como é que vão fazer, as metodologias, as teorias, estratégias e depois é assim, não são confrontados, com as situações que são as difíceis de gerir, como uma turma com diferentes níveis de aprendizagem, com dois ou três casos de deficiência e etc. Não são confrontados, não são preparados para gerir comportamentos mais diferenciados, às vezes desde os mais elementares até àqueles que são mais graves. Um comportamento uma vez na sala de aula pode não ser grave, mas há comportamentos que destabilizam a sala de aula. Eu acho que as pessoas ficam de tal maneira constrangidas sem saber o que fazer para contornar essas situações. Há alguns professores que são mais rígidos e têm menos capacidade de relacionamento, pessoas mais inseguras, que precisam de mais ajuda, pessoas que também não querem essa ajuda, porque não foram também preparados para aquilo que foram encontrar. Se houver uma preparação a nível da Universidade, da realidade que existe neste momento, se calhar as pessoas quando chegam à docência não apanham, vamos lá, um balde de água fria. As pessoas tão preparadas para que há situações muito complicadas, não é? Tamos a falar de agressões verbais, em que há agressões físicas, em que há todo o tipo de agressão, aquilo a que muitas vezes o professor é sujeito e que não tem meios para agir. Isto, por outro lado, cria humilhação, cria desconforto, cria... cria muitas vezes as depressões. Não há capacidade para agir porque também não nos ensinaram. O professor tem que arranjar estratégias para minimizar estas situações, que são situações de grande sofrimento, que levam

ao desequilíbrio. O que se pretende fundamentalmente é formar cidadãos com mais competências cívicas, com mais competências relacionais.

Or: E a nível das competências técnico-didácticas, que estratégias é que acha que devem ser implementadas na Formação Inicial de Professores?

Ent: É assim, eu acho que as didácticas, até a uma certa altura houve uma grande lacuna a nível da formação universitária, tínhamos muitos docentes, uns muito bons, outros menos bons. Até porque somos muito maus quando fazemos coisas de que não gostamos e somos muito bons quando fazemos aquilo que gostamos. É assim, muitos dos docentes que vão para o 1º.ciclo, não têm conhecimento a nível didáctico e muitas vezes não sabem o que fazer para desenvolver numa criança determinada competência. Muitos docentes das variantes vão para a área do 1º. Ciclo... Mas muitos desses não gostam do 1º. Ciclo. Foram para aquela variante, porque dá para as duas coisas, mas é assim, a nível prático têm muitas limitações, porque também não tiveram formação para tal. A nível do conjunto dos docentes, não tenho conhecimento dos cursos, como é que são ministrados, como é que eles são orientados, como é que são os estágios. Se uma pessoa tiver uma boa estrutura, bons conhecimentos a nível didáctico, metodológico e técnico, consegue facilmente adaptar-se às mudanças e às situações reais da vida. Há áreas que são técnicas, há disciplinas que nós temos que saber como é que devemos desenvolvê-las, como é que devemos actuar e agir, para que melhores conhecimentos os nossos alunos venham a adquirir. Temos que ter auto-formação, temos que ter conhecimentos, temos que fazer uma aprendizagem, um trabalho colectivo e de equipa. É assim, não podemos ficar parados. A evolução é tão rápida neste momento, que se nós não acompanharmos, perdemos-nos. E o que é que isso vai originar, vai criar no docente uma falta de confiança, uma auto-estima em baixo, uma insegurança muito grande. Para podermos acompanhar e termos confiança no que estamos a fazer, temos que consolidar os nossos conhecimentos. É verdade a teoria dos cursos, em muitos cursos há a vertente prática, mas se nós não vamos, ao longo da nossa vida, investindo na nossa formação, investindo nos nossos conhecimentos, possivelmente “perdemos o barco”, perdemos o traquejo, perdemos até a confiança. Temos que ter a noção que há pessoas que acompanham de uma maneira e nós se calhar não acompanhamos da mesma maneira. Também isso gera alguma insegurança. É assim, para termos auto-confiança, naquilo que estamos a fazer, também temos que investir nos nossos conhecimentos.

Or: E possíveis estratégias para desenvolver a capacidade crítica nos futuros professores?

Ent: Eu aí tenho uma opinião, eu acho que temos que ser participativos, comunicativos. Temos que ter capacidade de análise, de reflexão, de regulação de tudo o que é feito na escola, na sala de aula, sobretudo na sala de aula, que é aquilo que eles conhecem. Depois partir para a escola, para as assembleias de turma, em que cada criança, vai representar o seu nível de ensino, em que eles tenham capacidade de intervir, porque os miúdos hoje são muito interventivos. Eles são muito interventivos, mas pouco oportunos. Muitos deles não têm sentido de oportunidade e nós temos que os disciplinar, regular, à medida que é necessário. Se nós formos regulando à medida que eles vão crescendo, eles vão sendo mais participativos e interventivos, regulando eles próprios aquilo que fazem. O futuro professor tem que aprender a saber ouvir, a adaptar o seu comportamento às necessidades dos alunos e só conseguirá fazê-lo como deve ser se tiver desenvolvido a sua capacidade crítica. Em termos de formação inicial acho que se deveriam fazer esforços para tornarem as pessoas mais responsáveis, sempre e em qualquer altura, desde a altura em que frequentam o ensino universitário até a altura em que iniciam a sua carreira docente. Têm que reflectir e têm que intervir. Nós não podemos conceber um professor que não tem espírito crítico, que não tem capacidade de argumentação, que não tenha capacidade de discurso. Um professor à partida tem que ter essas capacidades. Como professor tem que ser líder, tem que comunicar e a capacidade de comunicação tem que ser desenvolvida.

Or: Mas que estratégias devem ser implementadas para desenvolver nos futuros docentes a capacidade crítica, reflexiva e analítica?

Ent: Os futuros professores têm que ter momentos para intervir, momentos de análise, de reflexão e de crítica, e a reorganização curricular aponta nesse sentido, quando apresenta um aluno que constrói o seu conhecimento, não quer dizer que o professor esteja ali e que seja um mero fantoche, o professor orienta o trabalho. E é assim, à momentos de exposição, momentos de trabalho de equipa, momentos de trabalho autónomo. Há um leque de estratégias que vai requerer trabalho por parte do professor, e vai culminar na comunicação. A comunicação é fundamental e comunicar também é intervir, também é discutir ideias e eu penso que se nós nas universidades não tivermos essa formação também não temos

oportunidade para desenvolver essas capacidades. Temos que fazer análises críticas em contexto, mas para dar eu tenho que conhecer, para ensinar a criticar e a analisar tenho que o saber fazer.

1º Tratamento da Entrevista 2

[*Acerca das possíveis exigências da Carreira docente em termos de formação contínua*] (...) Ao longo dos anos houve um certo desfasamento entre aquilo que o ensino realmente necessita e a formação que muitas vezes é proposta. Ou seja, a Formação não acompanhou a evolução e as necessidades dos docentes. (...) os Centros de Formação têm uma bolsa de formadores, muitas vezes essa Bolsa de formadores não abrange as áreas que os docentes têm necessidades de formação (...) a minha opinião é que é assim, muitas vezes os professores fazem formação só para ter os créditos e não fazem formação para poderem ter uma mais valia a nível de conhecimentos para melhor agirem na acção, na sua prática pedagógica. (...) ... eu acho que a formação tem que ser feita em contexto ... com pessoas “expertas” nas áreas em que os docentes sentem que têm essas falhas (...) e que têm necessidade de formação e não a formação que os formadores propõem aos centros e que os centros propõem às Escolas... tem de vir de dentro para fora e não de fora para dentro. (...)

[*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos pedagógicos*] (...) a história das exigências a nível pedagógico são sempre muito relativas. Neste momento, pedagogicamente o que é exigido é papel (...) O docente pode ser um excelente docente, pode não ter os papéis todos em ordem, se calhar pedagogicamente ter falhas mas se tiver os papéis todos em ordem e na sua acção não ser cem por cento real relativamente aos papéis que tem, se calhar é um excelente docente, porque a papelada é que vale. (...) a nível pedagógico as exigências nunca são práticas, quando deveriam ser práticas. (...) o que se faz na turma deveria ser reflexo de todo um conjunto de medidas que são uma mais valia para que haja um sucesso e um bem-estar, tanto dos alunos como do professor... (...)

[*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos relacionais*] (...) eu penso que há um grande percurso a percorrer, nós neste momento estamos a atravessar uma crise social que se reflecte nos afectos, que se reflecte na parte emocional, na parte relacional, porque é assim, a relação existe num conjunto de afectos, num conjunto de negociação. Quando há uma falha conjuntural, isso reflecte-se na relação com o outro. Neste momento, eu penso que os docentes estão muito desgostosos, muitas vezes estão

desmotivados e também por não terem tido, neste percurso, muitas vezes apoio (...) alguma reflexão, porque é assim, para nós nos relacionarmos bem também temos que reflectir sobre aquilo, a forma como agimos. Apesar de ser assim, cada um relacionar-se ou não bem com o outro também tem a ver com a sua personalidade, tem a ver com aquilo que já tem na sua essência. Não quer dizer que não possa ser educado, não possa ser trabalhado, é isso que se tem que fazer. (...) Portanto isto é assim, quem está na docência tem que se saber relacionar, senão não pode estar na docência. Tem que se saber relacionar com o aluno, tem que se saber relacionar com os colegas, tem que se saber relacionar com a gestão, tem que se saber relacionar com toda a conjuntura que o cerca porque senão não consegue trabalhar. Com os pais... também. É assim,... uma boa relação com os alunos parte duma boa relação com os pais. Se há à partida um feedback, nós enquanto docentes não temos que ter a ideia que sabemos tudo, que nós é que temos o domínio e nós é que controlamos a situação, não. Nós estamos a servir. Nós servimos, os pais são clientes e os alunos são clientes... Nós temos que servir, como é assim, há uma dica, é assim, o cliente tem sempre razão. Mesmo que não tenha. Mesmo que nós saibamos que aquela pessoa não tem razão, nós temos que saber ouvir. E temos que saber, como bons educadores que devemos ser, devemos ter a capacidade (...) de argumentarmos de maneira a não confrontarmos, mas sim a fazermos ver a pessoa que se calhar não tem a razão total, mas sem entrar em confronto. (...) o aspecto relacional é extremamente importante apesar de haver situações em que eu compreendo e sei que é praticamente impossível, porque há pessoas que não têm sequer a capacidade de se relacionar, o professor muitas vezes não consegue também fazer milagres. (...) O docente tem que ter alguma humildade... temos que ser humildes! Saber ouvir, para depois também fazermos ver ao outro que pode não ter razão (...) Nós temos que dar o primeiro passo, porque nós é que somos docentes, nós é que somos educadores da relação... (...) Muitas vezes os pais não têm essa capacidade, portanto não estão preparados para isso. Portanto, de alguma forma, em situações normais tem que partir de nós... não podemos tar à espera que parta dos pais, porque nós no fundo estamos a servir, nós temos a dar um serviço à sociedade e, como tal, também temos que ter a humildade de saber ouvir o outro e só a partir daí é que podemos ter uma atitude, se calhar, menos simpática... (...) Devemos ser imparciais. (...)

[*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos de avaliação*] (...) É assim, é tudo muito discutível. (...) penso que a avaliação não pode ser feita nos moldes que tem sido até aqui... se temos que ter avaliação... se de alguma maneira é justo termos avaliação... quando pensamos em avaliação temos que pensar que todos os funcionários públicos, que todas as carreiras tem que passar a haver uma avaliação... nós não temos que ser o bode expiatório da sociedade portuguesa neste momento, que é o que está a acontecer, nós somos o parente pobre e os professores do 1º ciclo ainda são o parente mais pobre, porque são de alguma forma os que estão mais expostos... à visibilidade dos pais, à visibilidade da comunidade, porque nos expomos mais que os outros e então estamos mais sujeitos a críticas, vamos ter aqui uma situação de alguma forma delicada. (...) se a avaliação for p'ra todos, eu concordo com a avaliação, porque eu acho que se tem que distinguir de alguma forma quem trabalha, acho que é justo e quem não trabalha, quem não tem capacidade para estar naquela profissão. Nós também temos a formar pessoas. Temos que ter também a noção que as coisas têm que mudar e têm que melhorar (...) E como bons portugueses só muitas vezes entendemos quando somos apertados, se calhar as coisas começam a funcionar melhor. (...) Nós sabemos que a nossa avaliação até aqui, toda a gente desde que cumprisse dois requisitos, que era ter os créditos e faltas não injustificadas, ou seja, se no nosso processo tivéssemos os créditos feitos e as faltas todas justificadas progredíamos na carreira. Até que ponto é que é justo? Até que ponto é que é justo pessoas que trabalharam, fizeram cursos, que investiram na Educação serem todas postas no mesmo saco. Não quer dizer que vamos penalizar, mas é assim... se calhar podíamos promover aqueles que fizeram qualquer coisa mais. Isto é tudo muito discutível, porque depois vêm os lobbys, vêm as pessoas que têm mais capacidade de argumentação e se calhar têm mais visibilidade, não quer dizer que tenham mais capacidade na prática enquanto docentes... que os outros que são muito mais calados, mas que no seu dia a dia e na sua prática docente fazem exactamente a mesma coisa ou até melhor, mas não são pessoas que sejam visíveis. Isto é muito complexo e a avaliação é sempre injusta, não há uma medida certa para uma nota certa. Vamos criar injustiças, não tenho dúvida. Os moldes em que a avaliação está feita eu acho que está muito má... (...) ...ainda temos muita caminhada a fazer, eu acho que temos muito caminho a percorrer e muita coisa a fazer, muita coisa a reflectir, muita coisa a mudar e muita coisa a reestruturar... (...) As mudanças não podem ser radicais,

porque as mudanças não se fazem por decreto-lei, as mudanças fazem-se na cabeça das pessoas... (...) a legislação pode sair cá p'ra fora e as pessoas podem ter a mesma atitude dentro da sala de aula, é por isso que não é assim que se muda. Muda-se regulando, aferindo, melhorando, formando, não se regula penalizando. O ensino não vai melhorar, vai criar muitas vezes uma situação de injustiça, de atropelos, de pessoas a ultrapassarem-se umas às outras (...) há pessoas que têm muito mais capacidade de argumentação e de se expor e de terem visibilidade (...) mas não quer dizer que tenham as outras capacidades... Para serem um bom docente. E vai criar injustiças como qualquer sistema de avaliação. Eu concordava sim com uma avaliação regulada, aferida nas escolas, por equipas que pudessem ajudar a melhorar numa primeira fase de melhoramento... (...) Eu se calhar ia mais para as equipas externas, uma equipa multifacetada que fosse capaz de avaliar, pessoas entendidas a nível da docência e que chegassem a todos os anos, nós sabíamos o que é que tínhamos que cumprir (...) com formação, íamos regulando o que é que conseguimos, o que é que não conseguíamos e é assim, quem se propôs a mudar, quem se propôs a formar, quem se propôs... a obter resultados no sentido (...) é assim que meios é que eu utilizei para promover o sucesso? Não quer dizer que no final ele seja real, eu posso ter muitos caminhos e não chegar ao objectivo final. Os caminhos que eu propus se calhar são bons e era nesse sentido que eu penso que o nosso ensino poderia melhorar. (...)

[*Acerca das possíveis exigências aos professores em início de Carreira Docente em termos de formação contínua*] (...) se a escola propuser aquilo que os docentes necessitam e se a formação partir de dentro para fora possivelmente a formação é aquela que os docentes querem (...) depende também das pessoas que estão a dar a formação. Mas se for participada... o docente como tem sempre uma palavra e é sempre ele também que participa na formação é mais fácil ir ao encontro das suas necessidades. (...) Eu penso que se a formação se forem os docentes da escola em contexto que procurem também as pessoas que têm conhecimentos naquelas áreas, pessoas que sabem que são uma mais valia e que podem dar um contributo, que podem dar um conhecimento mais válido e vão buscar essas pessoas para dar essa própria formação, que até pode ser docentes da mesma escola ou doutra escola do conselho, que é para a gestão dos recursos ser mais fácil ... possivelmente a formação vai ter mais êxito. (...)

[*Acerca das possíveis exigências aos professores em início de Carreira Docente em termos pedagógicos*] (...) Eu acho que isso é um processo que já vem a ser feito há uns anos atrás (...) eu penso que as pessoas que são receptivas, são sensíveis, que gostam daquilo que fazem vão-se adaptando, vão-se estruturando, vão adquirindo novos conhecimentos e vão pondo em prática esses mesmos conhecimentos. (...) Para pessoas que gostam do que fazem, adaptar-se a uma nova realidade que não é uma realidade d'agora é uma realidade que vem mudando há anos... (...) temos que saber que o nosso exercício, da nossa função, é um exercício em acção, não é um exercício estático e como exercício na acção que é temos que ir enriquecendo os nossos conhecimentos e também nos formandos, no sentido de mais valia e de positivo para podermos responder às novas realidades. (...)

[*Acerca das possíveis exigências aos professores em início de Carreira Docente em termos relacionais*] (...) Em termos relacionais é sermos reflexivos, termos capacidade de reflexão daquilo que agimos, daquilo que fazemos. (...) Não esperar que sejam sempre os outros a dar o primeiro passo, tem que partir de cada um de nós dar um passo para que todos nos possamos encontrar no centro... (...)

[*Acerca das possíveis exigências aos professores em início de Carreira Docente em termos de avaliação*] (...) Estarmos activos e interessados e actualizados em tudo o que é feito, tudo o que é possível fazer-se... (...) Eu acredito que há docentes que não vão mudar e acredito que há docentes que não se vão adaptar, mas também acredito que há outros que se calhar vão fazer um trabalho muito bom se calhar melhor... (...)

[*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível pessoal*] (...) Estas novas medidas, se calhar há muitas mudanças, vamos começar pela carga horária, se os docentes como está proposto, tiverem que estar na escola trinta e cinco horas, se calhar vai alterar a vida de muitas pessoas, porque enquanto pessoas fora da escola têm um determinado tipo de actividade estão habituados a fazer determinadas coisas que se começarem a tar esse tempo na escola vão ter que optar, vão deixar de fazer... (...) o que eu sou enquanto pessoa se reflecte no que eu sou enquanto profissional, na docência não podemos separar, porque eu lido com seres humanos, ao lidar com seres humanos eu tou a por muito daquilo que eu sou, do que tenho na minha

vida pessoal na minha vida profissional... Eu aí defendo uma coisa que eu acho que é possível, enquanto profissionais não devemos misturar, enquanto profissionais devemos estar naquele espaço disponíveis para aquelas pessoas, não devemos trazer os nossos problemas para a escola, nem levar os nossos problemas para casa, que levamos muitas vezes... (...) de alguma forma os insucessos dos alunos são os nossos insucessos, apesar de muitas vezes nós não termos contribuído para aquele insucesso mas ao não conseguirmos o sucesso, o insucesso também é nosso e a nossa profissão do lado pessoal e profissional está sempre ligado. (...) não se consegue dissociar uma coisa da outra, agora se isto vai ter reflexos a nível pessoal dos docentes não sei, também há muitos docentes que trabalham na escola e trabalham cá fora, se calhar vão ter que... dosear... (...) É assim, tamos numa sociedade em que nos exige profissionalismo... (...) a nossa relação (...) com aquelas pessoas não é pontual, portanto elas começam a fazer parte da nossa vida e então há sempre uma interferência a nível pessoal, enquanto nas outras profissões se calhar isso não acontece... (...)

[*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível inter pessoal*] (...) Eu penso que (...) possivelmente numa primeira fase vai piorar, vai haver competição entre as pessoas e se calhar vamos fazer exactamente aquilo que não deveríamos fazer se nós nos unirmos se calhar todos conseguem uma performance alta (...) porque todos estamos a puxar a mesma carroça, se nos desunirmos, só alguns é que vão ter essa performance (...) se calhar os que têm espírito competitivo, não quer dizer que sejam os mais competentes, competitividade nem sempre é sinónimo de competência há pessoas que são muito competentes e não têm um espírito competitivo (...) e têm muita dificuldade em competir com os outros (...) porque ter capacidade de competência é ter capacidade de gerir conflitos e nem todas as pessoas têm essa capacidade, o que vai ser muito complicado a nível de relacionamento interpessoal. Agora é assim, se o docente for sensibilizado para ter a atitude completamente contrária... (...) vamo-nos unir para ficarmos mais fortes e para que o resultado seja melhor para todos e se calhar é uma mais valia.(...)

[*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível técnico, metodológico e didáctico*] (...) É através da formação. Tudo passa através da formação. A formação não se calhar como nós a concebemos neste momento... Mas

aquela formação em contexto, a formação reflexão, ou seja, reflectirmos sobre aquilo que não conseguimos, analisarmos o que conseguimos, o que é que resultou comigo e o que pode resultar com o outro colega que não aplicou (...) Para nós desenvolvermos essas competências técnicas também temos que nos unir e temos que reflectir no contexto e temos que analisar o que é feito... No fundo é analisar, desmontar, reflectir para melhor agir. (...) Passa pelo desenvolvimento de estratégias adequadas ao contexto, adequada aquele aluno, adequado ao espaço, adequado aos pais, adequado ao grupo de docentes... mas também passa pela formação, passa por essa reflexão e passa pelo... sentido das pessoas não perderem o barco. Todos os dias saem documentos, saem livros, saem textos, saem... notícias, sai informação, sai informação. Se calhar nós enquanto docentes deveríamos ler, deveríamos analisar... (...) apesar de nós acharmos que trinta e cinco horas numa escola são muitas horas, mas se a escola estiver organizada em que o docente após a sua actividade lectiva fique na escola a preparar actividades e que não vá para casa com nada, se calhar é uma coisa boa. Porque o ir para casa carregada com malas e mochilas e trabalhos, dá um desgaste muito grande. Se calhar deixamos de levar a escola para casa fica tudo na escola, na escola há um fundo de documentação que nós consultamos, que nós podemos ler, que nós podemos reflectir, que nós podemos melhor conhecer para melhor agir. (...)

[Acerca das estratégias de apoio aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas] (...) pode haver um apoio (...) Quando falo em formação, quando falo em reflexão, quando falo em análise, em partilha, estou a falar desses apoios. (...)

[Acerca das estratégias de apoio aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas, quanto à colaboração/cooperação] (...) Devemos partilhar, devemos colaborar, ir crescendo enquanto profissionais uns com os outros, uns com os outros e conosco próprios. Se eu enquanto docente não me interessar, nunca ler, nunca assistir a nada, possivelmente também não me vou... construir, não vou adquirir novos conhecimentos, não vou evoluir. Tem de partir da pessoa, a própria pessoa também, além da partilha com o outro também eu pessoalmente... tenho que ir evoluindo, tenho que ir construindo os meus conhecimentos, tenho que ir adquirindo novos conhecimentos (...) não posso também estar à espera que seja só o outro a me

dar, eu também terei que dar alguma coisa ao outro, e para isso, para eu dar alguma coisa ao outro, tenho que investir no meu conhecimento. É por isso que a investigação é fundamental no conhecimento que eu posso construir e que pode ser ou não uma mais valia para o outro. Eu não posso dar aos outros se eu não tiver. Mas o meu conhecimento também só é válido e só tem sentido e só é de alguma forma reconhecido (...) só é uma mais valia se eu conseguir partilhar o meu conhecimento com os outros, porque o nosso conhecimento só vale aquilo que nós partilhamos com os outros. Mas para isso cada um também tem que se auto formar, que seja feita através da formação, que seja feita através de muitas vezes iniciativa própria de cada um. Nós somos um grupo que tem que ser dinâmico, não podemos ser estáticos e o que acontece de alguns anos a esta parte é que as pessoas tiram o curso, vão dar as suas aulinhas, não há investimento a nível profissional (...) porque nós sabemos que se não tivermos uma motivação, para fazermos melhor, para construirmos, porque também não vamos à procura, acabamos por entrar na rotina e as rotinas são horríveis. (...) E há outra coisa que eu ainda não referi e que considero muito importante é a capacidade de dar aos nossos alunos a capacidade de construir o seu próprio saber. (...) Os docentes ficam na Escola, em condições, cada docente deve ter o seu computador, tem que ter a sua impressora, tem que ter o seu espaço, e só assim é que nos podem exigir. E tem que ter uma sala de professores condigna, aquecida ou arrefecida consoante a estação do ano (...) para as pessoas estarem confortáveis, poderem falar, poderem fazer o seu trabalho e produzirem bons resultados. (...)

[*Acerca das mudanças a operar na Formação Inicial de Professores, para preparar profissionalmente o professor*] (...) Neste momento, muitas Universidades já fazem o acompanhamento, nós sabemos que os docentes saem com uma formação (...) Eu acho que há um grande choque entre a Formação Inicial e depois a prática profissional. Os professores não saem preparados para a realidade que vão encontrar. São preparados como é que vão fazer, as metodologias, as teorias, estratégias e depois é assim, não são confrontados, com as situações que são as difíceis de gerir, como uma turma com diferentes níveis de aprendizagem, com dois ou três casos de deficiência e etc... Não são confrontados, não são preparados para gerir comportamentos mais diferenciados, às vezes desde os mais elementares até àqueles que são mais graves. Um comportamento uma vez na sala de aula pode não ser grave, mas há comportamentos que destabilizam a

sala de aula. Eu acho que as pessoas ficam de tal maneira constrangidas sem saber o que fazer para contornar essas situações. Há alguns professores que são mais rígidos e têm menos capacidade de relacionamento, pessoas mais inseguras, que precisam de mais ajuda, pessoas que também não querem essa ajuda, porque não foram também preparados para aquilo que foram encontrar. Se houver uma preparação a nível da Universidade, da realidade que existe neste momento, se calhar as pessoas quando chegam à docência não apanham, vamos lá, um balde de água fria. As pessoas tão preparadas para... situações muito complicadas (...) Tamos a falar de agressões verbais, em que há agressões físicas, em que há todo o tipo de agressão, aquilo a que muitas vezes o professor é sujeito e que não tem meios para agir. Isto, por outro lado, cria humilhação, cria desconforto, cria muitas vezes as depressões. Não há capacidade para agir porque também não nos ensinaram. O professor tem que arranjar estratégias para minimizar estas situações, que são situações de grande sofrimento, que levam ao desequilíbrio. O que se pretende fundamentalmente é formar cidadãos com mais competências cívicas, com mais competências relacionais. (...) É assim, eu acho que as didácticas, até a uma certa altura houve uma grande lacuna a nível da formação universitária (...) muitos dos docentes que vão para o 1º.ciclo, não têm conhecimento a nível didáctico e muitas vezes não sabem o que fazer para desenvolver numa criança determinada competência. (...) Se uma pessoa tiver uma boa estrutura, bons conhecimentos a nível didáctico, metodológico e técnico, consegue facilmente adaptar-se às mudanças e às situações reais da vida. Há áreas que são técnicas, há disciplinas que nós temos que saber como é que devemos desenvolvê-las, como é que devemos actuar e agir, para que melhores conhecimentos os nossos alunos venham a adquirir. Temos que ter auto-formação, temos que ter conhecimentos, temos que fazer uma aprendizagem, um trabalho colectivo e de equipa. (...) não podemos ficar parados. A evolução é tão rápida neste momento, que se nós não acompanharmos, perdemos-nos. E o que é que isso vai originar, vai criar no docente uma falta de confiança, uma auto-estima em baixo, uma insegurança muito grande. Para podermos acompanhar e termos confiança no que estamos a fazer, temos que consolidar os nossos conhecimentos. (...) se nós não vamos, ao longo da nossa vida, investindo na nossa formação, investindo nos nossos conhecimentos, possivelmente “perdemos o barco”, perdemos o traquejo, perdemos até a confiança. Temos que ter a noção que há pessoas que acompanham de

uma maneira e nós se calhar não acompanhamos da mesma maneira. Também isso gera alguma insegurança. É assim, para termos auto-confiança, naquilo que estamos a fazer, também temos que investir nos nossos conhecimentos.

[*Sobre estratégias de desenvolvimento da capacidade crítica, reflexiva e analítica nos futuros professores*] (...) ...eu acho que temos que ser participativos, comunicativos. Temos que ter capacidade de análise, de reflexão, de regulação de tudo o que é feito na escola, na sala de aula, sobretudo na sala de aula, que é aquilo que eles conhecem. (...) O futuro professor tem que aprender a saber ouvir, a adaptar o seu comportamento às necessidades dos alunos e só conseguirá fazê-lo como deve ser se tiver desenvolvido a sua capacidade crítica. Em termos de formação inicial acho que se deveriam fazer esforços para tornarem as pessoas mais responsáveis, sempre e em qualquer altura, desde a altura em que frequentam o ensino universitário até a altura em que iniciam a sua carreira docente. Têm que reflectir e têm que intervir. Nós não podemos conceber um professor que não tem espírito crítico, que não tem capacidade de argumentação, que não tenha capacidade de discurso. Um professor à partida tem que ter essas capacidades. Como professor tem que ser líder, tem que comunicar e a capacidade de comunicação tem que ser desenvolvida. (...) Os futuros professores têm que ter momentos para intervir, momentos de análise, de reflexão e de crítica, e a reorganização curricular aponta nesse sentido (...) E é assim, há momentos de exposição, momentos de trabalho de equipa, momentos de trabalho autónomo. Há um leque de estratégias que vai requerer trabalho por parte do professor, e vai culminar na comunicação. A comunicação é fundamental e comunicar também é intervir, também é discutir ideias e eu penso que se nós nas universidades não tivermos essa formação também não temos oportunidade para desenvolver essas capacidades. Temos que fazer análises críticas em contexto, mas para dar eu tenho que conhecer, para ensinar a criticar e a analisar tenho que o saber fazer.

Pré-categorização da Entrevista 2

Unidades de Sentido

1. [*Acerca das possíveis exigências da Carreira docente em termos de formação contínua*] (...) Ao longo dos anos houve um certo desfasamento entre aquilo que o ensino realmente necessita e a formação que muitas vezes é proposta. (...)
2. (...) Ou seja, a Formação não acompanhou a evolução e as necessidades dos docentes. (...)
3. (...) os Centros de Formação têm uma bolsa de formadores, muitas vezes essa Bolsa de formadores não abrange as áreas que os docentes têm necessidades de formação (...)
4. (...) a minha opinião é que é assim, muitas vezes os professores fazem formação só para ter os créditos (...)
5. (...) e não fazem formação para poderem ter uma mais valia a nível de conhecimentos para melhor agirem na acção, na sua prática pedagógica.(...)
6. (...) ... eu acho que a formação tem que ser feita em contexto... (...)
7. (...) com pessoas “expertas” nas áreas em que os docentes sentem que têm essas falhas (...) e que têm necessidade de formação (...)
8. (...) e não a formação que os formadores propõem aos centros e que os centros propõem às Escolas...(...)
9. (...) tem de vir de dentro para fora (...)
10. (...) e não de fora para dentro. (...)
11. [*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos pedagógicos*] (...) ...a história das exigências a nível pedagógico são sempre muito relativas. Neste momento, pedagogicamente o que é exigido é papel (...)
12. (...) O docente pode ser um excelente docente, pode não ter os papéis todos em ordem (...)
13. (...) se calhar pedagogicamente ter falhas mas se tiver os papéis todos em ordem e na sua acção não ser cem por cento real relativamente aos papéis que tem, se calhar é um excelente docente (...)
14. (...) porque a papelada é que vale. (...)
15. (...) a nível pedagógico as exigências nunca são práticas (...)
16. (...) quando deveriam ser práticas [as exigências pedagógicas]. (...)

17. (...) o que se faz na turma deveria ser reflexo de todo um conjunto de medidas que são uma mais valia para que haja um sucesso e um bem-estar, tanto dos alunos como do professor (...)
18. [*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos relacionais*]
(...) eu penso que há um grande percurso a percorrer, nós neste momento estamos a atravessar uma crise social que se reflecte nos afectos, que se reflecte na parte emocional, na parte relacional, porque é assim, a relação existe num conjunto de afectos, num conjunto de negociação. (...)
19. (...) Quando há uma falha conjuntural, isso reflecte-se na relação com o outro.
(...)
20. (...) Neste momento, eu penso que os docentes estão muito desgostosos (...)
21. (...) muitas vezes estão desmotivados e também por não terem tido, neste percurso, muitas vezes apoio (...)
22. (...) ...alguma reflexão, porque é assim, para nós nos relacionarmos bem também temos que reflectir sobre aquilo, a forma como agimos. (...)
23. (...) Apesar de ser assim, cada um relacionar-se ou não bem com o outro também tem a ver com a sua personalidade, tem a ver com aquilo que já tem na sua essência. (...)
24. (...) Não quer dizer que não possa ser educado, não possa ser trabalhado, é isso que se tem que fazer [capacidade de relacionamento]. (...)
25. (...) Portanto isto é assim, quem está na docência tem que se saber relacionar, senão não pode estar na docência. (...)
26. (...) Tem que se saber relacionar com o aluno (...)
27. (...) tem que se saber relacionar com os colegas (...)
28. (...) tem que se saber relacionar com a gestão (...)
29. (...) tem que se saber relacionar com toda a conjuntura que o cerca porque senão não consegue trabalhar. (...)
30. (...) Com os pais... também. É assim,... uma boa relação com os alunos parte duma boa relação com os pais. (...)
31. (...) Se há à partida um feed-back, nós enquanto docentes não temos que ter a ideia que sabemos tudo, que nós é que temos o domínio e nós é que controlamos a situação, não. (...)

32. (...) Nós estamos a servir. (...)
 33. (...) Nós servimos, os pais são clientes e os alunos são clientes... (...)
 34. (...) Nós temos que servir, como é assim, há uma dica, é assim, o cliente tem sempre razão. Mesmo que não tenha. (...)
 35. (...) Mesmo que nós saibamos que aquela pessoa não tem razão, nós temos que saber ouvir (...)
 36. (...) E temos que saber, como bons educadores que devemos ser, devemos ter a capacidade (...) de argumentarmos de maneira a não confrontarmos (...)
 37. (...) mas sim a fazermos ver a pessoa que se calhar não tem a razão total, mas sem entrar em confronto. (...)
 38. (...) O aspecto relacional é extremamente importante apesar de haver situações em que eu compreendo e sei que é praticamente impossível, porque há pessoas que não têm sequer a capacidade de se relacionar, o professor muitas vezes não consegue também fazer milagres. (...)
 39. (...) O docente tem que ter alguma humildade...(…)
 40. (...) Temos que ser humildes! (...)
 41. (...) Saber ouvir, para depois também fazermos ver ao outro que pode não ter razão (...)
 42. (...) Nós temos que dar o primeiro passo, porque nós é que somos docentes, nós é que somos educadores da relação (...)
 43. (...) Muitas vezes os pais não têm essa capacidade [de relação], portanto não estão preparados para isso. (...)
 44. (...) Portanto, de alguma forma, em situações normais tem que partir de nós [a facilitação do relacionamento] (...)
 45. (...) não podemos tar à espera que parta dos pais, porque nós no fundo estamos a servir, nós temos a dar um serviço à sociedade e, como tal, também temos que ter a humildade de saber ouvir o outro e só a partir daí é que podemos ter uma atitude, se calhar, menos simpática... (...)
 46. (...) Devemos ser imparciais. (...)
 47. [*Acerca das possíveis exigências da Carreira Docente em termos de avaliação*]
(...) É assim, é tudo muito discutível. Penso que a avaliação não pode ser feita nos moldes que tem sido até aqui... (...)
-

48. (...) Se temos que ter avaliação... Se de alguma maneira é justo termos avaliação... (...)
49. (...) Quando pensamos em avaliação temos que pensar que todos os funcionários públicos, que todas as carreiras tem que passar a haver uma avaliação...(…)
50. (...) Nós não temos que ser o bode expiatório da sociedade portuguesa neste momento, que é o que está a acontecer, nós somos o parente pobre (...)
51. (...) e os professores do 1º ciclo ainda são o parente mais pobre, porque são de alguma forma os que estão mais expostos... À visibilidade dos pais, à visibilidade da comunidade (...)
52. (...) porque nos expomos mais que os outros e então estamos mais sujeitos a críticas, vamos ter aqui uma situação de alguma forma delicada. (...)
53. (...) se a avaliação for p'ra todos, eu concordo com a avaliação, porque eu acho que se tem que distinguir de alguma forma quem trabalha, acho que é justo e quem não trabalha, quem não tem capacidade para estar naquela profissão (...)
54. (...) Nós também temos a formar pessoas. Temos que ter também a noção que as coisas têm que mudar e têm que melhorar (...)
55. (...) E como bons portugueses só muitas vezes entendemos quando somos apertados, se calhar as coisas começam a funcionar melhor. (...)
56. (...) Nós sabemos que a nossa avaliação até aqui, toda a gente desde que cumprisse dois requisitos, que era ter os créditos e faltas não injustificadas, ou seja, se no nosso processo tivéssemos os créditos feitos e as faltas todas justificadas progredíamos na carreira. (...)
57. (...) Até que ponto é que é justo? Até que ponto é que é justo pessoas que trabalharam, fizeram cursos, que investiram na Educação serem todas postas no mesmo saco. (...)
58. (...) Não quer dizer que vamos penalizar (...)
59. (...) mas é assim... se calhar podíamos promover aqueles que fizeram qualquer coisa mais. (...)
60. (...) Isto é tudo muito discutível, porque depois vêm os lobbys, vêm as pessoas que têm mais capacidade de argumentação e se calhar têm mais visibilidade (...)
-

61. (...) não quer dizer que tenham mais capacidade na prática enquanto docentes... que os outros que são muito mais calados, mas que no seu dia a dia e na sua prática docente fazem exactamente a mesma coisa ou até melhor, mas não são (...) pessoas que sejam visíveis. (...)
62. (...) Isto é muito complexo e a avaliação é sempre injusta, não há uma medida certa para uma nota certa. (...)
63. (...) Vamos criar injustiças, não tenho dúvida. (...)
64. (...) Os moldes em que a avaliação está feita eu acho que está muito má (...)
65. (...) ...ainda temos muita caminhada a fazer, eu acho que temos muito caminho a percorrer e muita coisa a fazer, muita coisa a reflectir, muita coisa a mudar e muita coisa a reestruturar (...)
66. (...) As mudanças não podem ser radicais, porque as mudanças não se fazem por decreto-lei (...)
67. (...) as mudanças fazem-se na cabeça das pessoas (...)
68. (...) a legislação pode sair cá p'ra fora e as pessoas podem ter a mesma atitude dentro da sala de aula, é por isso que não é assim que se muda. (...)
69. (...) Muda-se regulando, aferindo, melhorando, formando (...)
70. (...) não se regula penalizando. (...)
71. (...) O ensino não vai melhorar, vai criar muitas vezes uma situação de injustiça, de atropelos, de pessoas a ultrapassarem-se umas às outras (...)
72. (...) há pessoas que têm muito mais capacidade de argumentação e de se expor e de terem visibilidade (...) mas não quer dizer que tenham as outras capacidades (...) Para serem um bom docente. (...)
73. (...) E vai criar injustiças como qualquer sistema de avaliação. (...)
74. (...) Eu concordava sim com uma avaliação regulada, aferida nas escolas, por equipas que pudessem ajudar a melhorar numa primeira fase de melhoramento... (...)
75. (...) Eu se calhar ia mais para as equipas externas (...)
76. (...) uma equipa multifacetada que fosse capaz de avaliar (...)
77. (...) pessoas entendidas a nível da docência e que chegassem a todos os anos, nós sabíamos o que é que tínhamos que cumprir (...)
-

78. (...) com formação, íamos regulando o que é que conseguimos, o que é que não conseguíamos e é assim, quem se propôs a mudar, quem se propôs a formar, quem se propôs... a obter resultados no sentido... é assim que meios é que eu utilizei para promover o sucesso? (...)
79. (...) Não quer dizer que no final ele seja real, eu posso ter muitos caminhos e não chegar ao objectivo final. Os caminhos que eu propus se calhar são bons e era nesse sentido que eu penso que o nosso ensino poderia melhorar. (...)
80. [*Acerca das formas de adaptação dos docentes em início de Carreira Docente em termos de formação contínua*] (...) se a escola propuser aquilo que os docentes necessitam (...)
81. (...) e se a formação partir de dentro para fora possivelmente a formação é aquela que os docentes querem (...)
82. (...) depende também das pessoas que estão a dar a formação. (...)
83. (...) Mas se for participada...o docente como tem sempre uma palavra e é sempre ele também que participa na formação é mais fácil ir ao encontro das suas necessidades. (...)
84. (...) Eu penso que se a formação se forem os docentes da escola em contexto que procurem também as pessoas que têm conhecimentos naquelas áreas, pessoas que sabem que são uma mais valia e que podem dar um contributo, que podem dar um conhecimento mais válido e vão buscar essas pessoas para dar essa própria formação, que até pode ser docentes da mesma escola ou doutra escola do concelho, que é para a gestão dos recursos ser mais fácil ... possivelmente a formação vai ter mais êxito. (...)
85. [*Acerca das formas de adaptação dos docentes em início de Carreira Docente em termos pedagógicos*] (...) Eu acho que isso é um processo que já vem a ser feito há uns anos atrás... (...)
86. (...) eu penso que as pessoas que são receptivas, são sensíveis, que gostam daquilo que fazem vão-se adaptando,... vão-se estruturando, vão adquirindo novos conhecimentos e vão pondo em prática esses mesmos conhecimentos. (...)
87. (...) Para pessoas que gostam do que fazem, adaptar-se a uma nova realidade que não é uma realidade d'agora é uma realidade que vem mudando há anos (...)
-

88. (...) temos que saber que o nosso exercício, da nossa função, é um exercício em acção, não é um exercício estático e como exercício na acção que é temos que ir enriquecendo os nossos conhecimentos e também nos formandos, no sentido de mais valia e de positivo para podermos responder às novas realidades.(...)
89. [*Acerca das formas de adaptação dos docentes em início de Carreira Docente em termos relacionais*] (...) Em termos relacionais é sermos reflexivos, termos capacidade de reflexão daquilo que agimos, daquilo que fazemos. (...)
90. (...) Não esperar que sejam sempre os outros a dar o primeiro passo, tem que partir de cada um de nós dar um passo para que todos nos possamos encontrar no centro... (...)
91. [*Acerca das formas de adaptação dos docentes em início de Carreira Docente em termos de avaliação*] (...) Estarmos activos e interessados e actualizados em tudo o que é feito, tudo o que é possível fazer-se... (...)
92. (...) Eu acredito que há docentes que não vão mudar e acredito que há docentes que não se vão adaptar (...)
93. (...) mas também acredito que há outros que se calhar vão fazer um trabalho muito bom se calhar melhor (...)
94. [*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível pessoal*] (...) Estas novas medidas, se calhar há muitas mudanças, vamos começar pela carga horária, se os docentes como está proposto, tiverem que estar na escola trinta e cinco horas, se calhar vai alterar a vida de muitas pessoas, porque enquanto pessoas fora da escola têm um determinado tipo de actividade estão habituados a fazer determinadas coisas que se começarem a tar esse tempo na escola vão ter que optar, vão deixar de fazer (...)
95. (...) o que eu sou enquanto pessoa se reflecte no que eu sou enquanto profissional (...)
96. (...) na docência não podemos separar, porque eu lido com seres humanos, ao lidar com seres humanos eu tou a por muito daquilo que eu sou, do que tenho na minha vida pessoal na minha vida profissional... (...)
-

97. (...) Eu aí defendo uma coisa que eu acho que é possível, enquanto profissionais não devemos misturar, enquanto profissionais devemos estar naquele espaço disponíveis para aquelas pessoas (...)
98. (...) não devemos trazer os nossos problemas para a escola, nem levar os nossos problemas para casa, que levamos muitas vezes (...)
99. (...) de alguma forma os insucessos dos alunos são os nossos insucessos, apesar de muitas vezes nós não termos contribuído para aquele insucesso mas ao não conseguirmos o sucesso, o insucesso também é nosso (...)
100. (...) a nossa profissão do lado pessoal e profissional está sempre ligado. (...)
101. (...) não se consegue dissociar uma coisa da outra, agora se isto vai ter reflexos a nível pessoal dos docentes não sei, também há muitos docentes que trabalham na escola e trabalham cá fora, se calhar vão ter que... dosear... (...)
102. (...) É assim, tamos numa sociedade em que nos exige profissionalismo... (...)
103. (...) a nossa relação (...) com aquelas pessoas não é pontual, portanto elas começam a fazer parte da nossa vida e então há sempre uma interferência a nível pessoal, enquanto nas outras profissões se calhar isso não acontece... (...)
104. [*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível inter pessoal*] (...) Eu penso que (...) possivelmente numa primeira fase vai piorar (...)
105. (...) vai haver competição entre as pessoas e se calhar vamos fazer exactamente aquilo que não deveríamos fazer se nós nos unirmos (...)
106. (...) se calhar todos conseguem uma performance alta... porque todos estamos a puxar a mesma carroça (...)
107. (...) se nos desunirmos, só alguns é que vão ter essa performance... (...)
108. (...) se calhar os que têm espírito competitivo, não quer dizer que sejam os mais competentes, competitividade nem sempre é sinónimo de competência (...)
109. (...) há pessoas que são muito competentes e não têm um espírito competitivo e têm muita dificuldade em competir com os outros... (...)

110. (...) ... porque ter capacidade de competência é ter capacidade de gerir conflitos e nem todas as pessoas têm essa capacidade, o que vai ser muito complicado a nível de relacionamento interpessoal. (...)
111. (...) Agora é assim, se o docente for sensibilizado para ter a atitude completamente contrária... (...) vamo-nos unir para ficarmos mais fortes e para que o resultado seja melhor para todos e se calhar é uma mais valia. (...)
112. [*Acerca das competências exigidas aos docentes para transporem os novos desafios, a nível técnico, metodológico e didáctico*] (...) É através da formação. (...)
113. (...) Tudo passa através da formação. (...)
114. (...) A formação não se calhar como nós a concebemos neste momento... (...)
115. (...) Mas aquela formação em contexto, a formação reflexão, ou seja, reflectirmos sobre aquilo que não conseguimos, analisarmos o que conseguimos, o que é que resultou comigo e o que pode resultar com o outro colega que não aplicou (...)
116. (...) Para nós desenvolvermos essas competências técnicas também temos que nos unir (...)
117. (...) e temos que reflectir no contexto (...)
118. (...) e temos que analisar o que é feito... (...)
119. (...) No fundo é analisar, desmontar, reflectir para melhor agir. (...)
120. (...) Passa pelo desenvolvimento de estratégias adequadas ao contexto, adequada aquele aluno, adequado ao espaço, adequado aos pais, adequado ao grupo de docentes... (...)
121. (...) ... mas também passa pela formação, passa por essa reflexão e passa pelo... sentido das pessoas não perderem o barco. (...)
122. (...) Todos os dias saem documentos, saem livros, saem textos, saem... notícias,... sai informação, sai informação. Se calhar nós enquanto docentes deveríamos ler, deveríamos analisar (...)
123. (...) apesar de nós acharmos que trinta e cinco horas numa escola são muitas horas, mas se a escola estiver organizada em que o docente após a sua

- actividade lectiva fique na escola a preparar actividades e que não vá para casa com nada, se calhar é uma coisa boa. (...)
124. (...) Porque o ir para casa carregada com malas e mochilas e trabalhos, dá um desgaste muito grande. Se calhar deixamos de levar a escola para casa,... fica tudo na escola (...)
125. (...) na escola há um fundo de documentação que nós consultamos, que nós podemos ler, que nós podemos reflectir, que nós podemos melhor conhecer para melhor agir. (...)
126. [*Acerca das estratégias de apoio aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas*] (...) pode haver um apoio (...) Quando falo em formação, quando falo em reflexão, quando falo em análise, em partilha, estou a falar desses apoios. (...)
127. [*Acerca das estratégias de apoio aos docentes, enquanto classe profissional, para enfrentar as mudanças identificadas, quanto à colaboração/cooperação*] (...) Devemos partilhar, devemos colaborar, ir crescendo enquanto profissionais uns com os outros, uns com os outros e conosco próprios. (...)
128. (...) Se eu enquanto docente não me interessar, nunca ler, nunca assistir a nada, possivelmente também não me vou... construir, não vou adquirir novos conhecimentos, não vou evoluir. (...)
129. (...) Tem de partir da pessoa, a própria pessoa também (...)
130. (...) além da partilha com o outro também eu pessoalmente... tenho que ir evoluindo, tenho que ir construindo os meus conhecimentos, tenho que ir adquirindo novos conhecimentos (...)
131. (...) não posso também estar à espera que seja só o outro a me dar (...)
132. (...) eu também terei que dar alguma coisa ao outro, e para isso, para eu dar alguma coisa ao outro, tenho que investir no meu conhecimento. (...)
133. (...) É por isso que a investigação é fundamental no conhecimento que eu posso construir e que pode ser ou não uma mais valia para o outro. (...)
134. (...) Eu não posso dar aos outros se eu não tiver. (...)
-

135. (...) Mas o meu conhecimento também só é válido e só tem sentido e só é de alguma forma reconhecido (...) só é uma mais valia se eu conseguir partilhar o meu conhecimento com os outros (...)
136. (...) porque o nosso conhecimento só vale aquilo que nós partilhamos com os outros. (...)
137. (...) Mas para isso cada um também tem que se auto-formar, que seja feita através da formação, que seja feita através de muitas vezes iniciativa própria de cada um. (...)
138. (...) Nós somos um grupo que tem que ser dinâmico, não podemos ser estáticos (...)
139. (...) o que acontece de alguns anos a esta parte é que as pessoas tiram o curso, vão dar as suas aulinhas, não há investimento a nível profissional (...)
140. (...) porque nós sabemos que se não tivermos uma motivação, para fazermos melhor, para construirmos, porque também não vamos à procura, acabamos por entrar na rotina e as rotinas são horríveis. (...)
141. (...) E há outra coisa que eu ainda não referi e que considero muito importante é a capacidade de dar aos nossos alunos a capacidade de construírem o seu próprio saber. (...)
142. (...) Os docentes ficam na Escola, em condições, cada docente deve ter o seu computador, tem que ter a sua impressora, tem que ter o seu espaço, e só assim é que nos podem exigir. (...)
143. (...) E tem que ter uma sala de professores condigna, aquecida ou arrefecida consoante a estação do ano (...) para as pessoas estarem confortáveis, poderem falar, poderem fazer o seu trabalho e produzirem bons resultados. (...)
144. [*Acerca das mudanças a operar na Formação Inicial de Professores, para preparar profissionalmente o professor*] (...) Neste momento, muitas Universidades já fazem o acompanhamento (...)
145. (...) nós sabemos que os docentes saem com uma formação (...)
146. (...) Eu acho que há um grande choque entre a Formação Inicial e depois a prática profissional. Os professores não saem preparados para a realidade que vão encontrar. (...)
-

147. (...) São preparados como é que vão fazer, as metodologias, as teorias, estratégias e depois é assim, não são confrontados, com as situações que são as difíceis de gerir, como uma turma com diferentes níveis de aprendizagem, com dois ou três casos de deficiência e etc... (...)
148. (...) Não são confrontados, não são preparados para gerir comportamentos mais diferenciados, às vezes desde os mais elementares até àqueles que são mais graves. (...)
149. (...) Um comportamento uma vez na sala de aula pode não ser grave, mas há comportamentos que destabilizam a sala de aula. (...) Eu acho que as pessoas ficam de tal maneira constrangidas sem saber o que fazer para contornar essas situações. (...)
150. (...) Há alguns professores que são mais rígidos e têm menos capacidade de relacionamento, pessoas mais inseguras, que precisam de mais ajuda, pessoas que também não querem essa ajuda, porque não foram também preparados para aquilo que foram encontrar. (...)
151. (...) Se houver uma preparação a nível da Universidade, da realidade que existe neste momento, se calhar as pessoas quando chegam à docência não apanham, vamos lá, um balde de água fria. (...)
152. (...) As pessoas tão preparadas para... situações muito complicadas... Tamos a falar de agressões verbais, em que há agressões físicas, em que há todo o tipo de agressão, aquilo a que muitas vezes o professor é sujeito e que não tem meios para agir. (...)
153. (...) Isto, por outro lado, cria humilhação, cria desconforto, cria muitas vezes as depressões. (...)
154. (...) Não há capacidade para agir porque também não nos ensinaram. (...)
155. (...) O professor tem que arranjar estratégias para minimizar estas situações, que são situações de grande sofrimento, que levam ao desequilíbrio. (...)
156. (...) O que se pretende fundamentalmente é formar cidadãos com mais competências cívicas, com mais competências relacionais. (...)

157. (...) É assim, eu acho que as didácticas, até a uma certa altura houve uma grande lacuna a nível da formação universitária (...) muitos dos docentes que vão para o 1º.ciclo, não têm conhecimento a nível didáctico e muitas vezes não sabem o que fazer para desenvolver numa criança determinada competência. (...)
158. (...) Se uma pessoa tiver uma boa estrutura, bons conhecimentos a nível didáctico, metodológico e técnico, consegue facilmente adaptar-se às mudanças e às situações reais da vida. (...)
159. (...) Há áreas que são técnicas, há disciplinas que nós temos que saber como é que devemos desenvolvê-las, como é que devemos actuar e agir, para que melhores conhecimentos os nossos alunos venham a adquirir. (...)
160. (...) Temos que ter auto-formação, temos que ter conhecimentos, temos que fazer uma aprendizagem (...)
161. (...) [Temos quer fazer] um trabalho colectivo e de equipa. (...)
162. (...) ...não podemos ficar parados.(...)
163. (...) A evolução é tão rápida neste momento, que se nós não acompanharmos, perdemos-nos. (...)
164. (...) E o que é que isso vai originar, vai criar no docente uma falta de confiança, uma auto-estima em baixo, uma insegurança muito grande. (...)
165. (...) Para podermos acompanhar e termos confiança no que estamos a fazer, temos que consolidar os nossos conhecimentos. (...)
166. (...) se nós não vamos, ao longo da nossa vida, investindo na nossa formação, investindo nos nossos conhecimentos, possivelmente “perdemos o barco”, perdemos o traquejo, perdemos até a confiança. (...)
167. (...) Temos que ter a noção que há pessoas que acompanham de uma maneira e nós se calhar não acompanhamos da mesma maneira. (...) Também isso gera alguma insegurança. (...)
168. (...) É assim, para termos auto-confiança, naquilo que estamos a fazer, também temos que investir nos nossos conhecimentos. (...)
169. [*Sobre estratégias de desenvolvimento da capacidade crítica, reflexiva e analítica nos futuros professores*] (...) ...eu acho que temos que ser participativos, comunicativos. (...)
-

170. (...) Temos que ter capacidade de análise, de reflexão, de regulação de tudo o que é feito na escola, na sala de aula, sobretudo na sala de aula, que é aquilo que eles conhecem. (...)
171. (...) O futuro professor tem que aprender a saber ouvir, a adaptar o seu comportamento às necessidades dos alunos e só conseguirá fazê-lo como deve ser se tiver desenvolvido a sua capacidade crítica. (...)
172. (...) Em termos de formação inicial acho que se deveriam fazer esforços para tornarem as pessoas mais responsáveis, sempre e em qualquer altura, desde a altura em que frequentam o ensino universitário até a altura em que iniciam a sua carreira docente. (...)
173. (...) Têm que reflectir e têm que intervir. (...)
174. (...) Nós não podemos conceber um professor que não tem espírito crítico, que não tem capacidade de argumentação, que não tenha capacidade de discurso. (...) Um professor à partida tem que ter essas capacidades. (...)
175. (...) Como professor tem que ser líder (...)
176. (...) tem que comunicar e a capacidade de comunicação tem que ser desenvolvida. (...)
177. (...) Os futuros professores têm que ter momentos para intervir, momentos de análise, de reflexão e de crítica, e a reorganização curricular aponta nesse sentido (...)
178. (...) E é assim, há momentos de exposição, momentos de trabalho de equipa, momentos de trabalho autónomo. (...)
179. (...) Há um leque de estratégias que vai requerer trabalho por parte do professor, e vai culminar na comunicação. (...)
180. (...) A comunicação é fundamental e comunicar também é intervir, também é discutir ideias e eu penso que se nós nas universidades não tivermos essa formação também não temos oportunidade para desenvolver essas capacidades. (...)
181. (...) Temos que fazer análises críticas em contexto, mas para dar eu tenho que conhecer (...)
182. (...) para ensinar a criticar e a analisar tenho que o saber fazer. (...)
-

Categorização das Unidades de Sentido
Entrevista 2

1. EXIGÊNCIAS DA CARREIRA DOCENTE

1.1 A CURTO E MÉDIO PRAZO

1.1.1 FORMAÇÃO CONTÍNUA

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) ... eu acho que a formação tem que ser feita em contexto... (...) (6)
- (...) com pessoas “expertas” nas áreas em que os docentes sentem que têm essas falhas (...) e que têm necessidade de formação (...) (7)
- (...) tem de vir de dentro para fora (...) (9)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) Ao longo dos anos houve um certo desfasamento entre aquilo que o ensino realmente necessita e a formação que muitas vezes é proposta. (...) (1)
- (...) Ou seja, a Formação não acompanhou a evolução e as necessidades dos docentes. (...) (2)
- (...) os Centros de Formação têm uma bolsa de formadores, muitas vezes essa Bolsa de formadores não abrange as áreas que os docentes têm necessidades de formação (...) (3)
- (...) a minha opinião é que é assim, muitas vezes os professores fazem formação só para ter os créditos (...) (4)
- (...) e não fazem formação para poderem ter uma mais valia a nível de conhecimentos para melhor agirem na acção, na sua prática pedagógica. (...) (5)
- (...) e não a formação que os formadores propõem aos centros e que os centros propõem às Escolas... (...) (8)
- (...) e não de fora para dentro [o intuito da Formação]. (...) (10)

1.1.2 ASPECTOS PEDAGÓGICOS

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) quando deveriam ser práticas [as exigências pedagógicas]. (...) **(16)**
- (...) o que se faz na turma deveria ser reflexo de todo um conjunto de medidas que são uma mais valia para que haja um sucesso e um bem-estar, tanto dos alunos como do professor... (...) **(17)**

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) ...a história das exigências a nível pedagógico são sempre muito relativas. Neste momento, pedagogicamente o que é exigido é papel... (...) **(11)**
- (...) O docente pode ser um excelente docente, pode não ter os papéis todos em ordem (...) **(12)**
- (...) se calhar pedagogicamente ter falhas mas se tiver os papéis todos em ordem e na sua acção não ser cem por cento real relativamente aos papéis que tem, se calhar é um excelente docente (...) **(13)**
- (...) porque a papelada é que vale. (...) **(14)**
- (...) a nível pedagógico as exigências nunca são práticas (...) **(15)**

1.1.3 ASPECTOS RELACIONAIS

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) ...alguma reflexão, porque é assim, para nós nos relacionarmos bem também temos que reflectir sobre aquilo, a forma como agimos. (...) **(22)**
- (...) Não quer dizer que não possa ser educado, não possa ser trabalhado, é isso que se tem que fazer [capacidade de relacionamento]. (...) **(24)**
- (...) Portanto isto é assim, quem está na docência tem que se saber relacionar, senão não pode estar na docência. (...) **(25)**
- (...) Tem que se saber relacionar com o aluno (...) **(26)**
- (...) tem que se saber relacionar com os colegas (...) **(27)**
- (...) tem que se saber relacionar com a gestão (...) **(28)**

- (...) tem que se saber relacionar com toda a conjuntura que o cerca porque senão não consegue trabalhar. (...) **(29)**
- (...) Com os pais... também. É assim,... uma boa relação com os alunos parte duma boa relação com os pais. (...) **(30)**
- (...) Se há à partida um feed-back, nós enquanto docentes não temos que ter a ideia que sabemos tudo, que nós é que temos o domínio e nós é que controlamos a situação, não. (...) **(31)**
- (...) Mesmo que nós saibamos que aquela pessoa não tem razão, nós temos que saber ouvir (...) **(35)**
- (...) E temos que saber, como bons educadores que devemos ser, devemos ter a capacidade (...) de argumentarmos de maneira a não confrontarmos (...) **(36)**
- (...) mas sim a fazermos ver a pessoa que se calhar não tem a razão total, mas sem entrar em confronto. (...) **(37)**
- (...) ...o aspecto relacional é extremamente importante apesar de haver situações em que eu compreendo e sei que é praticamente impossível, porque há pessoas que não têm sequer a capacidade de se relacionar, o professor muitas vezes não consegue também fazer milagres. (...) **(38)**
- (...) O docente tem que ter alguma humildade... (...) **(39)**
- (...) Temos que ser humildes! (...) **(40)**
- (...) Saber ouvir, para depois também fazermos ver ao outro que pode não ter razão (...) **(41)**
- (...) Nós temos que dar o primeiro passo, porque nós é que somos docentes, nós é que somos educadores da relação (...) **(42)**
- (...) Muitas vezes os pais não têm essa capacidade, portanto não estão preparados para isso. (...) **(43)**
- (...) Portanto, de alguma forma, em situações normais tem que partir de nós [a facilitação do relacionamento] (...) **(44)**
- (...) não podemos tar à espera que parta dos pais, porque nós no fundo estamos a servir, nós temos a dar um serviço à sociedade e, como tal,

também temos que ter a humildade de saber ouvir o outro e só a partir daí é que podemos ter uma atitude, se calhar, menos simpática (...) **(45)**

- (...) O que se pretende fundamentalmente é formar cidadãos com mais competências cívicas, com mais competências relacionais. (...) **(156)**

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) eu penso que há um grande percurso a percorrer, nós neste momento estamos a atravessar uma crise social que se reflecte nos afectos, que se reflecte na parte emocional, na parte relacional, porque é assim, a relação existe num conjunto de afectos, num conjunto de negociação. (...) **(18)**
- (...) Quando há uma falha conjuntural, isso reflecte-se na relação com o outro. (...) **(19)**
- (...) Neste momento, eu penso que os docentes estão muito desgostosos (...) **(20)**
- (...) muitas vezes estão desmotivados e também por não terem tido, neste percurso, muitas vezes apoio (...) **(21)**
- (...) Apesar de ser assim, cada um relacionar-se ou não bem com o outro também tem a ver com a sua personalidade, tem a ver com aquilo que já tem na sua essência. (...) **(23)**
- (...) Nós estamos a servir. (...) **(32)**
- (...) Nós servimos, os pais são clientes e os alunos são clientes... (...) **(33)**
- (...) Nós temos que servir, como é assim, há uma dica, é assim, o cliente tem sempre razão. Mesmo que não tenha. (...) **(34)**
- (...) As pessoas tão preparadas para... situações muito complicadas... Tamos a falar de agressões verbais, em que há agressões físicas, em que há todo o tipo de agressão, aquilo a que muitas vezes o professor é sujeito e que não tem meios para agir. (...) **(152)**
- (...) Isto, por outro lado, cria humilhação, cria desconforto, cria muitas vezes as depressões. (...) **(153)**
- (...) Não há capacidade para agir porque também não nos ensinaram. (...) **(154)**

- (...) O professor tem que arranjar estratégias para minimizar estas situações, que são situações de grande sofrimento, que levam ao desequilíbrio. (...) (155)

1.1.4 AVALIAÇÃO ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Quando pensamos em avaliação temos que pensar que todos os funcionários públicos, que todas as carreiras tem que passar a haver uma avaliação... (...) (49)
- (...) se a avaliação for p'ra todos, eu concordo com a avaliação, porque eu acho que se tem que distinguir de alguma forma quem trabalha, acho que é justo e quem não trabalha, quem não tem capacidade para estar naquela profissão (...) (53)
- (...) Nós também temos a formar pessoas. Temos que ter também a noção que as coisas têm que mudar e têm que melhorar (...) (54)
- (...) Não quer dizer que vamos penalizar (...) (56)
- (...) mas é assim... se calhar podíamos promover aqueles que fizeram qualquer coisa mais. (...) (59)
- (...) ...ainda temos muita caminhada a fazer, eu acho que temos muito caminho a percorrer e muita coisa a fazer, muita coisa a reflectir, muita coisa a mudar e muita coisa a reestruturar... (...) (65)
- (...) As mudanças não podem ser radicais, porque as mudanças não se fazem por decreto-lei (...) (66)
- (...) as mudanças fazem-se na cabeça das pessoas (...) (67)
- (...) a legislação pode sair cá p'ra fora e as pessoas podem ter a mesma atitude dentro da sala de aula, é por isso que não é assim que se muda. (...) (68)
- (...) Muda-se regulando, aferindo, melhorando, formando (...) (69)
- (...) não se regula penalizando. (...) (70)

- (...) Eu concordava sim com uma avaliação regulada, aferida nas escolas, por equipas que pudessem ajudar a melhorar numa primeira fase de melhoramento... (...) (74)
- (...) Eu se calhar ia mais para as equipas externas (...) (75)
- (...) uma equipa multifacetada que fosse capaz de avaliar (...) (76)
- (...) pessoas entendidas a nível da docência e que chegassem a todos os anos, nós sabíamos o que é que tínhamos que cumprir (...) (77)
- (...) com formação, íamos regulando o que é que conseguimos, o que é que não conseguíamos e é assim, quem se propôs a mudar, quem se propôs a formar, quem se propôs... a obter resultados no sentido... é assim que meios é que eu utilizei para promover o sucesso? (...) (78)
- (...) Não quer dizer que no final ele seja real, eu posso ter muitos caminhos e não chegar ao objectivo final. Os caminhos que eu propus se calhar são bons e era nesse sentido que eu penso que o nosso ensino poderia melhorar. (...) (79)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) É assim, é tudo muito discutível. Penso que a avaliação não pode ser feita nos moldes que tem sido até aqui... (...) (47)
- (...) Se temos que ter avaliação... Se de alguma maneira é justo termos avaliação... (...) (48)
- (...) Nós não temos que ser o bode expiatório da sociedade portuguesa neste momento, que é o que está a acontecer, nós somos o parente pobre (...) (50)
- (...) e os professores do 1º ciclo ainda são o parente mais pobre, porque são de alguma forma os que estão mais expostos... À visibilidade dos pais, à visibilidade da comunidade (...) (51)
- (...) porque nos expomos mais que os outros e então estamos mais sujeitos a críticas, vamos ter aqui uma situação de alguma forma delicada. (...) (52)
- (...) E como bons portugueses só muitas vezes entendemos quando somos apertados, se calhar as coisas começam a funcionar melhor. (...) (55)

- (...) Nós sabemos que a nossa avaliação até aqui, toda a gente desde que cumprisse dois requisitos, que era ter os créditos e faltas não injustificadas, ou seja, se no nosso processo tivéssemos os créditos feitos e as faltas todas justificadas progredíamos na carreira. (...) **(56)**
- (...) Até que ponto é que é justo? Até que ponto é que é justo pessoas que trabalharam, fizeram cursos, que investiram na Educação serem todas postas no mesmo saco. (...) **(57)**
- (...) Isto é tudo muito discutível, porque depois vêm os lobbys, vêm as pessoas que têm mais capacidade de argumentação e se calhar têm mais visibilidade (...) **(60)**
- (...) Isto é muito complexo e a avaliação é sempre injusta, não há uma medida certa para uma nota certa. (...) **(62)**
- (...) Vamos criar injustiças, não tenho dúvida. (...) **(63)**
- (...) Os moldes em que a avaliação está feita eu acho que está muito má (...) **(64)**
- (...) O ensino não vai melhorar, vai criar muitas vezes uma situação de injustiça, de atropelos, de pessoas a ultrapassarem-se umas às outras (...) **(71)**
- (...) E vai criar injustiças como qualquer sistema de avaliação. (...) **(73)**

2. MUDANÇAS NA CARREIRA DOCENTE.

2.1. ADAPTAÇÕES ÀS MUDANÇAS NA CARREIRA DOCENTE

2.1.1. FORMAÇÃO CONTÍNUA

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) se a escola propuser aquilo que os docentes necessitam (...) **(80)**
- (...) e se a formação partir de dentro para fora possivelmente a formação é aquela que os docentes querem (...) **(81)**
- (...) depende também das pessoas que estão a dar a formação. (...) **(82)**
- (...) Mas se for participada...o docente como tem sempre uma palavra e é sempre ele também que participa na formação é mais fácil ir ao encontro das suas necessidades. (...) **(83)**
- (...) Eu penso que se a formação se forem os docentes da escola em contexto que procurem também as pessoas que têm conhecimentos naquelas áreas,

peessoas que sabem que são uma mais valia e que podem dar um contributo, que podem dar um conhecimento mais válido e vão buscar essas pessoas para dar essa própria formação, que até pode ser docentes da mesma escola ou doutra escola do concelho, que é para a gestão dos recursos ser mais fácil ... possivelmente a formação vai ter mais êxito. (...) (84)

- (...) Tudo passa através da formação. (...) (113)
- (...) A formação não se calhar como nós a concebemos neste momento... (...) (114)
- (...) Mas aquela formação em contexto, a formação reflexão, ou seja, reflectirmos sobre aquilo que não conseguimos, analisarmos o que conseguimos, o que é que resultou comigo e o que pode resultar com o outro colega que não aplicou (...) (115)

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*

2.1.2 CAMPO PEDAGÓGICO ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Eu acho que isso é um processo que já vem a ser feito há uns anos atrás (...) (85)
- (...) eu penso que as pessoas que são receptivas, são sensíveis, que gostam daquilo que fazem vão-se adaptando, vão-se estruturando, vão adquirindo novos conhecimentos e vão pondo em prática esses mesmos conhecimentos. (...) (86)
- (...) Para pessoas que gostam do que fazem, adaptar-se a uma nova realidade que não é uma realidade d'agora é uma realidade que vem mudando há anos (...) (87)
- (...) temos que saber que o nosso exercício, da nossa função, é um exercício em acção, não é um exercício estático e como exercício na acção que é temos que ir enriquecendo os nossos conhecimentos e também nos formandos, no

sentido de mais valia e de positivo para podermos responder às novas realidades. (...) (88)

- (...) Se uma pessoa tiver uma boa estrutura, bons conhecimentos a nível didáctico, metodológico e técnico, consegue facilmente adaptar-se às mudanças e às situações reais da vida. (...) (158)

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*

2.1.3. CAMPO RELACIONAL ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Em termos relacionais é sermos reflexivos, termos capacidade de reflexão daquilo que agimos, daquilo que fazemos. (...) (89)
- (...) Não esperar que sejam sempre os outros a dar o primeiro passo, tem que partir de cada um de nós dar um passo para que todos nos possamos encontrar no centro... (...) (90)

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*

2.1.4. AVALIAÇÃO ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Estarmos activos e interessados e actualizados em tudo o que é feito, tudo o que é possível fazer-se... (...) (91)
- (...) mas também acredito que há outros que se calhar vão fazer um trabalho muito bom se calhar melhor (...) (93)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) Eu acredito que há docentes que não vão mudar e acredito que há docentes que não se vão adaptar (...) (92)

3. COMPETÊNCIAS PARA A DOCÊNCIA

3.1. COMPETÊNCIAS EXIGIDAS AOS DOCENTES.

3.1.1. PESSOAIS

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Devemos ser imparciais. (...) (46)
- (...) Estas novas medidas, se calhar há muitas mudanças, vamos começar pela carga horária, se os docentes como está proposto, tiverem que estar na escola trinta e cinco horas, se calhar vai alterar a vida de muitas pessoas, porque enquanto pessoas fora da escola têm um determinado tipo de actividade estão habituados a fazer determinadas coisas que se começarem a tar esse tempo na escola vão ter que optar, vão deixar de fazer... (...) (94)
- (...) o que eu sou enquanto pessoa se reflecte no que eu sou enquanto profissional (...) (95)
- (...) na docência não podemos separar, porque eu lido com seres humanos, ao lidar com seres humanos eu tou a por muito daquilo que eu sou, do que tenho na minha vida pessoal na minha vida profissional... (96)
- (...) Eu aí defendo uma coisa que eu acho que é possível, enquanto profissionais não devemos misturar, enquanto profissionais devemos estar naquele espaço disponíveis para aquelas pessoas (...) (97)
- (...) não devemos trazer os nossos problemas para a escola, nem levar os nossos problemas para casa, que levamos muitas vezes (...) (98)
- (...) de alguma forma os insucessos dos alunos são os nossos insucessos, apesar de muitas vezes nós não termos contribuído para aquele insucesso mas ao não conseguirmos o sucesso, o insucesso também é nosso (...) (99)
- (...) a nossa profissão do lado pessoal e profissional está sempre ligado. (...) (100)
- (...) não se consegue dissociar uma coisa da outra, agora se isto vai ter reflexos a nível pessoal dos docentes não sei, também há muitos docentes

que trabalham na escola e trabalham cá fora, se calhar vão ter que... dosear... (...) **(101)**

- (...) É assim, tamos numa sociedade em que nos exige profissionalismo... (...) **(102)**
- (...) a nossa relação (...) com aquelas pessoas não é pontual, portanto elas começam a fazer parte da nossa vida e então há sempre uma interferência a nível pessoal, enquanto nas outras profissões se calhar isso não acontece... (...) **(103)**
- (...) Há áreas que são técnicas, há disciplinas que nós temos que saber como é que devemos desenvolvê-las, como é que devemos actuar e agir, para que melhores conhecimentos os nossos alunos venham a adquirir. (...) **(158)**

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) não quer dizer que tenham mais capacidade na prática enquanto docentes... que os outros que são muito mais calados, mas que no seu dia a dia e na sua prática docente fazem exactamente a mesma coisa ou até melhor, mas não são (...) pessoas que sejam visíveis. (...) **(61)**
- (...) há pessoas que têm muito mais capacidade de argumentação e de se expor e de terem visibilidade (...) mas não quer dizer que tenham as outras capacidades (...) Para serem um bom docente. (...) **(72)**
- (...) Porque o ir para casa carregada com malas e mochilas e trabalhos, dá um desgaste muito grande. Se calhar deixamos de levar a escola para casa,... fica tudo na escola. (...) **(124)**

3.1.2. INTERPESSOAIS ASPECTOS POSITIVOS

- (...) se calhar todos conseguem uma performance alta... porque todos estamos a puxar a mesma carroça (...) **(106)**
- (...) Agora é assim, se o docente for sensibilizado para ter a atitude completamente contrária... (...) vamo-nos unir para ficarmos mais fortes e

para que o resultado seja melhor para todos e se calhar é uma mais valia.

(...) (111)

- (...) Como professor tem que ser líder (...) (175)
- (...) tem que comunicar e a capacidade de comunicação tem que ser desenvolvida. (...) (176)
- (...) E é assim, há momentos de exposição, momentos de trabalho de equipa, momentos de trabalho autónomo. (...) (178)
- (...) Há um leque de estratégias que vai requerer trabalho por parte do professor, e vai culminar na comunicação. (...) (179)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) Eu penso que (...) possivelmente numa primeira fase vai piorar (...) (104)
- (...) vai haver competição entre as pessoas e se calhar vamos fazer exactamente aquilo que não deveríamos fazer se nós nos unirmos (...) (105)
- (...) se nos desunirmos, só alguns é que vão ter essa performance... (...) (107)
- (...) se calhar os que têm espírito competitivo, não quer dizer que sejam os mais competentes, competitividade nem sempre é sinónimo de competência (...) (108)
- (...) há pessoas que são muito competentes e não têm um espírito competitivo porque não foram educadas nesse sentido e têm muita dificuldade em competir com os outros... (...) (109)
- (...) porque ter capacidade de competência é ter capacidade de gerir conflitos e nem todas as pessoas têm essa capacidade, o que vai ser muito complicado a nível de relacionamento interpessoal. (...) (110)

3.1.3. TÉCNICAS, METODOLOGIAS E DIDÁCTICAS

- (...) É através da formação. (...) (112)

- (...) Para nós desenvolvermos essas competências técnicas também temos que nos unir (...) (116)
- (...) e temos que reflectir no contexto (...) (117)
- (...) e temos que analisar o que é feito... (...) (118)
- (...) No fundo é analisar, desmontar, reflectir para melhor agir. (...) (119)
- (...) Passa pelo desenvolvimento de estratégias adequadas ao contexto, adequada aquele aluno, adequado ao espaço, adequado aos pais, adequado ao grupo de docentes... (...) (120)
- (...) ... mas também passa pela formação, passa por essa reflexão e passa pelo... sentido das pessoas não perderem o barco. (...) (121)
- (...) Todos os dias saem documentos, saem livros, saem textos, saem... notícias, saem... sai informação, sai informação. Se calhar nós enquanto docentes deveríamos ler, deveríamos analisar (...) (122)
- (...) apesar de nós acharmos que trinta e cinco horas numa escola são muitas horas, mas se a escola estiver organizada em que o docente após a sua actividade lectiva fique na escola a preparar actividades e que não vá para casa com nada, se calhar é uma coisa boa. (...) (123)
- (...) na escola há um fundo de documentação que nós consultamos, que nós podemos ler, que nós podemos reflectir, que nós podemos melhor conhecer para melhor agir. (...) (125)

4. APOIO À CLASSE DOCENTE.

4.1. ESTRATÉGIAS DE APOIO À CLASSE DOCENTE, FACE ÀS MUDANÇAS IDENTIFICADAS

4.1.1. ACOMPANHAMENTO/ APOIO ASPECTOS POSITIVOS

- (...) É assim, pode haver um apoio (...) Quando falo em formação, quando falo em reflexão, quando falo em análise, em partilha, estou a falar desses apoios. (...) (126)

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*

4.1.2. COLABORAÇÃO/ COOPERAÇÃO ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Devemos partilhar, devemos colaborar, ir crescendo enquanto profissionais uns com os outros, uns com os outros e connosco próprios. (...) **(127)**
- (...) não posso também estar à espera que seja só o outro a me dar (...) **(131)**
- (...) eu também terei que dar alguma coisa ao outro, e para isso, para eu dar alguma coisa ao outro, tenho que investir no meu conhecimento. (...) **(132)**
- (...) Eu não posso dar aos outros se eu não tiver. (...) **(134)**
- (...) Mas o meu conhecimento também só é válido e só tem sentido e só é de alguma forma reconhecido (...) só é uma mais valia se eu conseguir partilhar o meu conhecimento com os outros (...) **(135)**
- (...) porque o nosso conhecimento só vale aquilo que nós partilhamos com os outros. (...) **(136)**
- (...) Os docentes ficam na Escola, em condições, cada docente deve ter o seu computador, tem que ter a sua impressora, tem que ter o seu espaço, e só assim é que nos podem exigir. (...) **(142)**
- (...) E tem que ter uma sala de professores condigna, aquecida ou arrefecida consoante a estação do ano (...) para as pessoas estarem confortáveis, poderem falar, poderem fazer o seu trabalho e produzirem bons resultados. (...) **(143)**
- (...) [Temos quer fazer] um trabalho colectivo e de equipa. É assim, não podemos ficar parados. (...) **(161)**

ASPECTOS NEGATIVOS

- *Não verificados*

5. FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES.

5.1. ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

5.1.1. ACOMPANHAMENTO/ APOIO

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Neste momento, muitas Universidades já fazem o acompanhamento (...) (144)
- (...) nós sabemos que os docentes saem com uma formação (...) (145)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) Eu acho que há um grande choque entre a Formação Inicial e depois a prática profissional. Os professores não saem preparados para a realidade que vão encontrar. (...) (146)
- (...) Há alguns professores que são mais rígidos e têm menos capacidade de relacionamento, pessoas mais inseguras, que precisam de mais ajuda, pessoas que também não querem essa ajuda, porque não foram também preparados para aquilo que foram encontrar. (...) (150)

5.1.2. EXPERIÊNCIA PRÁTICA

ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Se houver uma preparação a nível da Universidade, da realidade que existe neste momento, se calhar as pessoas quando chegam à docência não apanham, vamos lá, um balde de água fria. (...) (151)

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) São preparados como é que vão fazer, as metodologias, as teorias, estratégias e depois é assim, não são confrontados, com as situações que são as difíceis de gerir, como uma turma com diferentes níveis de aprendizagem, com dois ou três casos de deficiência e etc... (...) (147)
- (...) Não são confrontados, não são preparados para gerir comportamentos mais diferenciados, às vezes desde os mais elementares até àqueles que são mais graves. (...) (148)

- (...) Um comportamento uma vez na sala de aula pode não ser grave, mas há comportamentos que destabilizam a sala de aula. (...) Eu acho que as pessoas ficam de tal maneira constrangidas sem saber o que fazer para contornar essas situações. (...) (149)

5.1.3. COMPETÊNCIA TÉCNICO-DIDÁCTICA

ASPECTOS POSITIVOS

- *Não verificados*

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) É assim, eu acho que as didácticas, até a uma certa altura houve uma grande lacuna a nível da formação universitária (...) muitos dos docentes que vão para o 1º.ciclo, não têm conhecimento a nível didáctico e muitas vezes não sabem o que fazer para desenvolver numa criança determinada competência. (...) (157)

5.1.4. CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

- (...) Se eu enquanto docente não me interessar, nunca ler, nunca assistir a nada, possivelmente também não me vou... construir, não vou adquirir novos conhecimentos, não vou evoluir. (...) (128)
- (...) Tem de partir da pessoa, a própria pessoa também (...) (129)
- (...) além da partilha com o outro também eu pessoalmente... tenho que ir evoluindo, tenho que ir construindo os meus conhecimentos, tenho que ir adquirindo novos conhecimentos (...) (130)
- (...) É por isso que a investigação é fundamental no conhecimento que eu posso construir e que pode ser ou não uma mais valia para o outro. (...) (133)
- (...) Mas para isso cada um também tem que se auto-formar, que seja feita através da formação, que seja feita através de muitas vezes iniciativa própria de cada um. (...) (137)

- (...) e o que acontece de alguns anos a esta parte é que as pessoas tiram o curso, vão dar as suas aulinhas, não há investimento a nível profissional (...) **(139)**
- (...) E há outra coisa que eu ainda não referi e que considero muito importante é a capacidade de dar aos nossos alunos a capacidade de construírem o seu próprio saber. (...) **(141)**
- (...) Temos que ter auto-formação, temos que ter conhecimentos, temos que fazer uma aprendizagem (...) **(160)**
- (...) A evolução é tão rápida neste momento, que se nós não acompanharmos, perdemos-nos. (...) **(163)**

5.1.5. AUTOCONFIANÇA ASPECTOS POSITIVOS

- (...) Para podermos acompanhar e termos confiança no que estamos a fazer, temos que consolidar os nossos conhecimentos. (...) **(164)**
- (...) É assim, para termos auto-confiança, naquilo que estamos a fazer, também temos que investir nos nossos conhecimentos. (...) **(168)**

ASPECTOS NEGATIVOS

- (...) E o que é que isso vai originar [o professor não acompanhar a mudança], vai criar no docente uma falta de confiança, uma auto-estima em baixo, uma insegurança muito grande. (...) **(165)**
- (...) se nós não vamos, ao longo da nossa vida, investindo na nossa formação, investindo nos nossos conhecimentos, possivelmente “perdemos o barco”, perdemos o traquejo, perdemos até a confiança. (...) **(166)**
- (...) Temos que ter a noção que há pessoas que acompanham de uma maneira e nós se calhar não acompanhamos da mesma maneira. (...) Também isso gera alguma insegurança. (...) **(167)**

5.1.6. DINAMISMO

- (...) Nós somos um grupo que tem que ser dinâmico, não podemos ser estáticos (...) (138)
- (...) porque nós sabemos que se não tivermos uma motivação, para fazermos melhor, para construirmos, porque também não vamos à procura, acabamos por entrar na rotina e as rotinas são horríveis. (...) (140)
- (...) eu acho que temos que ser participativos, comunicativos. (...) (169)

5.1.7. CAPACIDADE CRÍTICA, ANALÍTICA E REFLEXIVA

- (...) Temos que ter capacidade de análise, de reflexão, de regulação de tudo o que é feito na escola, na sala de aula, sobretudo na sala de aula, que é aquilo que eles conhecem. (...) (170)
- (...) O futuro professor tem que aprender a saber ouvir, a adaptar o seu comportamento às necessidades dos alunos e só conseguirá fazê-lo como deve ser se tiver desenvolvido a sua capacidade crítica. (...) (171)
- (...) Em termos de formação inicial acho que deveriam fazer esforços para tornarem as pessoas mais responsáveis, sempre e em qualquer altura, desde a altura em que frequentam o ensino universitário até a altura em que iniciam a sua carreira docentes. (...) (172)
- (...) Têm que reflectir e têm que intervir. (...) (173)
- (...) Nós não podemos conceber um professor que não tem espírito crítico, que não tem capacidade de argumentação, que não tenha capacidade de discurso. (...) Um professor à partida tem que ter essas capacidades. (...) (174)
- (...) Os futuros professores têm que ter momentos para intervir, momentos de análise, de reflexão e de crítica, e a reorganização curricular aponta nesse sentido (...) (177)
- (...) A comunicação é fundamental e comunicar também é intervir, também é discutir ideias e eu penso que se nós nas universidades não tivermos essa

formação também não temos oportunidade para desenvolver essas capacidades. (...) **(180)**

- (...) Temos que fazer análises críticas em contexto, mas para dar eu tenho que conhecer (...) **(181)**
- (...) para ensinar a criticar e a analisar tenho que o saber fazer. **(182)**

ANEXO 4

ANÁLISE DE CONTEÚDO

(Quadro Geral de Comparação de Dados)

Análise de Conteúdo (Quadro Geral de Comparação de Dados)				
TEMA	Enunciação / Justificação	Entrevistado1	Entrevistado 2	Total 1
Exigências da Carreira docente	A. A curto e médio prazo			
	1. Formação contínua			
	Aspectos positivos			
	1.1 "A formação contínua deve estar sempre presente no percurso dos docentes."	1	0	1
	1.2 "Todos os docentes devem ser contemplados com essa formação."	1	0	1
	1.3 "A formação deve actualizar os docentes."	1	0	1
	1.4 "A formação deve proporcionar troca de experiências."	3	0	3
	1.5 "A formação deve proporcionar troca de saberes."	1	0	1
	1.6 "A formação devia decorrer na própria escola para todos os docentes."	1	0	1
	1.7 "A formação deve ser de acordo com as necessidades da escola."	2	2	4
	1.8 "A formação deve proporcionar o aprofundamento de certas matérias."	1	0	1
	1.9 "A formação deve contemplar experiências práticas."	1	0	1
	1.10 "Aprendemos sempre qualquer coisa nas formações."	1	0	1
	1.11 "Os docentes devem empenhar-se na formação."	2	0	2
	1.12 "As formações que temos são melhores que não ter nenhuma"	1	0	1
	1.13 "A formação deve ser desenvolvida por especialistas nas áreas específicas"	0	1	1
	Aspectos negativos			
	1.14 "No momento actual a formação contínua é imposta"	3	0	3
	1.15 "A motivação dos docentes é a apresentação de créditos."	2	1	3
	1.16 " A formação contínua não é genuína."	1	0	1
	1.17 " A formação contínua não é criativa."	1	0	1
	1.18 "A formação contínua não é aquela que nós necessitamos."	3	5	8
	1.19 "A formação que temos não possibilita troca de experiências."	1	0	1
	1.20 "O docente escolhe uma acção que já conhece para lhe facilitar o trabalho final."	1	0	1
	1.21 "O docente escolhe a acção de formação por ter um calendário mais sugestivo."	1	0	1
	1.22 " A formação actual não propicia o desenvolvimento profissional e relacional do docente."	3	1	4
	2. Aspectos pedagógicos			
	Aspectos positivos			
	2.1 "A escola deve reflectir sobre as suas necessidades."	2	0	2
	2.2 "A formação contínua deveria abranger as necessidades reais da escola."	2	0	2
	2.3 "As exigências a este nível deviam ser práticas."	0	2	2
	Aspectos negativos			
	2.4 "Neste momento, as exigências pedagógicas são papel."	0	4	4
	2.5 "A nível pedagógico as exigências nunca são práticas."	0	1	1
	3. Aspectos relacionais			
	Aspectos positivos			
	3.1 "O objectivo é uma boa conjugação de esforços entre professores."	1	0	1
	3.2 "Reflectir como a forma como agimos."	0	1	1

Exigências da Carreira docente	3.3 "Deve desenvolver-se a capacidade de relacionamento com a comunidade escolar." 3.4 "Os docentes devem assumir uma postura humilde." 3.5 "O docente deve saber ouvir os outros." 3.6 "O docente deve ter boa capacidade de argumentação sem confrontar." Aspectos negativos 3.7 "Competição entre professores impeditiva de um relacionamento saudável." 3.8 "A crise social que se atravessa reflecte-se na capacidade relacional." 3.9 "A falta de apoio aos docentes conduz à desmotivação." 3.10 "A capacidade de relacionamento tem que ver com a personalidade do docente." 3.11 "O docente deve ser subserviente." 3.12 "Os docentes não têm meios para agir contra agressões físicas e verbais." 3.13 "As agressões que sofre conduzem o docente ao desequilíbrio." 4. Avaliação Aspectos positivos 4.1 "Para avaliar a qualidade dos docentes o Ministério da Educação tem de vir ao terreno." 4.2 "A avaliação serve para distinguir a capacidade de trabalho dos docentes." 4.3 "A avaliação tem que mudar e melhorar." 4.4 "Avaliar não significa penalizar." 4.5 "Avaliação como promoção na carreira." 4.6 "Deve ocorrer uma mudança na atitude dos professores." 4.7 "A avaliação dos docentes deveria ser efectuada por uma equipa externa, composta por especialistas." 4.8 "A avaliação acompanhada de formação." Aspectos negativos 4.9 "No momento actual a formação contínua não contribui para a avaliação do docente." 4.10 "Só com remodelações de fundo o Ministério poderá saber a qualidade dos docentes." 4.11 "Hoje em dia são mais os pais que nos avaliam e dão valor que os nossos superiores." 4.12 "Os docentes acomodam-se às exigências que lhes são impostas." 4.13 "Se tem que haver avaliação, não pode ser feita nos moldes que tem sido até aqui." 4.14 "Os docentes não podem ser o bode expiatório da sociedade portuguesa." 4.15 "Só entendemos quando somos pressionados." 4.16 "Até que ponto é justo docentes que investiram na sua formação serem equiparados aqueles que não o fizeram" 4.17 "Os novos moldes de avaliação dos docentes vão criar muitas injustiças."			
		0	12	12
		0	3	3
		0	3	3
		0	2	2
		2	0	2
		0	2	2
		0	2	2
		0	1	1
		0	3	3
		0	2	2
		0	2	2
		2	0	2
		0	2	2
		0	1	1
		0	2	2
		0	1	1
		0	5	5
		0	4	4
		0	2	2
		3	0	3
		3	0	3
		1	0	1
		2	0	2
		0	3	3
		0	3	3
		0	1	1
		0	1	1
		0	6	6
TEMA	Enunciação / Justificação	Entrevistado1	Entrevistado 2	Total 1
Mudanças na Carreira Docente	A. Adaptações às mudanças na Carreira Docente 1. Formação contínua Aspectos positivos 1.1 "A formação contínua seria melhor a nível da escola, em contexto." 1.2 "A formação ao longo da carreira é de salutar." 1.3 "Os resultados da formação dependem dos formadores." 1.4 "A formação contínua deve ser participada." 1.5 "Tudo passa através da formação." 1.6 " A formação deve mudar." Aspectos negativos 1.7 "As mudanças na formação não estão a ser muito bem aceites." 1.8 "Continua a mesma questão dos créditos." 1.9 "Acho que a formação vai passar a ser a nível distrital." 1.10 "A formação será feita como oficina de trabalho marginalizando as artes."			
		2	4	6
		1	0	1
		0	1	1
		0	1	1
		0	1	1
		0	1	1
		1	0	1
		1	0	1
		2	0	2
		1	0	1

Mudanças na Carreira Docente	<div>1.11 "A futura formação obedece a uma selecção prévia."</div> <div>1.12 "O facto dos formadores serem de longe pode reestringir o acesso dos docentes a essa formação."</div> <div>1.13 "A transmissão de novas estratégias na formação é irreal."</div> <div>1.14 "No fundo a nova formação vem minimizar o papel das ESES."</div> <div>2. Campo pedagógico</div> <div>Aspectos positivos</div> <div>2.1 "As mudanças pedagógicas têm vindo a ocorrer há alguns anos."</div> <div>2.2 "Os docentes que gostam daquilo que fazem adaptam-se com facilidade às mudanças."</div> <div>Aspectos negativos</div> <div>2.3 "A mudanças apenas trará benefício para alguns docentes."</div> <div>3. Campo relacional</div> <div>Aspectos positivos</div> <div>3.1 "Em termos relacionais temos que ter capacidade de reflexão sobre as nossas acções."</div> <div>3.2 "Ter flexibilidade relacional para atingir um meio termo."</div> <div>Aspectos negativos</div> <div>3.3 "Perante a exclusão formativa os docentes tendem a reagir negativamente nos relacionamentos profissionais."</div> <div>4. Avaliação</div> <div>Aspectos positivos</div> <div>4.1 "Todos fomos avaliados no curso que fizemos no magistério."</div> <div>4.2 "Concordo mais com um acompanhamento ao longo da carreira."</div> <div>4.3 "As reciclagens com partilha de experiências são mais genuínas e saudáveis."</div> <div>4.4 "Formação sem peso de avaliação externa."</div> <div>4.5 "Devemos estar activos e interessados em tudo o que é feito e é possível fazer."</div> <div>4.6 "Com as mudanças na avaliação há docentes que se calhar vão fazer um trabalho melhor."</div> <div>Aspectos negativos</div> <div>4.7 "Condeno a acção formativa que sirva para avaliar os docentes."</div> <div>4.8 "Acredito que há docentes que não vão mudar, nem adaptar às mudanças."</div>			
		2	0	2
		2	0	2
		1	0	1
		1	0	1
		0	1	1
		0	4	4
		1	0	1
		0	1	1
		0	1	1
		4	0	4
		1	0	1
		1	0	1
		1	0	1
		1	0	1
		0	1	1
		0	1	1
		2	0	2
		0	1	1
TEMA	Enunciação / Justificação	Entrevistado1	Entrevistado 2	Total 1
Competências para a docência	<div>A. Competências exigidas aos docentes</div> <div>1. Pessoais</div> <div>Aspectos positivos</div> <div>1.1 "Deve haver um perfil do professor."</div> <div>1.2 "A sustentabilidade desse perfil deve partir do momento em que o futuro professor se candidata à ESE."</div> <div>1.3 "O futuro professor deve ter vocação."</div> <div>1.4 "O futuro docente deve ter cultura geral."</div> <div>1.5 "Ter uma postura correcta na forma como se apresenta e como se relaciona."</div> <div>1.6 "Não ser portador de vícios a olho nu."</div> <div>1.7 "Ter atitudes e gestos que sirvam de exemplo."</div> <div>1.8 "Nas ESES deveria haver uma triagem dos candidatos à docência."</div> <div>1.9 "Os professores devem valorizar a sua função."</div> <div>1.10 "Devemos ser imparciais."</div> <div>1.11 "O docente tem de adaptar a sua vida pessoal à nova carga horária."</div> <div>1.12 "O que eu sou enquanto pessoa reflecte-se enquanto profissional."</div> <div>1.13 "Não podemos misturar os nossos problemas pessoais com os profissionais."</div> <div>1.14 "Estamos numa sociedade que nos exige profissionalismo."</div>			
		1	0	1
		1	0	1
		1	0	1
		1	0	1
		2	0	2
		1	0	1
		2	0	2
		2	0	2
		3	0	3
		0	1	1
		0	1	1
		0	4	4
		0	4	4
		0	2	2

Competências para a docência	Aspectos negativos			
	1.15 "Temos vindo a assistir ao facto de que todos servem para serem professores."	1	0	1
	1.16 "Em Portugal temos que passas a valorizar o professor."	2	0	2
	1.17 "As capacidades para a docência não se resumem à capacidade de argumentação e visibilidade."	0	2	2
	1.18 "Levar para casa trabalhos da escola dá um desgaste muito grande ao docente."	0	1	1
	2. Interpessoais			
	Aspectos positivos			
	2.1 "O professor deve relacionar-se bem com toda a gente."	5	0	5
	2.2 "Ter capacidade de expor cordialmente as suas ideias."	1	0	1
	2.3 "Capacidade para gerir conflitos."	1	0	1
	2.4 "O professor deve ser educado com todos."	1	0	1
	2.5 "O professor deve interagir com os alunos de modo a que se sintam úteis."	2	0	2
	2.6 "O professor deve valorizar as origens dos alunos."	1	0	1
	2.7 "O professor deve fomentar a solidariedade entre os alunos."	1	0	1
	2.8 "Deve ser o motor de arranque para que o triângulo, escola, comunidade e família centrado no aluno funcione bem."	2	0	2
	2.9 "O professor deve valorizar os afectos."	2	0	2
	2.10 "Se os professores se unirem, todos conseguem uma performance alta."	0	1	1
	2.11 "Os docentes devem unir-se para ficarem mais fortes."	0	1	1
	2.12 "Como professor tem de ser líder."	0	1	1
	2.13 "O professor tem de desenvolver a capacidade de comunicação."	3	3	6
	Aspectos negativos			
	2.14 "Se o docente não promover o triângulo, escola, comunidade e família, este não funciona bem e gera insucesso escolar."	2	0	2
	2.15 "Numa primeira fase penso que vai haver competição entre os docentes."	0	2	2
	2.16 "Se os professores não forem unidos, nem todos conseguem uma performance alta."	0	1	1
	2.17 "Competitividade nem sempre é sinónimo de competência."	0	2	2
	2.18 "Ter capacidade de competência é ter capacidade de gerir conflitos e nem todas as pessoas têm essa capacidade."	0	1	1
</				

Apoio à classe docente	<p>Aspectos negativos</p> <p>1.5 "As pessoas não têm consciência dos limites e das regras."</p> <p>1.6 "As Instituições contribuem para a descredibilização dos docentes perante as famílias dos alunos."</p> <p>1.7 "Tem de haver uma mudança de mentalidades na sociedade portuguesa."</p> <p>2. Colaboração/ cooperação</p> <p>Aspectos positivos</p> <p>2.2 "A colaboração da família, quando salutar, é sempre benéfica."</p> <p>2.3 "Nos últimos tempos tem havido um apelo à colaboração das famílias."</p> <p>2.4 "A colaboração das famílias deve operar-se sem interferência no trabalho do professor."</p> <p>2.5 "A colaboração entre escola, comunidade e família beneficia o sucesso do aluno."</p> <p>2.6 "Devemos partilhar, colaborar e ir crescendo enquanto profissionais uns com os outros."</p> <p>2.7 "Só posso partilhar se investir no meu conhecimento."</p> <p>2.8 "O meu conhecimento só é válido se eu o partilhar com os outros."</p> <p>2.9 "Os docentes têm que ter boas condições de trabalho."</p> <p>2.10 "Temos que fazer um trabalho colectivo e de equipa."</p> <p>Aspectos negativos</p> <p>2.11 "A colaboração da família não resulta se consistir na interferência e na fiscalização."</p>			
		1	0	1
		3	0	3
		1	0	1
		1	0	1
		1	0	1
		2	0	2
		2	0	2
		0	2	2
		0	2	2
		0	2	2
		0	2	2
		0	1	1
		2	0	2
TEMA	Enunciação / Justificação	Entrevistado1	Entrevistado 2	Total 1
Formação Inicial de professores	<p>A. Estratégias de acção para a Formação Inicial de Professores</p> <p>1. Acompanhamento/apoio</p> <p>Aspectos positivos</p> <p>1.1 "A mudança tem que começar na ESSE, na formação dos professores."</p> <p>1.2 "Cada fornada de professores que sai das ESES devia vir muito bem preparada para o terreno."</p> <p>1.3 "Deve haver propostas governamentais dirigidas às ESES no sentido de formarem professores aptos."</p> <p>1.4 "As ESES devem ter professores especializados."</p> <p>1.5 "Neste momento muitas universidades já fazem o acompanhamento."</p> <p>1.6" Nós sabemos que os docentes saem com formação das ESES."</p> <p>Aspectos negativos</p> <p>1.7 "Hoje em dia os professores saem das ESES inaptos."</p> <p>1.8"A aptidão para ensinar bem resulta do acumular de experiências."</p> <p>1.9 "Os professores saem das ESES com a teoria, mas muitas vezes não a sabem pôr na prática."</p> <p>2. Experiência prática</p> <p>Aspectos positivos</p> <p>2.1 "Toda a teoria devia ser acompanhada de situações práticas."</p> <p>2.2 "Com uma boa prática o professor sabe o que vai encontrar na realidade."</p> <p>2.3 "É muito importante estagiarem nos quatro anos de escolaridade."</p>			
		3	0	3
		2	0	2
		1	0	1
		3	0	3
		0	1	1
		0	1	1
		1	2	3
		2	0	2
		2	0	2
		8	0	8
		1	1	2
		2	0	2
	Aspectos negativos			

Formação Inicial de professores	2.4 "Os professores são preparados na teoria, mas não são confrontados com as situações difíceis de gerir."	0	3	3
		4	0	4
		0	1	1
		3	8	11
		1	0	1
		0	1	1
		1	0	1
		0	2	2
		0	2	2
		0	1	1
		2	1	3
		3	0	3
		0	1	1
		0	1	1
		1	1	2
		2	0	2
		4	1	5
		0	3	3
		0	1	1
		0	1	1
		0	1	1
		0	1	1

TOTAL 1 = número de respostas

TOTAL 2 = número de entrevistados

KO 4

Total 2
1
1
1
1
1
1
2
1
1
1
1
1
1
1
2
1
1
2
1
1
1
2
1
1
1
1
1
1
1

1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
Total 2
2
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1

1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
Total 2
1
1
1
1
1
1
1
$\frac{1}{1}$
1
1
1
1

1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
2
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
Total 2
1
1
1
1

1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
1
Total 2
1
1
1
1
1
1
2
1
1
1
2
1

1
1
1
2
1
1
1
1
1
1
2
1
1
1
2
1
2
1
1
1
1
1
1

ANEXO 5

QUESTIONÁRIO

Questionário

O presente inquérito insere-se na investigação subordinada ao Tema “Perspectivas sobre o futuro da Carreira Docente” e constituirá a minha Dissertação do Mestrado em Supervisão - Especialização em 1º Ciclo. Tem por objectivo primordial a recolha de informação relativa às representações de professores em fim de carreira, de forma a perspectivar o futuro da carreira docente. As informações recolhidas são confidenciais e será salvaguardado o anonimato. Muito Grata pela sua colaboração.

1. Dados pessoais (selecione apenas uma opção).

1.1. Género

☐ Feminino☐ Masculino

1.2. Idade

☐ = < 45☐ 46 – 48☐ 49-51☐ 52 – 54☐ > 55

1.3. Tempo de serviço

☐ 25 anos☐ 26 – 28 anos☐ 29-31 anos☐ 32-34 anos☐ > 34 anos

2. Exigências da Carreira Docente.

2.1. Na sua opinião, quais as possíveis exigências da Carreira Docente a curto e médio prazo, em termos de formação contínua? (selecione 1 ou mais opções).

☐ Formação no contexto educativo dos docentes.☐ Formação orientada para as necessidades individuais de cada escola.☐ Formação orientada para as necessidades dos professores.☐ Formação dinamizada por especialistas nas diferentes áreas.☐ Outra(s). Qual(is)? _____

2.2. Quais as possíveis exigências da Carreira Docente no que respeita a aspectos pedagógicos? (selecione 1 ou mais opções).

- ☐ Aumento dos “aspectos burocráticos”.
- ☐ Redução dos “aspectos burocráticos”.
- ☐ Melhor preparação do corpo docente.
- ☐ Maior cooperação/colaboração entre docentes.
- ☐ Maior partilha de saberes e experiências entre docentes.
- ☐ Outra(s). Qual(is)? _____

2.3. Quanto a possíveis exigências da Carreira Docente em termos de aspectos relacionais? (selecione 1 ou mais opções).

- ☐ Capacidade de relacionamento com a comunidade escolar.
 - ☐ Os docentes devem assumir uma postura de humildade e receptividade.
 - ☐ A competitividade na classe docente impede um relacionamento saudável.
 - ☐ Os docentes devem ter capacidade de argumentação sem confronto.
 - ☐ Os docentes devem ser subservientes.
 - ☐ A desvalorização dos docentes dificulta a capacidade relacional.
 - ☐ Outra(s). Qual(is)? _____
-

2.4. Quanto a possíveis exigências da Carreira Docente no que respeita à avaliação? (selecione 1 ou mais opções).

- ☐ Mudanças de atitude dos docentes.
 - ☐ Avaliação por uma equipa externa.
 - ☐ Avaliação acompanhada de formação.
 - ☐ Avaliação para distinguir a capacidade de trabalho dos docentes.
 - ☐ Novo sistema de avaliação poderá criar injustiças.
 - ☐ Outra(s) exigência(s). Qual(is)? _____
-

3. Formas de adaptação às mudanças na Carreira Docente.

3.1. Na sua opinião, quais as possíveis formas dos docentes se adaptarem às mudanças que se perspectivam, a nível de formação contínua? (selecione 1 ou mais opções).

- ☐ Delineamento de um plano individual de formação.
 - ☐ Selecção criteriosa de acções de formação adequadas ao nível de ensino leccionado.
 - ☐ Necessidade de mais acções de formação em contexto prático.
 - ☐ Selecção de acções de formação adequadas à especificidade da comunidade escolar.
 - ☐ Realização de acções de formação na Escola.
 - ☐ Outra(s) forma(s). Qual(is)? _____
-

3.2. A nível pedagógico, como podem os docentes adaptar-se às novas mudanças? (selecione 1 ou mais opções).

- ☐ Investir na inovação pedagógica.
 - ☐ Dinamizar novas estratégias de ensino.
 - ☐ Utilização de novas tecnologias.
 - ☐ Outra(s) forma(s). Qual(is)? _____
-

3.3. A nível relacional, quais as possíveis formas dos docentes se adaptarem às mudanças que se perspectivam? (selecione 1 ou mais opções).

- ☐ Cultivar o relacionamento harmonioso com os encarregados de educação.
 - ☐ Proporcionar uma intervenção mais activa da comunidade educativa na escola.
 - ☐ Estreitar laços de cooperação e colaboração entre docentes.
 - ☐ Outra(s) forma(s). Qual(is)? _____
-

3.4. Em relação à avaliação, o que devem fazer os docentes para melhor se adaptarem às mudanças que se prevêem? (selecione 1 ou mais opções).

- ☐ Cumprir todos os requisitos em termos legislativos e documentais.
 - ☐ Participação em Formações Contínuas.
 - ☐ Capacidade de intervenção na dinâmica da comunidade.
 - ☐ Investimento na inovação educativa.
 - ☐ Outra(s). Qual(is)? _____
-

4. Competências para a docência.

4.1. Quais considera serem as competências exigidas aos docentes para transporem os desafios que se avizinham, a nível pessoal e interpessoal? (seleccione 1 ou mais opções).

- ☐ Aptidão, gosto e vocação para a docência.
 - ☐ Capacidade de comunicação e relacionamento.
 - ☐ Apresentação cuidada e postura correcta.
 - ☐ Disponibilidade.
 - ☐ Profissionalismo.
 - ☐ Capacidade de cooperação/colaboração.
 - ☐ Capacidade de gestão de conflitos.
 - ☐ Ponderação e bom senso.
 - ☐ Humildade.
 - ☐ Outra(s). Qual(is)? _____
-

4.2. Quais considera serem as competências exigidas aos docentes para transporem os desafios que se avizinham, a nível técnico, metodológico e didáctico? (seleccione 1 ou mais opções).

- ☐ Conhecimento metodológico, didáctico e técnico alargado.
 - ☐ Constante procura de actualização e alargamento dos conhecimentos.
 - ☐ Capacidade de auto-análise, auto-crítica e reflexão sobre a sua prática.
 - ☐ Capacidade de acção e adaptação da prática pedagógica ao contexto educativo.
 - ☐ Participação em situações de Formação contínua em contexto.
 - ☐ Capacidade de partilha e troca de experiências e saberes.
 - ☐ Outra(s). Qual(is)? _____
-

5. Estratégias de apoio à classe docente.

5.1. Quais as estratégias de acompanhamento/apoio, colaboração/cooperação e Intercâmbio de experiências e conhecimentos entre docentes com vista à sua adaptação às mudanças previstas? (seleccione 1 ou mais opções).

- ☐ Maior credibilização do docente.
- ☐ Maior valorização da carreira docente.
- ☐ Maior colaboração/apoio dos encarregados de educação.
- ☐ Menor interferência de factores externos na sala de aula.
- ☐ Boa articulação Escola/Família/Comunidade.
- ☐ Maior união da classe docente.
- ☐ Maior investimento no desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes.

☐ Melhores condições de trabalho.

☐ Outra(s). Qual(is)? _____

6. Formação Inicial de professores.

6.1. Quais as estratégias de acção para a Formação Inicial de Professores, numa perspectiva de os preparar melhor profissionalmente? (selecione 1 ou mais opções).

☐ Existência de formadores especializados nas áreas a leccionar pelos futuros professores.

☐ Aposta em formadores com experiência prática comprovada.

☐ Práticas pedagógicas mais alargadas no tempo.

☐ Práticas pedagógicas mais diversificadas e abrangentes.

☐ Práticas pedagógicas orientadas para situações mais adequadas à realidade.

☐ Outra(s). Qual(is)? _____

6.2. Que estratégias de acção implementar na Formação Inicial de Professores, para desenvolver as capacidades crítica, analítica e reflexiva nos futuros professores? (selecione 1 ou mais opções).

☐ Inculcar nos futuros professores a responsabilidade pela construção do seu próprio conhecimento.

☐ Transmitir-lhes com clareza e rigor as funções dos docentes.

☐ Inculcar nos futuros professores a receptividade e adaptabilidade à mudança, promovendo a auto-confiança.

☐ Promover estratégias de desenvolvimento do dinamismo nos futuros docentes.

☐ Proporcionar-lhes ocasiões de análise, crítica e reflexão sobre a sua acção.

☐ Inculcar nos futuros professores a necessidade de reformulação da sua acção.

☐ Outra(s). Qual(is)? _____

Grata pela colaboração!

